Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Segunda-feira 8.4.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 599 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

SILENCIAMENTO

MP arquiva denúncia de violação em hospital psiquiátrico

RECONHECE "INCAPACIDADE" DA VÍTIMA, MAS ADMITE QUE SEXO POSSA TER SIDO CONSENTIDO

Deficiente intelectual acusou outro internado de a ter violado. O MP, apesar de reconhecer a incapacidade de autodeterminação sexual da vítima, admite que sexo pode ter sido consentido, arquivou inquérito e recusa reabri-lo. Estudos indicam que 70% das mulheres internadas em unidades psiquiátricas sofrem de abuso físico ou sexual. "Uma realidade escondida, silenciada", alerta investigadora.

PÁGS. 4-7

ADELINO MEIRELES / GLOBAL IMAGENS

ONDE ESTAVA HÁ 50 ANOS LUÍS FILIPE PAVÃO PAGINADOR PÁG. 3

PSD E PS

São mais as propostas que os unem do que as que os separam

PÁGS. 8-9

FORÇAS ARMADAS

Belém pede "sensibilidade" e urgência a Nuno Melo e Miranda Sarmento

PÁG. 10

SAÚDE

A relação da covid longa com a fadiga crónica

PÁG. 12

ESTADOS UNIDOS

Há um novo Kennedy candidato à Casa Branca, mas a família de JFK apoia Biden PÁGS. 18-19

BRASIL

Os conflitos com a herança de Gal Costa PÁG. 25

KARIM LEKLOU

A nova revelação do cinema francês no filme sensação *Vincent Tem de Morrer*

PÁG. 24

Editorial

Valentina Marcelino
Diretora adjunta do Diário de Notícias

Combate à corrupção: já, mais e melhor

O governo comprometeu-se, no seu primeiro dia de trabalho, a "promover a aprovação célere de uma agenda ambiciosa, eficaz e consensual de combate à corrupção" no prazo de dois meses. Neste sábado, no Conselho de Ministros informal em Óbidos, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, reforçou a ideia de um governo reformista, que precisa de fazer rápido, mas bem, e que não pode apresentar falhas éticas – uma referência aos "casos e casinhos" do governo do antecessor, António Costa.

Na sua tomada de posse, Montenegro tinha frisado que o combate à corrupção tem de ser "nacional", "mobilizar todos". Anunciou depois que Rita Júdice, ministra da Justiça, será a interlocutora junto dos partidos para encetar um diálogo alargado sobre o tema. O objetivo é procurar alcançar algo importante: "Consensos numa área crucial."

Poucos governos tiveram como este, da Aliança Democrática (AD), uma oportunidade tão formidável para apresentar resultados efetivos nesta tão aclamada bandeira. O primeiro passo é reconhecer que parte do caminho foi construído pelo anterior Executivo, que reforçou como nenhum outro as capacidades, em meios humanos e materiais, da Polícia Judiciária (PJ), e continuar esse percurso.

Sem subestimar todas as iniciativas de sensibilização, estratégias ou "mecanismos" (como o nado-morto que é o Mecanismo Anticorrupção), é na capacidade de investigar, acusar, julgar e condenar (se for o caso) no mais curto espaço de tempo possível que está a maior prevenção geral – aquela através da qual toda a sociedade sente que não há impunidade para corruptos, num efetivo sinal para todos.

Ora, a PJ passou de menos de mil inspetores em 2018 para cerca de dois mil em 2024, já contando com os inspetores do SEF que transitaram para este corpo superior de polícia. A Unidade Nacional de Combate à Corrupção elevou em mais 40% o seu número de inspetores.

Porém, para atingir resultados que possam derrotar a persistente perceção de que somos um "país de corruptos" é fundamental garantir qualidade e celeridade nas investigações. Se a primeira condição pode estar garantida pelos investigadores e pelos magistrados do MP, a segunda necessita que a estes se junte uma outra classe profissional: a dos peritos, que dão apoio técnico-científico especializado à investigação criminal.

É conhecido por todos quantos estão envolvidos nestas matérias o vasto volume de elementos probatórios informáticos/digitais e bancários/contabilísticos que é apreendido em buscas no âmbito dos inquéritos de corrupção.

E todos, principalmente no MP, lamentam a demora na sua análise e síntese – que quase sempre exige *software* avançado para que se quebrem *passwords* e se aceda à informação – até ao relatório final, que só chega à secretária dos investigadores meses ou anos depois, arrastando a investigação por muito mais tempo. Muitas vezes só depois de estes relatórios concluídos é possível avançar para a identificação de todos os envolvidos.

As perícias informáticas/digitais, contabilísticas, financeiras e fiscais são, pois, a alma de uma investigação de suspeitas de corrupção e criminalidade económico-financeira associada. Se o governo da AD quer mesmo "promover a aprovação célere de uma agenda ambiciosa, eficaz e consensual de combate à corrupção", pode também dar atenção a este detalhe, pouco falado no grande público mas sempre fonte de preocupação para quem investiga.

O desafio é o seguinte: a PJ já admitiu cerca de uma centena de peritos nos últimos dois anos e está previsto em portaria que até 2027 sejam admitidos mais 150. Porque não antecipar essas admissões já para este ano, uma vez que elas terão de se efetivar? Ou, no mínimo, nos próximos dois anos? Se Luís Montenegro quer mesmo apresentar resultados desta bandeira que ergueu como prioritária, porque não ir mais longe que o PS, mostrando uma diferença visível aos olhos de todos?

Seria algo com enormes consequências, um arranque simples – dificilmente não aplaudido por todos os partidos – para outras possíveis reformas que a AD defende no seu programa, que inclui "reforçar os meios humanos e materiais para a investigação". Tranquilamente, passaria depois para os outros eixos da sua estratégia. Talvez não insistir na demagógica criminalização do enriquecimento ilícito, que implicaria a inversão do ónus da prova e que o Tribunal Constitucional já chumbou nos termos em que foi proposto, mas outras medidas exequíveis e emblemáticas, como agravar a pena acessória de proibição do exercício de cargos públicos por parte de condenados, regulamentar o lóbi ou até fazer um *ranking* de transparência e ética de entidades públicas, são alguns exemplos.

Numa fase já a jusante do inquérito criminal, a de instrução, poderiam também fazer a diferença alguns ajustes – sempre pensando em processos com qualidade e com resultados mais rápidos para a essencial prevenção geral. Numa entrevista ao *JN*, o novo presidente do Sindicato dos Magistrados do MP, Paulo Lona, declarou: "Não há dúvida de que é preciso repensar a fase de instrução, enquanto fase facultativa do processo penal, com a duração máxima de quatro meses, e que se transformou, em alguns casos, num julgamento antes do julgamento. No caso de existir uma acusação finda a fase de inquérito, tenho muitas dúvidas se esta fase processual continua a fazer sentido."

Numa entrevista ao *Expresso*, o também estreante presidente da Associação Sindical dos Juízes Portugueses, Nuno Matos, entende que "não faz sentido o uso excessivo de ferramentas processuais que levem à eternização dos processos", defendendo que "tem de haver limites aos recursos". Quanto à fase instrutória, é perentório: "Acho que só devia existir em casos muito pontuais e no resto devia acabar. A defesa quer transformar a instrução num prejulgamento e agora converteu-se numa chancela da acusação. O juiz não faz qualquer diligência, carimba e manda para julgamento. Ou seja, é inútil. A instrução poderia perfeitamente deixar de existir."

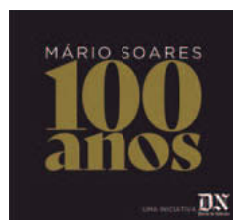
Claro que esta é uma etapa essencial, mas mesmo não acabando totalmente com a instrução, apenas reduzindo o seu alcance, no limite todos os direitos e garantias dos arguidos estariam assegurados no julgamento e depois através de recursos para as instâncias superiores. Objetivo principal: retirar o combate à corrupção da arena política.

OS NÚMEROS DO DIA

1000 **DESALOJADOS,** incluindo 336 crianças. É este o balanço das inundações em Orsk, a segunda cidade da região russa de Oremburgo (a sul dos Urais), segundo as autoridades regionais.

70 **KG DE CANÁBIS** foram encontrados pela polícia francesa numa busca à residência particular de Jamilah Habsaoui, a presidente da Câmara Municipal da localidade francesa de Avallon, região Este de França. O irmão da autarca tem antecedentes por tráfico de droga.

207 **DENÚNCIAS** de usurpação de título foram recebidas pela Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) desde 2021. Ontem, a OPP alertou "para o perigo de quem se faz passar por psicólogo".

17 **DRONES** russos Shahed foram derrubados pela Força Aérea ucraniana na madrugada de domingo, mas as autoridades ucranianas deram conta de vários mísseis que não foram intercetados.

8.4.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editor-chefe** Nuno Ramos de Almeida **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Alexandra Tavares-Teles, Amanda Lima, Ana Meireles, Bruno Horta, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, João Pedro Henriques, Manuel Catarino, Margarida Davim, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Sara Azevedo Santos, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida e António Mateus (coordenadores), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PORTUGAL HÁ 50 ANOS

O que era a vida quotidiana dos portugueses há meio século, antes do 25 de Abril? O que faziam e como recordam hoje esse tempo em que eram jovens e o país era velho. E como esse mundo era retratado nas páginas do DN da época, visado pela censura.

No DN

PRESENÇA NO MUNDO

COMEÇA HOJE EM FRANÇA A CAMPANHA ELEITORAL

CHABAN-DELMAS RECEBEU O APOIO DOS PARLAMENTARES GAULLISTAS

CATORZE CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA FRANÇA

O ESTREITAMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE AS DUAS MARGENS DO ATLÂNTICO

DEPOIS DUM DISCURSO DE SADATE

ESTUDANTES RUSSOS ABANDONAM O CAIRO

ELEIÇÕES Após a morte de Georges Pompidou, era necessário eleger novo presidente para a França. Começava a campanha eleitoral, com 14 candidatos na corrida. Em Bissau continuava o V Congresso dos Povos da Guiné. No Médio Oriente a situação era tensa.

O início da corrida eleitoral em França

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Com eleições marcadas para 5 e 19 de maio de 1974, há 50 anos arrancava a campanha eleitoral para a presidência francesa. "Começa hoje em França a campanha eleitoral: Chaban-Delmas recebeu o apoio dos parlamentares gaullistas", lia-se na manchete do jornal. Havia 14 candidatos à cadeira da presidência gaulesa e os republicanos independentes mostravam preferência por Giscard d'Estaing.

Uma grande fotografia mostrava o Papa Paulo VI "abençoando os fiéis na Basílica de S. Pedro, após as cerimónias rituais do domingo de Ramos". A foto era encimada pelo editorial cujo título era "Presença no Mundo".

Do Ultramar continuavam a chegar notícias. "V Congresso dos Povos da Guiné: mandingas e fulas numa ampla lição de portugalidade renovada", titulava o DN. O congresso decorria em Bissau e era acompanhado por um enviado especial do jornal. "[...] As sessões têm sido dedicadas aos problemas apresentados pelos representantes de cada uma das etnias que constituem a população do território. Nesta última semana, reunidos separadamente, mandingas e fulas expuseram os problemas com que se debatem e referiram as pretensões que desejam ver concretizadas", podia ler-se. "Todas as questões postas têm vindo a ser devidamente anotadas e enviadas às autoridades governamentais respetivas para as estudarem e se pronunciarem sobre elas. [...] Quer dizer, todos ficarão a conhecer não só os problemas próprios como os dos vizinhos, possibilitando isso uma apreciação de conjunto e provocando a desejada compreensão [...]"

No Médio Oriente a situação era preocupante. "Situação tensa na frente do Golã: celebrando a Páscoa de armas na mão", titulava o DN. "Foi com o dedo no gatilho que os israelitas começaram no sábado a celebração da Páscoa judaica. Na frente Norte, onde os incidentes fazem parte do quotidiano, tudo está pronto para ripostar a um ataque sírio, cuja eventualidade é agora admitida pelos serviços de informações americanos, segundo notícias recebidas de Washington".

Em Paris, o presidente americano, Richard Nixon, continuava em conversações com outros líderes ocidentais. "O estreitamento das relações entre as duas margens do Atlântico", titulava o jornal.

Onde eu estava

Luís Filipe Pavão nasceu em 1949, em Lisboa. Em abril de 1974 era paginador nas revistas *Vida Mundial, Século Ilustrado* e *Modas & Bordados*.

Naquele tempo era um privilegiado. Gráfico no grupo do jornal *O Século*, trabalhava com grandes nomes do jornalismo português, grandes diretores, grandes fotógrafos, alguns deles nomes incontornáveis do dia 25 de Abril, como Alfredo Cunha e Eduardo Gageiro. Convivia com Maria Antónia Palla, Antónia Fiadeiro e Antónia de Sousa, mulheres que, a par de Maria Lamas e Etelvina Lopes de Almeida, corridas pela PIDE, formavam o núcleo central da revista *Modas & Bordados*. Lidei com Diana Andringa e Ruben de Carvalho, chefe de redação da *Vida Mundial*, a primeira publicação do grupo para a qual trabalhei.

Sempre, mas ainda mais naquele tempo de ditadura, trabalhar no jornalismo era um ato de cidadania imprescindível. Havia que contornar a censura, cultivar a arte de saber escrever para a censura. E havia autênticos especialistas nessa matéria. Era fundamental dar aos homens do lápis azul um isco, leia-se dois ou três parágrafos excessivos, propositados, de maneira que fossem esses, e só esses, a chamar-lhes a atenção, desviando-lhes o olhar do que na verdade interessava fazer passar – a notícia.

Entre os censores havia de tudo: espertos e burros que nem um calhau. Estes últimos eram os que mais davam trabalho, deitando várias vezes páginas inteiras abaixo. Era por isso fundamental ter piquetes prontos a substituir os textos e até alguns trabalhos em gaveta, de maneira que o fecho não se atrasasse muito mais. Quando por acaso as máquinas já estavam a imprimir, esses exemplares eram enviados para as colónias.

"Sempre, mas ainda mais naquele tempo de ditadura, trabalhar no jornalismo era um ato de cidadania imprescindível. Havia que contornar a censura, cultivar a arte de saber escrever para a censura."

Com ou sem atrasos provocados pela censura, o jornal fechava muitas vezes de madrugada. Recordo com muita saudade as passeatas na lambreta do Ruben de Carvalho, eu no lugar do pendura, até à Avenida da Liberdade, onde um homem vendia sandes e pão com chouriço ainda quentes guardados numa maleta. E os pequenos-almoços às 6 da manhã no Cacau da Ribeira.

O Século era o meu mundo: um tio meu ajudara à sua fundação, o meu pai trabalhava na tesouraria, o meu sogro dirigia uma secção de pessoal e ali encontrei a mulher com quem me casaria. Sou o quarto de seis filhos, três rapazes e três raparigas. Depois de quatro anos de disciplina rígida num colégio interno em Tomar, regressei a casa para prosseguir os estudos nos Salesianos do Estoril e na António Arroio, onde, dando asas ao meu gosto pelas artes, tirei o curso de desenhador-litógrafo.

Com 20 anos entrei para a tropa. Recordo a recruta na Carregueira, mais por ter sido companheiro de Nené, o jogador do Benfica, do que propriamente porque me obrigasse a um grande esforço físico. Com a experiência acumulada n' *O Século*, estava previsto ir para desenhador do *Jornal do Exército*, fugindo assim à guerra colonial, pesadelo dos jovens daquele tempo. Acontece que havia um pide no jornal. Esse homem, por não gostar de mim, conseguiu que eu fosse mobilizado para Timor, enorme desilusão, tanto mais que estava já casado e à espera de um filho. Mas menos mal: como desenhador gráfico, fui fazer o jornal de Timor, onde estive 27 meses. A viagem foi um horror. Com o Canal do Suez interdito em consequência da Guerra dos Seis Dias, que opôs Israel a vários países árabes, o barco teve de dar a volta por Moçambique. Resultado: 45 dias no mar, a bordo de uma embarcação imprópria para seres humanos. Muitos militares entraram para o porão na partida e só saíram do porão em Timor.

Porém, pior sorte teve o Ruben. Graças à PIDE, foi para Angola, para uma guerra que considerávamos injusta.

De regresso a Portugal e a abril de 1974: fumava-se SG Filtro, almoçava-se e jantava-se no Bairro Alto. Entre os jornalistas havia uns zunzuns sobre um possível golpe de Estado de direita. Garantia-se que alguns generais tinham tanques no quintal. Felizmente, a 25 de Abril não foi Kaúlza de Arriaga quem saiu à rua. Foi a liberdade.

Da esquerda para a direita: Pedro Alvim, João Corregedor da Fonseca, Adriano de Carvalho, Luís Filipe da Conceição e Luís Filipe Pavão. Redação de *O Século Ilustrado*.

Depoimento recolhido por Alexandra Tavares-Teles.

MP arquiva denúncia de violação de "incapaz" em hospital psiquiátrico

SILENCIAMENTO. Deficiente intelectual acusou outro internado de a ter violado. O MP, apesar de reconhecer a incapacidade de autodeterminação sexual da vítima, admite que sexo pode ter sido consentido, arquivou inquérito e recusa reabri-lo. Estudos indicam que 70% das mulheres internadas em unidades psiquiátricas sofrem de abuso físico ou sexual. "Uma realidade escondida, silenciada", alerta investigadora.

ADELINO MEIRELES / GLOBAL IMAGENS

TEXTO **FERNANDA CÂNCIO**

"Se se conseguisse ultrapassar esta dúvida sobre o que se passou e se concluísse que a ofendida prestou o seu consentimento e que este não é esclarecido, não se extrai dos autos qualquer elemento de facto apto a suportar a conclusão de que o arguido sabia que ela era incapaz de prestar esse consentimento, e, como tal, que o mesmo não era válido, ou que o arguido tivesse tirado partido dessa incapacidade ou da incapacidade da ofendida em se opor à sua proposta de teor sexual."

Estas asserções fazem parte do despacho de 27 de julho de 2023 no qual o Ministério Público (MP) arquiva o inquérito, datado de 2019, relativo a uma alegada violação da qual teria sido vítima uma mulher de 30 anos com deficiência intelectual – chamemos-lhe Maria – internada no Hospital Magalhães Lemos (HML), no Porto. O perpetrador seria outro internado, um homem de 37 anos, sem deficiência intelectual diagnosticada, ao qual daremos o nome de José.

Malgrado dar como "suficientemente indiciada na investigação" a existência de relações sexuais – vaginais e anais – entre José e Maria numa casa de banho da instituição, e de Maria ter, nos momentos seguintes ao ocorrido e em várias ocasiões depois, acusado José de violação, o MP considerou, como resulta do excerto citado, não terem sido "recolhidos elementos indiciários suficientes para concluir que a alegada vítima não consentiu nos atos sexuais praticados e que o arguido atuou contra a sua vontade".

Aponta como um dos motivos do arquivamento o facto de Maria, devido à sua "situação clínica" e "fruto das suas fragilidades", não ter conseguido "fornecer, quer em sede de inquirição, quer de declarações para memória futura, um relato concretizado e circunstanciado do que se terá passado, ao contrário do arguido, que apresentou uma outra e sustentada versão dos factos."

E justifica: "Ao invés da ofendida, o arguido disse que os atos sexuais foram praticados com o acordo da ofendida, que, inclusivamente, esta, a dada altura, queixou-se de que tinha dores e que nesse momento parou e mudaram para sexo vaginal. Que mais uma vez a ofendida se queixou, o arguido parou, mas depois, por acordo, prosseguiram com o ato. De notar que esta versão coincide com o relato da ofendida quando esta refere que houve sexo anal e vaginal e que teve dores. [...] Face à fragilidade dos indícios de que ora se dispõe, não é possível concluir pela suficiência de indícios da prática do crime."

Esta decisão de arquivamento é tanto mais interessante quando o MP reconhece a incapacidade de autodeterminação sexual de Maria – ou seja, que esta não é capaz de "consentir" ou "não consentir" numa relação sexual.

Baseia essa conclusão no *Relatório Final de Perícia Psicológica Forense* constante no processo: "[Maria] padece de alterações psicopatológicas com organização *borderline* da personalidade, assim como perturbação esquizoafetiva do tipo bipolar, com uma postura néscia e pueril com um comprometimento cognitivo compatível com a degradação do seu estado mental, não possuindo capacidade de autodeterminação sexual, apresentando uma desadequação na interação sexual, intensiva e desinibida no contacto, o que a pode expor a situações abusivas, uma vez que apresenta muitas fragilidades na leitura e na análise das interações, não se conseguindo proteger de eventuais situações de risco."

É incapaz de consentir, mas pode ter consentido

De resto, nesse mesmo despacho de arquivamento o MP funda nessa incapacidade de autodeterminação sexual de Maria o afastamento da possibilidade de se estar perante um crime de violação (artigo 164.º do Código Penal). Fá-lo argumentando que, sendo a violação definida como um crime contra a "a liberdade de determinação sexual [...] por via da força ou do constrangimento", não poderia verificar-se tendo como vítima alguém incapaz dessa "determinação sexual".

> "Não ameacei, não bati, não obriguei nem agarrei com força ninguém [...]. A rapariguinha apaixonou-se por mim e não descansou. Eu não queria, porque ela não tem as faculdades todas, tem um atraso, até que não aguentei."

Assim, passa a examinar a hipótese de ter existido um crime de abuso sexual de pessoa incapaz de resistência (artigo 165.º do CP) – crime que, sublinha-se no despacho, visa proteger o bem jurídico liberdade sexual. Mas, como já referido, o MP não considera que se possa concluir que, por ser incapaz de formar a sua vontade, Maria tenha sido "vítima de crime sexual por aproveitamento dessa sua incapacidade", ou seja, que "o agente, com a sua atuação", tenha "tirado partido da incapacidade da vítima". E decide que não existem indícios suficientes para acusar José, ou seja, para o levar a julgamento.

Um dos argumentos aduzidos pelo MP nesse sentido é colhido no penalista Jorge Figueiredo Dias, nas respetivas anotações de 1999 ao Código Penal: "O tipo legal [de crime de abuso sexual de pessoa incapaz de resistência] não pretende evitar que as pessoas que sofrem de uma ano-

> “Se uma pessoa não tem capacidade de autodeterminação sexual, não pode anuir a um ato sexual, dar consentimento. Não está capaz de dar consentimento. É isso que quer dizer incapacidade de autodeterminação.”

malia mental sejam privadas de toda e qualquer atividade sexual. […] Sempre que [a pessoa] seja capaz de formar e exprimir a sua vontade no sentido de anuir ao ato, inclusivamente de tomar a iniciativa dele, não há aproveitamento para efeito do tipo [ou seja, não existe crime].”

Ouvida pelo DN, uma psiquiatra que prefere não ser identificada franze o sobrolho ante a argumentação do MP: “Se uma pessoa não tem capacidade de autodeterminação sexual, não pode anuir a um ato sexual, dar consentimento. Não está capaz de dar consentimento. É isso que quer dizer incapacidade de autodeterminação.”

Recorde-se que é por não ser reconhecida a crianças até aos 13 anos capacidade de autodeterminação sexual que qualquer interação sexual que se tenha com elas é crime (artigo 171.º do CP, “Abuso sexual de crianças”): porque não estão em condições de “consentir”, “anuir ao ato” ou “tomar a iniciativa dele”.

Também a investigadora da Universidade do Minho (UM) Maria João Lourenço, autora do artigo *Reflexões em torno das dificuldades probatórias no crime de abuso sexual de pessoa incapaz de resistência praticado contra indivíduos com deficiência intelectual* (2022), exprime perplexidade face ao resumo que lhe é feito pelo jornal de uma situação em que simultaneamente se dá como assente a incapacidade de autodeterminação sexual e se coloca a possibilidade de ter existido “prestação de consentimento”.

A existência ou não de capacidade de autodeterminação sexual, como esclarece esta assistente convidada da Escola de Direito da UM no artigo citado, é essencial para ajuizar sobre se teve ou não lugar o crime em causa.

Trata-se, sublinha a investigadora, de “um dos pontos probatórios mais complexos, e por isso exige um diálogo próximo entre o tribunal e os peritos forenses. Tal decorre precisamente do facto de o determinante não ser que a vítima padeça de uma doença, deficiência ou incapacidade em termos abstratos, mas que essa doença, deficiência ou incapacidade a impedisse de, no caso concreto, formar e/ou exprimir a sua vontade relativamente aos atos praticados pelo agente”. E se “a resposta a este requisito do tipo objetivo deve ser dada pelo tribunal” – ou seja, é ao tribunal que compete decidir se existiu crime –, “apenas uma análise interdisciplinar do quadro cognitivo da vítima o poderá auxiliar”.

Assim, declara Maria João Lourenço ao DN, “se existe uma perícia que diz que uma pessoa é incapaz de se autodeterminar sexualmente, nesse caso essa pessoa seria incapaz de decidir ou resistir ao ato sexual. Se é afastada a capacidade de autodeterminação, parece um caso claro. Os tribunais devem seguir o resultado das provas periciais ou então explicar por que motivo divergem desse juízo”.

Além disso, prossegue, “há uma necessidade especial de proteção destas pessoas à qual a magistratura não pode ser indiferente. Se houver discriminação, tem de ser positiva”. Até porque, como sublinha no artigo referido, “estima-se que a prevalência do crime de abuso sexual sobre portadores de deficiência intelectual seja de quatro a dez vezes superior à da população em geral”.

De facto, lê-se no mesmo artigo, entre os “dispersos e escassos trabalhos de investigação desenvolvidos sobre o abuso sexual de pessoas com transtornos do desenvolvimento intelectual” há conclusões inquietantes: “49% das pessoas com deficiência intelectual vivem 10 ou mais episódios de abuso sexual durante a sua vida, mais de 90% das pessoas com deficiência de desenvolvimento sofrem de abuso físico ou sexual pelo menos uma vez na sua vida e 70% das mulheres internadas em estabelecimentos de psiquiatria sofrem de abuso físico ou sexual” (voltaremos a este assunto).

Capaz de autodeterminação sexual, mas não de testemunhar

A aludida decisão do MP foi alvo de vários recursos hierárquicos por parte da família de Maria, a qual pede a reabertura do inquérito e que a alegada vítima seja, porque os seus testemunhos anteriores foram considerados não credíveis ou “inaudíveis”, de novo ouvida – o que tem sido sempre recusado.

Na última recusa, datada de 4 de março, o MP, curiosamente, altera a argumentação: Maria tem afinal capacidade de autodeterminação sexual. Apesar das suas muitas “dificuldades cognitivas e emocionais”, escreve a procuradora e dirigente de secção no Departamento de Investigação e Ação Penal (DIAP) do Porto que assina a decisão, a alegada vítima “é capaz de se autodeterminar sexualmente, sendo capaz de consentir ou negar a prática sexual de terceiro”.

Estas afirmações são extraídas de um “relatório psiquiátrico” constante no processo (e que, datado de junho de 2020, é anterior ao mencionado *Relatório Final de Perícia Psicológica Forense*, de novembro desse ano). Neste relatório psiquiátrico, que atribui a Maria um “atraso mental ligeiro a mediano”, a certificação da capacidade de autodeterminação sexual é temperada pela “puerilidade”, que “a coloca num estado de diminuição da capacidade de opor resistência a atos de natureza sexual ou resistir a solicitações/sugestões de natureza sexual da parte de terceiros”.

Diagnóstico que parece encontrar-se com o que se lê no *Relatório Final de Perícia Psicológica Forense:* “A examinada não possui capacidade para interpretar situações de risco nem de se autorregular, bem como antecipar, eventuais situações de vitimação, encontrando-se exposta a essas situações, uma vez que o seu juízo crítico possui muitas fragilidades, quer na interpretação de si quer dos outros, com muitas dificuldades na gestão de conflitos […], o que poderá ser compatível com a situação abusiva descrita.”

A existência de dois diagnósticos distintos no processo é sem dúvida relevante (e reitera a já mencionada dificuldade de avaliação da capacidade de autodeterminação sexual). Porém, o despacho que a 4 de março recusa a reabertura do inquérito não menciona essa discrepância – limita-se a citar um dos diagnósticos, não mencionando sequer que o primeiro despacho de arquivamento dava o contrário como “suficientemente indiciado”.

Em comum com o primeiro despacho, a decisão de 4 de março menciona a falta de capacidade da alegada vítima para uma narração credível e baseia nisso a desnecessidade de voltar a ouvi-la, ou de ouvir as várias testemunhas cuja primeira audição, a pretexto de trazer novas provas (o inquérito nesta fase só poderia ser reaberto existindo “novas provas”), a família requer.

Conclui assim a citada decisão que “as diligências requeridas não são aptas a invalidar os fundamentos do despacho de arquivamento, porque as testemunhas indicadas não presenciaram os factos objeto do inquérito e, por outro lado, considerando a diminuição da capacidade para testemunhar da ofendida, conjugada com a demais prova produzida, tais depoimentos não seriam de molde a alterar a decisão proferida […]”.

“Eu não queria, porque ela tem um atraso, até que não aguentei”

Vamos então aos factos (ou pelo menos às informações que o DN conseguiu obter, já que a consulta do processo, requerida ao DIAP do Porto, foi repetidamente negada, invocando-se como justificação a privacidade das pessoas envolvidas).

É dia de Natal, 25 de dezembro de 2019. O terceiro dia de Maria na ala de internamento de doentes agudos, denominada de B3, do HML. Está ali internada compulsivamente: não é a primeira vez que tal sucede a esta mulher a quem relatórios periciais atribuem, além das já citadas “psicopatologia grave” e “postura néscia e pueril”, também “juízo crítico com muitas fragilidades”, “muitas dificuldades na interpretação de si e dos outros”, com desenvolvimento e funcionamento cognitivo e emocional condicionados, que a levam a necessitar de “supervisão contínua”. Há até, como referido, um relatório psiquiátrico que usa a expressão “atraso mental”.

Atraso é precisamente a palavra usada por José, também internado no HML, para, quando é ouvido pela primeira vez no inquérito, caracterizar Maria: “Não tem as faculdades todas, tem um atraso.”

Com 37 anos, diagnosticado como alcoólico e toxicodependente, naquele dia o homem aguarda, na ala B3, colocação numa comunidade terapêutica. Entre as 18 e as 19 horas, de acordo com o relato do próprio, ele e Maria metem-se numas casas de banho. Ali, diz José, Maria fez-lhe sexo oral e ele penetrou-a anal e vaginalmente.

Na narrativa dele, ejaculou “para as nádegas, para evitar uma gravidez”. A seguir, conta, limpou Maria com papel e viu sangue. Isso fê-lo pensar que ela “era virgem, porque também se notava que não tinha muita experiência”. Ainda assim, sustenta, “o que aconteceu, aconteceu com o consentimento dos dois”. Aliás, garante, só ocorreu porque ela o perseguiu e ele “não aguentou”: “Não ameacei, não bati, não obriguei nem agarrei com força ninguém […]. A rapariguinha apaixonou-se por mim e não descansou. Andei fugido dela três dias. Eu não queria, porque ela não tem as faculdades todas, tem um atraso, até que não aguentei.”

“Não sei o nome dele, mas magoou-me no pipi e no rabo”

Maria seria depois encontrada deitada no chão no corredor junto às casas de banho. Apesar de existirem câmaras de vigilância no hospital (que, de acordo com o relatado ao DN, apenas não filmam nas casas de banho), a entrada dela e de José na divisão dos sanitários não terá sido notada pelos funcionários do HML, nem sequer o estar deitada no chão; de acordo com o que uma das enfermeiras de serviço diz à investi-

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

gação, foi um paciente que a alertou para o facto.

A dita enfermeira, que informou encontrar-se na sala de enfermagem – onde estão os monitores ligados às câmaras de vigilância –, quando foi avisada, dirigiu-se a Maria e perguntou-lhe o que estava ali a fazer. A resposta foi choro. Face à reação, leva-a para um gabinete "para se acalmar". Malgrado o choro e a necessidade de isolar a paciente para que esta se acalmasse, a profissional, com 11 anos de prática naquele hospital, diz, quando ouvida quase oito meses depois, não ter detetado em Maria "qualquer alteração comportamental ou emocional".

É nesse gabinete, prossegue o relato, que Maria lhe comunica ter sido violada. "Fui violada. Violada pelo Emanuel." Quando a enfermeira lhe diz que "não há um Emanuel internado", Maria responde: "Não sei o nome dele, mas magoou-me no pipi e no rabo." Dirá também, ainda segundo a enfermeira, que foi para a casa de banho com José "porque quis, porque queria dar apenas uns beijinhos e amassos", e que nunca gritou ou pediu ajuda. Tudo isto terá sido comunicado "entre choros". De seguida, acompanhou a enfermeira para identificar o homem. Encontraram-no "na zona dos lavatórios". A profissional falou com ele, que confirmou ter mantido relações sexuais com Maria e disse que ela o tinha seguido até à casa de banho.

Maria é levada para o Hospital de São João, para ser examinada no departamento de ginecologia, sendo também sujeita a exame médico-legal. O relatório deste hospital confirma sinais compatíveis com relações sexuais vaginais e anais sem proteção e prescreve profilaxia pós-exposição para o HIV/sida e para infeções sexualmente transmissíveis, assim como nova testagem para HIV/sida e hepatite C daí a um mês. No que respeita ao exame médico-legal, Maria é citada como tendo dito que a tinham violado "no rabo e na vagina", que "não foi consentido" e que "violação é uma coisa muito grave". Disse ainda que o homem – cujo nome reiterou desconhecer – lhe havia perguntado junto à casa de banho: "Queres fazer sexo?", ao que ela teria respondido que sim, desde que ele lhe explicasse como, tinha "violado três pessoas".

Também José asseverará depois, quando inquirido pelas autoridades, ter tido "relações com outras mulheres lá [no HML], até com homens, porque sou bissexual […]."

Questionada pelos técnicos forenses sobre se já tivera relações sexuais anteriormente, Maria respondeu que sim. Disse que fora "no HML", "mas com outra pessoa, por trás e não doeu nada", e que "pela frente foi a primeira vez [com José] que aconteceu". Afirmou também que tinha desmaiado depois da relação sexual com José e que quando acordou estava lá "o pai, que é o Patrick Schwarzenegger" (várias das respostas que dá têm características deste tipo, fazendo jus à descrição, constante num relatório do HML, de um "delicado binómio fantasia/realidade").

"Houve outros casos de relações sexuais entre doentes"

De acordo com a informação recolhida pelo jornal, terá sido o Hospital de São João, e não o HML, a comunicar à PSP a suspeita de crime e também a avisar a família do que se tinha passado.

O jornal inquiriu o HML sobre esse facto, sem sucesso. Aliás, da lista de perguntas enviadas por escrito à assessoria de imprensa do Centro Hospitalar Universitário de Santo António (CHUdSA) – do qual o HML faz parte desde fevereiro de 2023 – uma boa parte não obteve resposta.

Nomeadamente não foi respondido quantos pacientes estavam internados naquela ala aquando do ocorrido e quantos funcionários de serviço com a incumbência de os vigiar; que características têm os internados da ala; que condições existem no hospital para certificar a segurança dos internados; como explica o HML que tenha sido possível a existência de relações sexuais entre dois internados; se o HML está em condições de refutar a afirmação de José de que tivera relações sexuais com outros internados além de Maria; que conclusões foram retiradas pelo HML do ocorrido a 25 de dezembro de 2019, se alguma medida foi tomada para que não se repetisse e, se sim, qual ou quais.

O CHUdSA justificou a falta de respostas invocando a existência do inquérito judicial e respetivo segredo de justiça (o inquérito não estava em segredo de justiça) e a pendência de uma ação contra o HML no Tribunal Administrativo e Fiscal do Porto – ação que, colocada pela família de Maria, visa responsabilizar o hospital pelo ocorrido e requer compensação pelos danos causados, não tendo ainda qualquer conclusão.

Informando que o HML "instruiu uma investigação de evento-sentinela [evento grave indesejável que ocorre numa instituição hospitalar], cujo relatório foi enviado à Provedoria de Justiça e ao MP", e cujas "conclusões foram transmitidas à família da doente", o CHUdSA reconheceu que a Inspeção-Geral das Atividades em Saúde não fora alertada para a situação (esta já o assumira ao jornal, adiantando que iria "interpelar o órgão de gestão do estabelecimento de saúde solicitando informação") e não deu ao DN qualquer esclarecimento sobre as conclusões da referida investigação, nem se houve quaisquer consequências disciplinares.

Sobre as condições na ala B3, limita-se a assegurar que "respeitavam à época as *leges artis* [as boas práticas] para serviços de internamento de psiquiatria" e que "a dimensão da equipa era a prevista e adequada ao turno em questão". Informando que as câmaras de vigilância existentes apenas transmitem, não gravam, o CHUSA admitiu ter conhecimento de que "o HML teve em tempos um outro caso de alegação de violação sexual, que foi investigado, tendo-se concluído que esta não existiu". Não é esclarecido quando tal terá acontecido, se, como na situação em análise, existiram efetivamente relações sexuais e quem investigou.

Já a provedora de Justiça, à qual a família apresentou queixa, abriu, segundo foi respondido ao jornal pelo respetivo gabinete, "um procedimento e prosseguiu com a instrução da queixa, a fim de conhecer as medidas internas adotadas na sequência do sucedido e aspetos, de índole genérica, relacionados com a organização, os procedimentos e as práticas seguidas no HLM em ordem a prevenir futuras ocorrências. Em face das informações então recolhidas, entendeu-se não se justificarem diligências adicionais". Que informações terão sido essas o gabinete não quis esclarecer.

Porém, parte das respostas apresentadas pela entidade atualmente responsável pelo HML (CHUdSA) foram contraditadas ao DN por quem conhece o hospital e unidades psiquiátricas em geral.

"Até à pandemia de covid-19 [2020] havia um estado de sobrelotação permanente no HML, porque era o serviço que assegurava o internamento de todos os doentes psiquiátricos que vinham da urgência do Hospital de São João", diz ao jornal um clínico conhecedor do HML, que fala sob condição de anonimato. Verificar-se-ia assim um "rácio de enfermeiros/paciente muito abaixo do que era suposto", incluindo na ala B3: "Devia haver naquele dia duas enfermeiras para 26 ou 28 doentes agudos." Uma segunda fonte, também familiarizada com o HML, admite que, em regra, haveria na B3 "duas enfermeiras e dois ou três assistentes operacionais para 22 a 24 pacientes".

Não existindo um *standard* internacional para o rácio enfermeiro/pacientes em unidades psiquiátricas, refira-se que, por exemplo, no Estado americano da Califórnia esse rácio foi legalmente determinado no início do século XXI em um enfermeiro para seis pacientes. Já no Estado australiano de Queensland fixou-se em 2019 em um enfermeiro para quatro pacientes durante o dia e um para sete à noite.

Assevera a primeira fonte citada: "Ocorreram no HML outros casos de relações sexuais entre doentes, apesar da existência de câmaras de vigilância e de ser suposto estar sempre um enfermeiro atento aos ecrãs. Pergunta-me como podem acontecer essas coisas? Só posso dizer que é por insuficiência de recursos. E, claro, o hospital é responsável: não faz qualquer sentido que alguém internado possa ser alvo de uma situação deste tipo. A própria figura do internamento involuntário [ou 'compulsivo'] serve para proteger a pessoa."

"Uma situação como a descrita é indicação de péssima vigilância"

Um outro médico psiquiatra, não afeto ao HML, corrobora: "Claro que tal não deve acontecer num qualquer internamento hospitalar, e muito menos num internamento deste tipo, quando as pessoas estão ali precisamente por não estarem na posse de todas as suas capacidades. A existência de uma situação como a descrita evidencia um problema de vigilância e segurança. É indicação de uma péssima vigilância."

Há, porém, quem, sendo também psiquiatra e conhecendo de perto o HML, veja as coisas de outra forma. "Não há nenhum impedimento físico, apesar de haver câmaras em todos os locais, menos nas casas de banho, de que pessoas de qualquer definição sexual se juntem. Não seria aceitável para ninguém impedir que as pessoas se juntem." Que se juntem é uma coisa, que tenham relações sexuais outra, não? "Sim, mas não conseguimos prever se atrás de uma árvore, de uma cadeira ou debaixo de uma mesa alguém faz sexo, não é? Há pessoas que se enamoram nos internamentos e depois continuam lá fora vida em conjunto… É muito mais difícil acontecer de forma não consentida. Porque é um espaço muito pequeno, teria, por exemplo, de se tapar a boca da outra pessoa, seria uma violência pouco compatível – falo do ponto de vista de quem conhece bem o espaço, não do facto em si que ocorreu."

> "Claro que tal [sexo entre internados] não deve acontecer num qualquer internamento hospitalar, e muito menos num deste tipo, quando as pessoas estão ali por não estarem na posse de todas as suas capacidades. Indicia um problema de vigilância e segurança."

Alertado para a evidência de que a definição penal atual de violência sexual está muito para além dessa noção de exercício de força para debelar a resistência física da vítima (baseando-se antes, por via da ratificação pelo país da chamada Convenção de Istambul, na não existência de "consentimento" para o contacto ou ato sexual), o clínico hesita: "Genericamente… Claro, imaginemos que a pessoa está debilitada…"

Estar debilitado não será uma situação comum em quem está internado numa instituição psiquiátrica? E a existência de relações sexuais entre pessoas internadas em hospitais psiquiátricos é algo comum ou incomum? "Admito perfeitamente que possa ocorrer. Há algum ambiente de desinibição nos maníacos, em que o erotismo está muito desinibido… Depois há disponibilizações de interações mantidas por pessoas muito carentes – há um mundo com algum consentimento e enamoramento no hospital que presumo que tenha alguma frequência. Agora tentativas mais ou menos violentas, mais ou menos abusivas, pode haver, não posso garantir que não aconteçam… E não sou nada uma pessoa que desvalorize isso, todas as situações devem ser investigadas. Mas se alguma vez tive alguma ou algum doente – e tive alguns milhares de doentes na minha carreira – com um problema desse tipo, não, nunca me confrontei com isso, nunca fui convidado a testemunhar so-

bre nada desse tipo. Tive muito mais problemas entre colegas do que com os doentes."

Embora admita que alguns dos adultos internados neste tipo de hospital não têm sequer capacidade de autodeterminação sexual, o psiquiatra adverte: "Grande parte deles têm. Depende da fase da doença em que estão. Não têm de perder todas as suas capacidades de decidir certas dimensões da sua vida quando estão internados em psiquiatria."

Hospital poderia ser acusado de crime?

Certo é que a possibilidade de investigar as circunstâncias que permitiram, no HML, a existência das comprovadas relações sexuais entre Maria e José não parece ter ocorrido ao MP.

Um jurista ouvido pelo DN, e que prefere não ser identificado, crê que poderia estar em causa "o crime de 'exposição ou abandono'" (artigo 138.º do CP, que pune quem "colocar em perigo a vida de outra pessoa, abandonando-a sem defesa, sempre que ao agente coubesse o dever de a guardar, vigiar ou assistir").

Teresa Quintela de Brito, professora de Direito Penal e Processual Penal da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, não concorda: "O crime de abandono é um crime de perigo concreto para a vida. Não seria esse o bem jurídico colocado em perigo pelo modo de organização e funcionamento daquela ala de internamento, mas sim a integridade física e sexual de pessoa portadora de anomalia psíquica em situação de doença aguda. Inclinar-me-ia antes para o crime de maus-tratos, previsto no artigo 152.º-A do Código Penal." Isto porque, explica a penalista, "o hospital, tendo ao seu cuidado e à sua guarda pessoa particularmente indefesa em razão de deficiência e doença psiquiátrica (em fase aguda), ter-lhe-ia infligido (por omissão de medidas de vigilância e controlo) maus-tratos físicos ou psíquicos, sob a forma de ofensas sexuais. Este crime pode ser realizado com dolo apenas eventual".

Tanto mais que, como já referido, a literatura científica aponta uma alta prevalência para o crime de abuso sexual sobre portadores de deficiência intelectual – entre dois a oito e quatro a dez vezes superior à da população em geral – e o problema, certifica a mesma literatura, é (ou deveria ser) há muito conhecido nas instituições psiquiátricas. O artigo "Sexual assault in the inpatient psychiatric setting"/"Violência Sexual no Internamento Psiquiátrico" (*General Hospital Psychiatry*, 2023), que efetua uma revisão de toda a investigação sobre o assunto, garante que "a violência sexual é uma séria preocupação" nestas instituições. E cita estudos segundo os quais 40% dos pacientes psiquiátricos não internados foram vítimas de agressão sexual em alguma altura da vida adulta, com entre 5% e 45% a serem

"Há uma necessidade especial de proteção destas pessoas à qual a magistratura não pode ser indiferente. Se houver alguma discriminação, tem de ser positiva."

"Não são só vítimas mais vulneráveis aos abusos, são vítimas que têm mais dificuldades em revelá-los. Que não raras vezes apresentam dificuldades de memória, de concentração, de distinção entre verdade e falsidade e de realidade e fantasia. Vítimas que, por tudo isto, são consideradas pouco credíveis."

Maria João Lourenço
Investigadora da Universidade do Minho

alvo de violência sexual durante um internamento.

Acresce, ainda de acordo com este artigo, que tal tipo de agressão em instituições psiquiátricas tenderá a ter altas cifras negras (ou seja, a ser muito pouco reportado), devido a uma série de fatores: "Os pacientes poderão hesitar em denunciar por estigma, culpa, desconfiança, fragilidade, receio de que não acreditem neles ou de que venham a sofrer retaliações, ou medo do perpetrador. E o pessoal pode não o fazer por temer implicações legais, por duvidar das alegações, por corporativismo e cultura de silêncio ou simplesmente por não acreditar que algo assim possa ocorrer."

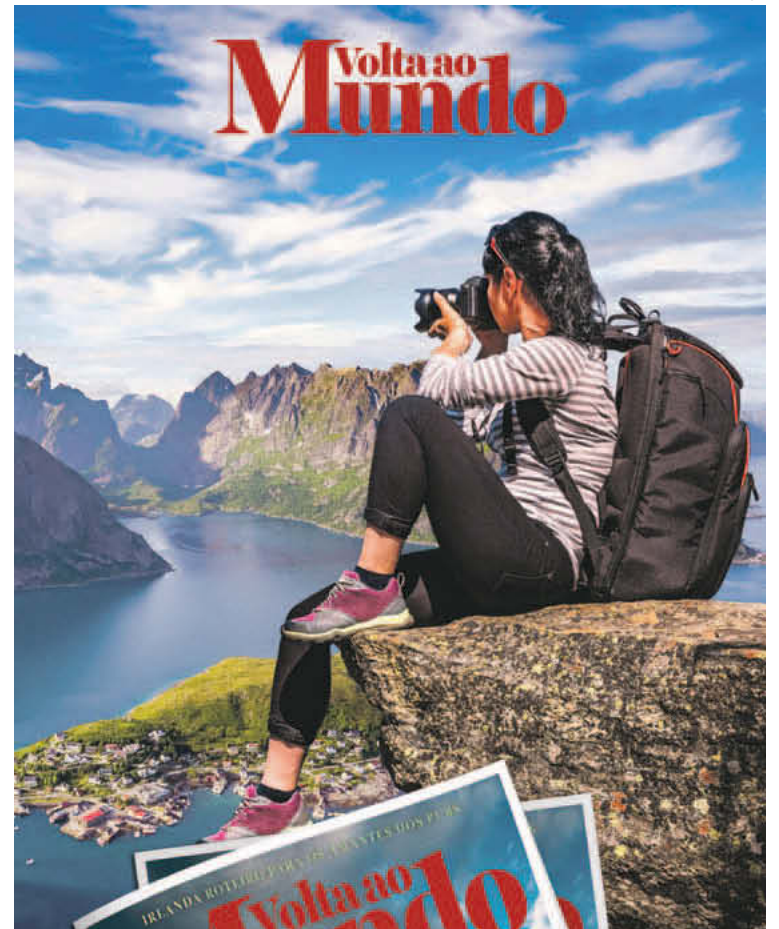
Quando, adianta outro estudo – *Addressing Sexual Violence in Psychiatric Facilities/Sobre Violência Sexual em Instituições Psiquiátricas*, de 2020 –, alegados abusos sexuais são reportados às autoridades, "infelizmente pode não se chegar à fase de acusação, porque as vítimas com doença mental são frequentemente classificadas como testemunhas não confiáveis, mesmo quando existem indícios convincentes do que afirmam. [...] O sistema judicial tem muita melhoria a fazer nesta matéria".

"Vítimas esquecidas" de "uma realidade escondida, silenciada"

Maria João Lourenço não podia estar mais de acordo. "São vítimas esquecidas", escreve no seu artigo já citado. "Não são só vítimas mais vulneráveis aos abusos, como são vítimas que têm mais dificuldades em revelá-los. [...] Vítimas que não raras vezes apresentam dificuldades de memória, de concentração, de distinção entre verdade e falsidade e de realidade e fantasia. Vítimas que, por tudo isto, são consideradas pouco credíveis. Este é um lugar-comum que merece ser revisitado. Não é em virtude da deficiência intelectual que estas vítimas podem ser esquecidas ou sequer que lhes pode ser negado ou prejudicado um direito reconhecido aos demais. [...] Tudo conflui para que estes indivíduos continuem à margem do sistema judicial [...] Este é um ciclo que dificilmente se quebrará e só esmorecerá quando prestarmos mais atenção a estas vítimas."

Ao DN a investigadora assume ter ficado "muito perturbada" quando se começou a debruçar sobre a matéria. "Dei-me conta de que os magistrados têm falta de informação e de preparação para lidar com este tipo de situações. Raramente têm formação para recolher testemunho de crianças, de vítimas, de agressores. E não raro tornam-se muito insensíveis – quanto maior a falta de preparação, mais fechados se tornam."

Por outro lado, continua, trata-se, pelo reduzido número de queixas e de casos que chegam a tribunal, de "uma realidade escondida, silenciada": "Quando escrevi o artigo, encontrei apenas meia dúzia de acórdãos. Até porque só há acesso às decisões das instâncias superiores [Tribunais da Relação e Supremo]. E, sendo poucos, não ganham relevo estatístico, não convocam a atenção."

Sem a atenção que causa o alarme da comunidade e a consciencialização do sistema legal, sabe-se, certo tipo de crimes tendem a ser pouco valorizados. E pelas pessoas com deficiência intelectual não há muito quem fale – tratar-se-á, afinal, da mais excluída e discriminada das minorias.

PS e PSD. São mais as propostas que os unem do que aquelas que os separam

CONSENSOS Numa legislatura que se prevê difícil, as cedências de parte a parte podem ser importantes. E seja na saúde ou na educação, os dois maiores partidos convergem em várias medidas. A maior discórdia é na fiscalidade.

Luís Montenegro e Pedro Nuno Santos partilham quase o mesmo número de deputados no hemiciclo, para além dos programas de ambos os partidos terem aproximações.

PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

TEXTO **RUI MIGUEL GODINHO** E **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A palavra-chave pedida por Luís Montenegro é clara: "consensos". E o PS, desafiou, deve decidir se será "oposição ou força de bloqueio". Do outro lado, Pedro Nuno Santos colou o governo à extrema-direita e alertou para os perigos dessa "partilha" de ideias – apesar de admitir acordos em "matérias de consenso" –, naquilo que, em declarações ao DN, o investigador Riccardo Marchi considera uma jogada de "estratégia [do PS] para tentar liderar a oposição". Isto já depois de PS e PSD terem chegado a um consenso no Parlamento para a eleição de Aguiar-Branco para presidente da Assembleia da República.

Factual é que nos programas eleitorais as áreas dos "consensos" são várias – ainda que com entendimentos diferentes aqui e ali sobre os temas.

Por exemplo, na corrupção, PS e PSD convergem quanto aos efeitos nocivos deste crime na sociedade democrática e em algumas medidas de combate. Mas na regulamentação do *lobbying* há um braço de ferro: ambos concordam que deve ser regulamentado, mas cada um defende a sua proposta legislativa.

Estendendo a análise a outros temas, como a saúde, a educação, a fiscalidade e a demografia, socialistas e sociais-democratas mostram algumas preocupações comuns (*ver quadro*).

Começando pela educação no programa dos socialistas, a principal preocupação é a escola pública. Uma das primeiras medidas que trazem para a mesa de discussões tem a ver com as carreiras docentes. Por um lado, querem torná-las atrativas no início e, além disso, querem proceder à reposição do tempo de serviço dos professores de "forma faseada". Ao contrário daquilo que a AD propõe, o limite temporal para esta reposição não é especificado.

Na saúde, socialistas e sociais-democratas convergem em linhas gerais. No entanto, o PS destaca o investimento que fez no setor em oito anos (5,6 mil milhões de euros).

Mas o primeiro grande embate nas áreas analisadas vem na fiscalidade. Desde logo com uma diferença em relação ao IVA, a que os socialistas dedicam uma parte considerável do programa, com algumas medidas. Uma das quais é, por exemplo, a devolução, no IRS, do IVA que as famílias com mais baixos rendimentos tenham pago ao adquirir bens essenciais. Ainda assim, os impostos são parte importante do programa de ambos os partidos. Não obstante – e em linha com o que defenderam durante a governação –, os socialistas puxam das "contas certas", que consideram "um fator basilar que possibilita a adoção de soluções à altura dos desafios", desde a habitação à transição climática.

Afinidades de bloco central

Apesar das críticas de Pedro Nuno Santos, os sociais-democratas mantêm-se próximos dos socialistas em grande parte dos setores, ainda que haja uma clara diferença em como ambos encaram a gestão das contas públicas e a importância do superávit deixado pelo governo anterior.

Na tomada de posse, o primeiro-ministro deixou mesmo um sério aviso face ao excedente orçamental, destacando três problemas que radicam na ilusão de que "ficámos num país rico só porque tivemos um superávit orçamental".

Para Montenegro, à partida, esta ideia é "uma ofensa para milhões de portugueses que vivem em dificuldades extremas por auferirem salários ou pensões baixas, por estarem afogados em impostos". Depois, a ideia dos "cofres cheios", avisa o chefe do governo, "conduz à reivindicação desmedida e descontrolada de despesas insustentáveis". Por fim, critica, "a ideia de que estamos a viver em abundância induz o país a pensar que não há necessidade de mudar estruturalmente a nossa economia e o Estado". Quando apresentou estes três problemas, o primeiro-ministro destacou que a ideia dos "cofres cheios" não só é "errada" como é "irresponsável".

A coroar este aviso, o programa da AD insiste no choque fiscal proposto pelo PSD no início da sessão legislativa, criticado por muitos especialistas por ser muito baseado no IRS, que é um imposto que não é pago por quem tem rendimentos mais baixos. Ainda assim, a prever que as contas públicas futuras poderão não contar com um tão grande excedente orçamental, os sociais-democratas propõem mesmo reduzir o IRS nos "prémios de desempenho e redução das taxas marginais" deste imposto, "até ao 8.º escalão, entre 0,5 e 3 pontos percentuais face a 2023".

A AD também prevê adotar o "IRS jovem", para "reforçar rendimentos aos jovens até aos 35 anos", para além de propor uma redução do IRC de 21% para 15%, a um ritmo de 2 pontos percentuais ao ano.

Apesar dos números sugerirem que há uma colisão com as propostas socialistas, mesmo na fiscalidade ambos não andam assim tão longe, apesar de o PSD não ter grandes propostas para o IVA e o PS ser mais contido na redução do IRC.

Já na saúde pública, enquanto o PSD assume que não terá "complexos ideológicos inúteis" em aproveitar "a capacidade instalada nos setores social e privado", o PS guarda tabu no que diz respeito a estas parcerias. Porém, ambos procuram valorizar os profissionais do setor, mantendo-os a trabalhar no Serviço Nacional de Saúde (SNS).

> As áreas dos "consensos" entre PS e PSD são várias. Regulamentar o *lobbying* é um desses exemplos – ainda que haja um braço de ferro entre os partidos.

AD

EDUCAÇÃO

Na sua tomada de posse como primeiro-ministro, Luís Montenegro disse que "é urgente garantir uma verdadeira igualdade de oportunidades para todos, uma escola pública que coloque o elevador social novamente a funcionar". Para que isto aconteça, a AD, no programa eleitoral, prometeu "devolver à educação e à escola pública o rigor, a serenidade, o diálogo e a prospeção de que necessitam". Este objetivo, segundo o documento, será atingido depois de "recolocar os alunos portugueses com níveis de desempenho acima da média da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico]", "recuperar integralmente o tempo de serviço congelado dos professores" ao longo dos próximos cinco anos "e atrair novos professores para, até 2028, superar a escassez" destes profissionais. Para além disto, a AD propõe "universalizar o acesso ao pré-escolar a partir dos três anos" e aplicar, este ano letivo, "provas de aferição no 4.º e no 6.º anos de escolaridade".

SAÚDE

A missiva do governo para a saúde passa por "implementar uma reforma estrutural" no setor "que fortaleça e preserve o SNS [Serviço Nacional de Saúde] como a base do sistema, mas que aproveite a capacidade instalada nos setores social e privado, sem complexos inúteis" e com o cidadão no centro das preocupações, garantiu o primeiro-ministro no dia em que tomou posse. A juntar a esta linha orientadora, a AD, no programa da coligação, assume a ambição de "colocar o sistema de saúde português entre os 10 melhores do mundo em 2040". Para concretizar esta meta, promete "implementar o Plano de Emergência do SNS 2024-2025", com o qual pretende "combater a desigualdade" no acesso à saúde, e que inclui a aplicação do Plano de Motivação dos Profissionais de Saúde", que passa por dialogar "com as ordens profissionais e as associações representativas no que respeita à retenção de jovens quadros médicos, enfermeiros e outros profissionais".

FISCALIDADE

Luís Montenegro justificou a insistência no pacote fiscal do PSD, anunciado no início da sessão legislativa anterior, com o facto de a "carga fiscal elevada" ser "um bloqueio à economia, à produtividade e ao sentimento de justiça". Se a AD mantiver a promessa do programa eleitoral, irá avançar com uma "redução gradual de IRC de 21% para 15%, ao ritmo de 2 pontos percentuais por ano", a pensar nas empresas, e com a "isenção de contribuições e IRS sobre prémios de desempenho e redução das taxas marginais" deste imposto "até ao 8.º escalão entre 0,5 e 3 pontos percentuais face a 2023". E também prevê um "IRS jovem" para "reforçar rendimentos aos jovens até aos 35 anos", uma medida que vem acompanhada pela intenção de subir o ordenado mínimo até aos mil euros em 2028. A coligação liderada por Montenegro deve avançar com a "eliminação do IMT e Imposto do Selo para compra de habitação própria e permanente por jovens até aos 35 anos". Em relação ao IVA, a única linha dedicada ao tema passa por reduzir este imposto para a construção para 6%.

DEMOGRAFIA

"Um dos maiores desafios que Portugal enfrenta é a crise demográfica", defendeu o primeiro-ministro na tomada de posse, alertando para o risco de a população portuguesa ser muito menor "dentro de poucas décadas". Por isso, para além de defender "uma política que remova os principais obstáculos à natalidade, como políticas públicas de incentivos, com creches e pré-escolar gratuitos, com vantagens fiscais para famílias numerosas e melhorias da legislação laboral", Montenegro também promete, dentro de um quadro e regulação da imigração, uma "política proativa de atração" de "trabalhadores qualificados", "núcleos familiares e reforço do incentivo à reunificação familiar" e atração de jovens, em particular estudantes. A pensar na diáspora portuguesa, a AD propõe a "criação de um serviço de apoio ao emigrante", para "promover a informação e assim a integração mais próxima das redes de emigração portuguesa na vida nacional", para além de todas as propostas para uma redução fiscal.

PS

EDUCAÇÃO

No programa eleitoral, os socialistas falam, pela primeira vez, em educação, logo na página 15. Comparando o primeiro e último Orçamento do Estado que apresentaram, o PS destaca o investimento de mais de "2,9 mil milhões [de euros] para a educação" em oito anos. Reconhece também que a "escola pública é das maiores conquistas da nossa democracia". Com isto, o partido propõe, entre outras medidas: "aumentar a atratividade no início da carreira", "rever e simplificar as regras do concurso de colocação do pessoal docente". Tal como a AD, os socialistas querem "iniciar negociações com os representantes dos professores com vista à recuperação do tempo de serviço de forma faseada", bem como "desburocratizar a função docente, garantindo que as escolas têm as condições e meios necessários e adequados para assegurar o trabalho administrativo-burocrático". Querem também "revisitar o modelo de gestão das escolas para melhorar dinâmicas participativas".

SAÚDE

"A missão é construir um SNS universal, forte e resiliente." Tal como na educação, é uma das áreas onde o investimento é destacado (5,6 mil milhões de euros entre 2015 e 2024). O PS quer "encetar negociações imediatas com os profissionais de saúde" para rever carreiras e valorizar os salários, bem como para "incentivar a dedicação plena e em exclusividade ao SNS, assegurando a devida valorização das carreiras e a especialização clínica funcional". Para gerir melhor o SNS, os socialistas pretendem "promover uma maior articulação e integração entre os cuidados de saúde primários, hospitalares e cuidados continuados, contrariando assim a excessiva centralidade da rede hospitalar e a duplicação de custos". Há também uma secção dedicada aos cuidados de saúde de proximidade. Os socialistas querem, entre outros, "melhorar a coordenação funcional ao nível da rede de cuidados de saúde primários, reforçando a sua autonomia de gestão, técnica e organizativa".

FISCALIDADE

Mais uma vez, (auto)elogios ao que foi feito: "Os governos do PS implementaram ao longo destes oito anos políticas que reforçaram os orçamentos familiares, como a maior redução registada dos impostos." Em matéria de IRS, querem "reforçar a redução do imposto para a classe média, dentro da margem orçamental, diminuindo as taxas marginais", "atualizar os limites dos escalões de acordo com a taxa de inflação", "alargar o IRS jovem a todos os jovens" e "aumentar a despesa dedutível com arrendamento em 50 euros por ano". Em IRC, "reduzir em 20% as tributações autónomas sobre viaturas das empresas". Já no IVA, o PS quer "devolver em IRS às famílias com menores rendimentos parte do IVA suportado em consumos de bens essenciais, incluindo às famílias que não pagam IRS", e "aplicar a taxa de 6% aos primeiros 200 kWh de energia elétrica consumida em cada mês (duplicando os atuais 100 kWh), ou 300 kWh mensais, no caso das famílias numerosas (duplicando os atuais 150 kWh), numa medida essencial de combate à pobreza energética".

DEMOGRAFIA

No programa dos socialistas os jovens têm uma palavra especial. "Apostar em programas que apoiem a colocação dos jovens quadros nas PME, em particular aqueles com experiência em Eramus ou INOVContacto [programa implementado pela AICEP para formar talento português]. Ainda na demografia, e em particular sobre os imigrantes, os socialistas querem "promover a imigração regular desde a origem, o que exige uma cobertura consular eficaz", bem como "agilizar os processos de legalização, das autorizações de residência e de reagrupamento familiar de imigrantes e refugiados, também como forma de combate às redes de imigração ilegal". Há ainda a proposta de apostar na generalização dos cursos de Português Língua de Acolhimento, em articulação "com políticas de integração de imigrantes". Já sobre os emigrantes, quer "agilizar o Apoio Social a Emigrantes Carenciados das Comunidades Portuguesas, o funcionamento do ASEC (Apoio Social a Emigrantes Carenciados) e do ASIC (Apoio Social a Idosos Carenciados)".

PAULO CUNHA / LUSA

Presidente e ministro da Defesa nas cerimónias comemorativas do 106.º aniversário da Batalha de La Lys e do Dia do Combatente.

Forças Armadas. Belém pede "sensibilidade" e urgência a Nuno Melo e Miranda Sarmento

DEFESA Presidência defende entendimento que trave a "depreciação" e "desvalorização" das Forças Armadas. O "momento irrepetível" dos fundos europeus não pode ser "desbaratado".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

Há oito anos que o alerta de que é uma "evidência" a "dignificação" e o reforço de "mulheres e homens militares" e de "capacidades" é repetidamente feito. E ontem voltou a acontecer. O que leva o Presidente da República a insistir neste discurso? A constatação de que pouco ou nada mudou, houve até uma exautoração, apesar de "o comandante supremo das Forças Armadas ter estado sempre ao lado das Forças Armadas" na sua justa defesa.

O "acentuar das desigualdades" ficou evidente aquando da revisão do Estatuto dos Magistrados Judiciais, em 2019, que deixou de fora "outras carreiras com mais evidentes afinidades, nomeadamente a das Forças Armadas e as das forças de segurança".

O passado, o que vem de 2016, revelou, ano após ano, na leitura de Belém, que as "questões financeiras" [os ministros das Finanças] e "outras laterais" [justificações de conjuntura] sempre se impuseram, e sem "sensibilidade", a todos os que procuraram [todos os ministros da Defesa e chefes militares] travar a "depreciação" e "desvalorização" das Forças Armadas.

A "evidência" de que não se pode "desbaratar um momento irrepetível" [principalmente o PRR] deve levar o governo a ter consciência de que o tempo é curto – "até final deste ano e inícios de 2025" –, não se podendo, mais uma vez, alerta Belém, repetir a "estranha insensibilidade" da última década, pelo menos.

A questão resume-se a um "sim ou não" do "reforço" das Forças Armadas a que o governo deve responder, mas também ao posicionamento que o PS deve ter. Em ambos os programas eleitorais é "vago" o que se diz sobre a defesa. E, claro, não passou despercebido o facto de a palavra "defesa" só ter ter sido pronunciada uma vez por Luís Montenegro no discurso de tomada de posse.

> Em 2020, generais alertaram para "pré-falência" das FA. Este ano avisaram para uma situação "insustentável" e PR subscreve o alerta ao poder político.

Em 2016, era Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República há poucos meses, quem avisou que era preciso "dignificar, reforçar e conferir mais evidentes capacidades de afirmação às Forças Armadas" e que o "poder político – todo ele, solidariamente – lhes reconheça a importância da missão que desempenham, em objetivos a prosseguir, em meios a utilizar e, até, em sensibilidade, para não se esquecer delas de cada vez que tem de decidir sobre matérias que possam implicar ou sugerir depreciação do seu estatuto".

Em 2018 insistiu e disse ser imperativo afirmar o "papel estruturante das Forças Armadas" para a unidade nacional.

Em 2022 criticou a "demora", dizendo que "a pátria, representada pelo poder político do Estado que tanto, e muito justamente, se orgulha de vós e dos vossos feitos, cá dentro e lá fora, tem que vos proporcionar estatuto e condições à altura do que vos pede e do que de vós vai receber [...] E eles, às vezes [o poder político], têm demorado demais a passar de promessas ou expectativas a realidade".

No ano passado, para além dos renovados alertas, deixou uma pergunta: "Se não é agora, em tempos de guerra, em tempos de relevância maior do papel das nossas Forças Armadas no mundo, se não é agora, quando será que vamos atualizar capacidades – algumas delas fora do tempo – e, mais do que isso, ter homens e mulheres em número e formação para lhes dar o devido emprego?"

E desta vez, em 2023, detalhou mais do que nunca os problemas: "Sem mulheres e homens militares, poderemos sonhar com navios, blindados, aeronaves, mas não teremos quem os possa tornar úteis [...] importa que o estatuto militar esteja à altura das legítimas aspirações dos candidatos e dos militares. Importa que as novas leis da programação militar e das infraestruturais militares, que dão inegáveis passos positivos, sejam efetivamente cumpridas – e, se possível, não deixando o que seja mais premente para daqui a oito a 12 anos [...] que tenham sempre efetivos e capacidades à medida das suas missões [...] atraiam sempre mais e melhores efetivos, e que eles não saiam ao ritmo a que têm saído."

Não foi esse "agora" de 2023, nem o de 2016, quando pediu que não se depreciasse o estatuto dos militares. E ontem, ao lado do novo ministro da Defesa, Nuno Melo, repetiu os alertas de oito anos, a "sensibilidade" que Belém espera ver na concretização de soluções.

"Forças Armadas fortes são navios, aviões e blindados, mas são, sobretudo, quem os navega, os pilota e os conduz, e que ou têm estatuto condigno para serem militares e se manterem militares, ou, uma vez mais, se pode desbaratar um momento irrepetível [a referência constante aos fundos europeus, em particular o PRR] na nossa História", insistiu o Presidente.

E daqui seguiu para a "evidência", porque, explicou, "é tão simples perceber isto aqui, junto ao mosteiro da luta pela soberania pátria, que importa não desperdiçar mais tempo a descobrir o que deveria representar, há muito, uma evidência".

E depois uma pergunta: "É esta a evidência que, uma vez mais, o vosso comandante supremo quer que atinja todos os portugueses no ano em que se evoca meio século de uma mudança decisiva na vida de Portugal [o 25 de Abril de 1974], feita nessa hora decisiva por quem?" Fez a pergunta e respondeu: "Por militares."

MNE deve abandonar as "irresponsáveis posições" em que negava o genocídio em Gaza

EXIGÊNCIA Coordenadora do BE diz ser um dever de Portugal reconhecer o Estado da Palestina e que Paulo Rangel, ministro dos Negócios Estrangeiros, "mude a sua posição e adote uma atitude responsável em defesa da paz".

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Líder bloquista pede responsabilidade ao governo da AD.

"É muito importante que o ministro do Negócios Estrangeiros [Paulo Rangel], que tinha posições irresponsáveis no passado, que negou o genocídio em Gaza do povo palestiniano, mude a sua posição e adote uma posição responsável em defesa da paz", afirmou Mariana Mortágua, que participou na marcha Abril pela Palestina, em Lisboa.

No dia em que passam seis meses do início da guerra entre Israel e o Hamas, a líder do BE salientou que o "dever de Portugal" é o de reconhecer o Estado da Palestina, colocando-se ao lado da comunidade internacional e do secretário-geral da ONU, António Guterres.

"É importante que, seis meses depois do início dos ataques de Israel a Gaza, estejamos aqui para lembrar aquilo que está a acontecer em Gaza. Israel matou mais de 30 mil pessoas e quase metade são crianças", lamentou Mariana Mortágua.

Esses números demonstram que está em curso em Gaza uma "política de genocídio e de extermínio", considerou a dirigente bloquista, para quem isso faz com que seja "tão importante que os diferentes países da União Europeia reconheçam o Estado da Palestina como um movimento para a paz".

"O reconhecimento do Estado da Palestina é hoje um movimento político para travar o genocídio e para dizer a Israel que tem de reconhecer a legitimidade de um Estado e de um povo que está a ser massacrado às suas mãos", disse.

Segundo Mariana Mortágua, o que "faz sentido" é que Portugal se junte aos países que, unilateralmente, já prometeram reconhecer o Estado da Palestina, apontando os casos da Eslovénia, Espanha, Malta e Irlanda.

Paulo Raimundo, no sábado, tinha já firmado que novo Governo, liderado pelo social-democrata Luís Montenegro, devia assumir "o seu papel desde logo na clarificação de qual é que vai ser o seu posicionamento face a este genocídio" e qual dos lados da guerra irá apoiar.

Outro sinal de "grande importância", acrescentou, "é de uma vez por todas, o Estado português reconhecer o Estado palestiniano".

A este propósito Paulo Raimundo recordou que o PCP já voltou a apresentar, depois de o ter feito em 2011, uma iniciativa nesse sentido.

Uma nova ação em Lisboa contra a guerra em Gaza está agendada para 11 de maio, quando se assinalam dois anos da morte da jornalista Shirren Abu Akleh e a "quatro dias do Nakba, a catástrofe".

A nova ação em maio, em Lisboa, foi marcada pela central sindical CGTP, o CPPE - Conselho Português para a Paz e Cooperação, o MPPM e o Projeto Ruído

O conflito em curso na Faixa de Gaza foi desencadeado pelo ataque do grupo islamita Hamas em solo israelita de 07 de outubro de 2023, que causou cerca de 1.200 mortos e duas centenas de reféns, segundo as autoridades israelitas.

Desde então, Israel lançou uma ofensiva na Faixa de Gaza que provocou mais de 33.000 mortos, segundo o Hamas, que governa o pequeno enclave palestiniano desde 2007.

A retaliação está a provocar uma grave crise humanitária em Gaza, com mais de 1,1 milhões de pessoas numa "situação de fome catastrófica", segundo a ONU.

DN/LUSA

> Nova manifestação contra a guerra em Gaza foi marcada para 11 de maio em Lisboa. CGTP faz parte da organização.

Ex-bastonário dos Médicos proposto para número dois do PSD no Parlamento

MUDANÇAS Hugo Soares, que regressa a um cargo que exerceu por sete meses, mantém quatro nomes da anterior liderança de Miranda Sarmento.

O candidato a líder parlamentar, que é também secretário-geral do PSD, vai a votos na terça-feira e proporá uma lista com 12 vice-presidentes, entre os quais o coordenador autárquico Pedro Alves, o líder da JSD Alexandre Poço e Hugo Carneiro, antigo dirigente de Rui Rio.

Da anterior bancada liderada pelo agora ministro de Estado e das Finanças Joaquim Miranda Sarmento, transitam quatro vices: Alexandre Poço, Hugo Carneiro, Andreia Neto e Hugo Oliveira.

Os restantes novos vice-presidentes propostos por Hugo Soares – além de Miguel Guimarães e Pedro Alves – são Regina Bastos, Silvério Regalado, Isaura Morais, Cristóvão Norte, João Valle e Azevedo e António Rodrigues.

Miguel Guimarães foi um dos independentes que integrou a lista de deputados da Aliança Democrática (coligação pré-eleitoral entre PSD, CDS-PP e PPM), como cabeça de lista pelo Porto, tal como João Valle e Azevedo, economista e quadro do Banco do Portugal, que foi número cinco por Lisboa.

Também da lista de Lisboa entram outros dois dos futuros vices da bancada – que regressam ao parlamento fruto das saídas de muitos deputados pela capital para o Governo: Regina Bastos, antiga deputada e eurodeputada e ex-secretária de Estado da Saúde, e António Rodrigues, que esteve na Assembleia da República na VII e XII legislaturas.

Silvério Regalado, número dois por Aveiro, foi presidente da Câmara de Vagos até renunciar ao mandato para se candidatar como deputado, enquanto Isaura Morais, antiga presidente da Câmara de Rio Maior, foi também vice-presidente durante a anterior direção do PSD de Rui Rio.

O líder da distrital de Faro, Cristóvão Norte, é outro dos regressos à Assembleia da República.

Como secretários do grupo parlamentar, Hugo Soares propõe Almiro Moreira, eleito por Aveiro, e Dulcineia Moura, cabeça de lista pela Guarda.

Hugo Soares volta a candidatar-se ao cargo de líder parlamentar da bancada social-democrata, que exerceu há seis anos mas por breves sete meses.

As eleições para a nova direção do Grupo Parlamentar do PSD estão marcadas para terça-feira, entre as 14:00 e as 16:00. **DN/LUSA**

Linda Tannenbaum
“A covid abriu uma janela para doenças como a Fadiga Crónica”

SAÚDE Pessoas com covid longa têm apresentado sintomas semelhantes a quem tem encefalomielite miálgica/síndrome de fadiga crónica, uma doença incapacitante, explica a CEO da Open Medicine Foundation.

ENTREVISTA **SARA AZEVEDO SANTOS**

PAULO SPRANGER/GLOBAL IMAGENS

Como nasceu a Open Medicine Foundation?
Chamo-lhe a minha terceira carreira. A minha formação é em diagnóstico de laboratório, e era cientista em laboratórios clínicos antes de a minha filha ficar doente. Ela ficou doente em 2006 e fez todos os testes possíveis em laboratório, mas a maioria deles estavam normais, por isso não tínhamos ideia do que estava errado com ela. A minha filha esteve acamada e, depois de irmos a 20 médicos diferentes, descobrimos que ela tinha síndrome de fadiga crónica (SFC) e encefalomielite miálgica (EM). Então comecei a pesquisar o que era esta doença, porque não havia tratamento nem muitas investigações clínicas sobre ela. Decidi que, quando deixasse de ser a cuidadora dela – se isso fosse possível, porque estava com ela 24 horas –, iria criar uma fundação para descobrir como diagnosticar a SFC/EM e tratá-la. Os investigadores não estavam a prestar grande atenção ao assunto, não havia financiamento, e então resolvi criar a Open Medicine Foundation, em 2012, para angariar dinheiro e juntar investigadores. Sendo nós os fundadores e facilitadores, os investigadores poderiam partilhar dados e resultados. Estamos a fazer isto há 12 anos, temos oito pessoas a trabalhar connosco e sete centros diferentes de pesquisa colaborativa que apoiamos e financiamos. Cada centro tem um diretor e investigadores a trabalhar com eles. Atualmente estamos a financiar investigação em todo o mundo através destes centros colaborativos.

Criou a Open Medicine Foundation devido à falta de recursos que encontrou aquando do diagnóstico da sua filha. Como é que a fundação conseguiu implementar-se e abrir portas a nível internacional?
A minha formação não era no domínio da angariação de fundos ou de organizações sem fins lucrativos, mas tive de encontrar uma forma de poder financiar toda a investigação. Começámos totalmente do zero. O meu marido trabalha nos bastidores e ajudou com todas as tecnologias de que precisávamos para começarmos – primeiro só com voluntários, até que começámos a ter dinheiro suficiente para contratar pessoas. Começámos a construir e a expandir o nosso conhecimento, as nossas bases de dados. A fundação ganhou dimensão internacional porque alguém na Europa começou uma associação sem fins lucrativos e combinámos esforços, o que fazemos já com outras organizações em diferentes países, incluindo Portugal, para espalhar a palavra do que fazemos. A fundação foi crescendo com o tempo e iniciámos a partilha do que estávamos a fazer com esperança de que alguém estivesse atento e a validar o interesse nesta doença.

A que recursos é que se pode aceder através da fundação?
No nosso *site* temos muita informação para educação médica e colaboramos com o Bateman Horne Center para implementar isso também. Temos informação que encorajamos os pacientes a partilharem com os seus médicos, e isso é o melhor que temos. E, claro, temos informação para médicos.

Considera que a semelhança de sintomas entre a covid longa e a SFC/EM trouxe uma nova luz para o impacto que estas doenças têm na vida das pessoas?
Absolutamente. Uma das coisas positivas da covid-19 é que abriu uma janela para estas doenças crónicas e complexas. Estas doenças existem há anos e têm sido ignoradas, não foram validadas ou não têm sido consideradas doenças reais. Agora as pessoas conhecem tantas outras que ainda estão doentes depois de terem tido covid-19 e entendem que se pode ter estas doenças crónicas, que são reais. Quando nos referíamos apenas à SFC/EM, poucos falavam ou escreviam sobre isso, e quando escreviam era para questionar se se tratava de uma doença real. Agora sabem que estas são doenças reais, tal como a covid longa.

> O diagnóstico da filha fez Linda aprender sobre a síndrome de fadiga crónica e angariar dinheiro para investigação. Em Lisboa aconteceu a 1.ª conferência para discutir a ligação desta síndrome com a covid longa.

Já há alguma explicação para esta semelhança de sintomas entre a SFC/EM e a covid longa?
Sabemos que pelo menos 70% a 75% das pessoas que tem SFC/EM tiveram uma infeção viral. Quando surgiu a covid-19, que foi uma grande infeção viral, sabíamos que muitas acabariam com os mesmos sintomas da SFC/EM, porque várias infeções virais e bacterianas induziram ao aparecimento de sintomas destas síndromes. E agora a covid longa está a conduzir a estes mesmos indícios.

Em vários países as pessoas podem pedir uma baixa médica quando estão doentes. Com a SFC/EM pode ser um pouco diferente, porque não é uma doença visível. O que pensa que os governos deveriam fazer nestes casos?
Muitos indivíduos não podem receber benefícios por doença e não podem trabalhar. E é principalmente pela falta de consciência que o sistema de saúde tem quanto a estas doenças. Não há compreensão sobre o quanto estas doenças são devastadoras e debilitantes. Só porque não se consegue vê-las não deixam de ser uma doença física. Então os governos precisam de ter maior consciência da natureza debilitante destas síndromes e de que as pessoas afetadas por elas não são capazes realmente de exercer a sua profissão. Os governos devem pelo menos contribuir para melhorar a qualidade de vida destas pessoas, para que elas não tenham de se esforçar demasiado no trabalhar.

Como é a vida da sua filha hoje em dia?
A minha filha esteve acamada durante alguns anos, mas está muito melhor agora. Posso dizer que ela é uma das sortudas que conseguiu melhorar o suficiente para viver a sua própria vida. Há uma percentagem muito pequena de indivíduos que conseguem melhorar e ter alguma qualidade de vida. Ela perdeu o 11.º e o 12.º anos na escola, mas conseguiu recuperar mais tarde. Também depois foi para a faculdade. No entanto, as recaídas são muito comuns e por isso estamos sempre preocupados de que ela fique doente e possa ter uma recaída que a leve a ficar tão mal quanto já esteve antes. Mas por agora, se ficar no nível em que se encontra atualmente, pode viver a sua vida normalmente. Hoje ela é terapeuta e ajuda pessoas com grandes traumas. Por isso ela está sempre a retribuir o que de facto recebeu.

sara.a.santos@dn.pt

Migrações: semana de integração arranca hoje

MOBILIZAÇÃO Atividades da Semana da Interculturalidade ocorrem até 14 de abril em todos os distritos do país, com programação gratuita.

TEXTO **AMANDA LIMA**

Um almoço com pratos de diferentes nacionalidades, conversas sobre convivência intercultural, baile com música cabo-verdiana, visita a uma mesquita, *workshop* de turbantes afro, um jantar do Bangladesh: são algumas das atividades realizadas esta semana por todo o país. É a Semana da Interculturalidade, que arranca hoje e segue até domingo, 14. Entre conversas, comida, filmes, fotos e *workshops*, a sociedade civil vai debater as diferentes culturas que vivem em Portugal para promover a inclusão e diversidade.

"A interculturalidade, cada vez mais presente na nossa sociedade, exige um conhecimento mais aprofundado das várias culturas e diversidades que integra. É através do conhecimento de outras culturas e dos contactos que temos com essas culturas/diversidades que nos enriquecemos enquanto cidadãos", refere a Rede Europeia Anti-Pobreza (EAPN Portugal), entidade promotora da semana.

A ampla programação vai ao encontro deste objetivo de forma criativa e lúdica, com envolvimento de vários setores da sociedade, desde as creches até aos lares de idosos. Na Creche Popular de Moscavide, em Lisboa, mães e pais de diferentes nacionalidades vão fazer uma visita e cozinhar juntos refeições típicas dos seus países.

Em Portalegre, o muro do Agrupamento de Escolas José Régio será pintado com palavras de boas-vindas em variados idiomas. No mesmo agrupamento, a rádio da escola vai promover "A conversar é que a gente se entende" e os estudantes ainda irão realizar apresentações de canto a interpretar músicas de diferentes nacionalidades.

Em Bragança, na Escola Profissional Ensibriga, haverá um debate com o tema "Inclusão escolar de alunos africanos e contributos para o enriquecimento da escola multicultural". A mesma cidade vai acolher a mesa-redonda "Que caminhos estamos a percorrer na integração dos migrantes?". Em Loures, Lisboa e Sintra crianças e jovens vão refletir sobre o significado de falar outro idioma e ter uma religião e um tom de pele diferentes no ciclo de conversas "O que é pra ti?".

Além dos miúdos, os graúdos também fazem parte desta tentativa de levar a palavra da integração pelo país. Os idosos do Lar e Centro de Dia Padre Américo, em Penafiel, no distrito do Porto, terão dias de cultura e comida de França e México. Os avós também são os convidados das escolas do pré-escolar da Associação de Moradores das Lameiras, em Vila Nova de Famalicão, para contar histórias sobre multiculturalismo. No concelho de Beja, um grande almoço vai reunir pratos típicos das comunidades brasileira, angolana, cigana, indiana e chinesa. Além de celebrar, as ações também visam tentar romper estigmas, como na conversa sobre o amor na cultura cigana e outra sobre o papel das mulheres e ainda na exposição fotográfica *Além do Olhar*, com testemunhos, símbolos e vivências da comunidade de cigana de Mourão. Em Leiria, um dos eventos será "Sucesso sem fronteiras: entre mitos e factos – Conhecer para desmistificar", com a participação de diversos setores da comunidade.

"O intuito é sensibilizar os cidadãos para a necessidade de uma sociedade intercultural que tenha presente os valores da solidariedade, da não discriminação pela aparência, etnia, género ou nacionalidade, da igualdade, do respeito pela diferença e pela diversidade, da partilha e da inclusão", complementa a EAPN Portugal. A programação inclui ações em todos os distritos do país, além da Região Autónoma da Madeira. Todas as ações são gratuitas e podem ser consultadas no *site* criado para o efeito: si2024.eapn.pt.

amanda.lima@globalmediagroup.pt

LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS

Parte das ações serão realizadas em escolas e creches.

Socióloga alerta para anticiganismo

DATA Maria Manuela Mendes não acredita que possa haver uma regressão nos direitos das pessoas ciganas, mas alerta para influência do Chega.

A socióloga Maria Manuela Mendes, com investigação sobre temas ciganos, não acredita que possa haver uma regressão nos direitos das pessoas ciganas, mas alertou para o aumento do anticiganismo e para a "urgência" da falta de habitação. Em declarações à Lusa, por ocasião do Dia Internacional das Pessoas Ciganas, que se comemora hoje, a investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-Iscte) defendeu que o processo de democratização e consolidação da democracia desde há 50 anos impede que haja um retrocesso nos direitos das pessoas ciganas em Portugal.

"Há muitas coisas que mudaram, nomeadamente este reaparecimento de populismos mais extremados e de direita que podem colocar alguns desafios", apontou, sublinhando que isso tanto poderá acontecer com as comunidades ciganas como com outras minorias.

"Os populismos mais radicais ou de extremos e de direita normalmente fazem aquela divisão tradicional entre nós e eles, e nós e eles podem ser as minorias étnicas, as minorias religiosas, até podem ser as mulheres", acrescentou, defendendo que todos têm de estar "vigilantes". Para a investigadora, o anticiganismo em Portugal manifesta-se hoje de "forma muito descarada, muito aberta", apontando a influência do Chega.

O Dia Internacional das Pessoas Ciganas foi criado em 1971, por ocasião do primeiro Congresso Mundial Romani, em Londres. **DN/LUSA**

Ordens enviam 'caderno de encargos' a Montenegro

SAÚDE Médicos, enfermeiros, farmacêuticos, dentistas, psicólogos, veterinários, nutricionistas, fisioterapeutas e biólogos subscreveram documento.

As ordens profissionais da saúde enviaram ontem ao primeiro-ministro um conjunto de propostas para melhorar o contexto atual da saúde humana, animal e ambiental, apontando como prioridades a prevenção da doença, os profissionais de saúde e os cuidados primários.

Na missiva enviada a Luís Montenegro no Dia Mundial da Saúde, numa iniciativa inédita, nove ordens profissionais elaboraram um documento que resulta de uma reflexão conjunta assente numa visão partilhada e num consenso para um futuro de "uma só saúde" (One Health).

A promoção da saúde e a prevenção da doença, um maior investimento na literacia em saúde e na saúde mental ou a valorização dos profissionais de saúde são algumas das medidas apresentadas no documento, subscrito pelas Ordens dos Médicos, Enfermeiros, Farmacêuticos, Dentistas, Psicólogos, Veterinários, Nutricionistas, Fisioterapeutas e Biólogos. "Entendemos que havia pontos de convergência e um deles precisamente tem a ver com a ideia de *One Health*, que agrega todas as ordens profissionais porque integra a saúde humana, que diz respeito à maioria das ordens deste grupo, mas também a saúde animal e a saúde ambiental e climática", explicou à Lusa o bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes.

E disse ainda que a intenção é mostrar, no Dia Mundial da Saúde e "no momento que o país está a atravessar", que unidos conseguem chegar mais longe e que estão disponíveis "para ajudar o Governo".

DN/LUSA

Dois mortos em naufrágio ao largo de Troia

SADO Corpos de uma criança e de um adulto encontrados ao início da tarde. Buscas por outros dois tripulantes retomam esta manhã. Timoneiro, de 62 anos, foi resgatado com vida.

Os corpos de uma criança e de um adulto desaparecidos no mar após o naufrágio de embarcação de recreio ao largo de Troia, concelho de Grândola (Setúbal), foram encontrados ontem ao início da tarde, mas as buscas por outros dois náufragos foram suspensas ao pôr do sol, retomando esta manhã às 7h30 – no mar, pelo navio da Marinha NRP *Viana do Castelo*, pelo Instituto de Socorros a Náufragos e por drones; por terra, por elementos da Polícia Marítima. Um homem de 62 anos foi o único resgatado com vida.

A bordo da embarcação seguiam dois irmãos, de 21 e 23 anos, sendo um deles uma das vítimas mortais cujo corpo foi encontrado, um homem com cerca de 40 anos e o seu filho, entre os 11 e os 13 anos, que também foi resgatado sem vida. Segundo o capitão do Porto de Setúbal e comandante local da Polícia Marítima, Serrano Augusto, "são todos da zona de Grândola, moram na mesma rua" e iam à pesca do choco, mas apenas a criança tinha colete.

"Um dos corpos foi localizado pela lancha da Polícia Marítima e o helicóptero da Força Aérea avistou o outro", ambos "nas proximidades da embarcação afundada", acrescentou. Contactado pela Lusa, revelou que os dois foram "transportados para os serviços de medicina legal do Hospital de São Bernardo, em Setúbal".

A Polícia Marítima recebeu o alerta às 10h05 para o naufrágio de uma embarcação de recreio a cerca de uma milha e meia (aproximadamente três quilómetros) de Troia, no concelho de Grândola. O naufrágio terá acontecido por volta das 7h00, disse à Lusa o comandante Serrano Augusto.

De acordo com um comunicado da Autoridade Marítima Nacional (AMN), o timoneiro "foi resgatado por uma embarcação que se encontrava nas proximidades". "Das declarações já apresentadas pelo timoneiro, que é o proprietário da embarcação, terá sido surpreendido por um golpe de mar. A tentar guinar, houve uma ondulação que lhe virou a embarcação", revelou Serrano Augusto. "O mar cresceu muito ao tentar virar para trás, uma vaga adornou a embarcação e esta virou-se. Deixei de ver os quatro tripulantes, que foram atirados borda fora", explicou a vítima resgatada, citada pela CNN, acrescentando que não conhecia os outros tripulantes e que iam fazer pesca desportiva na embarcação de recreio.

AMN - GRUPO DE MERGULHO FORENSE DA POLÍCIA MARÍTIMA

Mergulhador da Polícia Marítima, ontem, em buscas na zona do naufrágio.

> Segundo o capitão do Porto de Setúbal e comandante local da Polícia Marítima, Serrano Augusto, "são todos da zona de Grândola, moram na mesma rua" e iam à pesca do choco, mas apenas a criança tinha colete.

Segundo o capitão do Porto de Setúbal e comandante local da Polícia Marítima, as cinco pessoas a bordo da embarcação que naufragou, afundando de seguida, são portuguesas, residentes na "zona de Santiago do Cacém", também no litoral alentejano.

Logo após o alerta, foram ativados para o local "uma embarcação do Comando local da Polícia Marítima de Setúbal e uma embarcação da Estação Salva-Vidas de Sesimbra", tendo decorrido igualmente buscas em terra por elementos dos bombeiros e da GNR. "Foram ativados para o local um navio da Marinha Portuguesa e uma aeronave da Força Aérea Portuguesa", pode também ler-se no comunicado da AMN. O comandante Serrano Augusto precisou tratar-se de um helicóptero Koala da Força Aérea Portuguesa.

O Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima também foi ativado e esteve a prestar apoio. **DN/LUSA**

No século XIX, Schiaparelli descobriu o cume do sistema solar

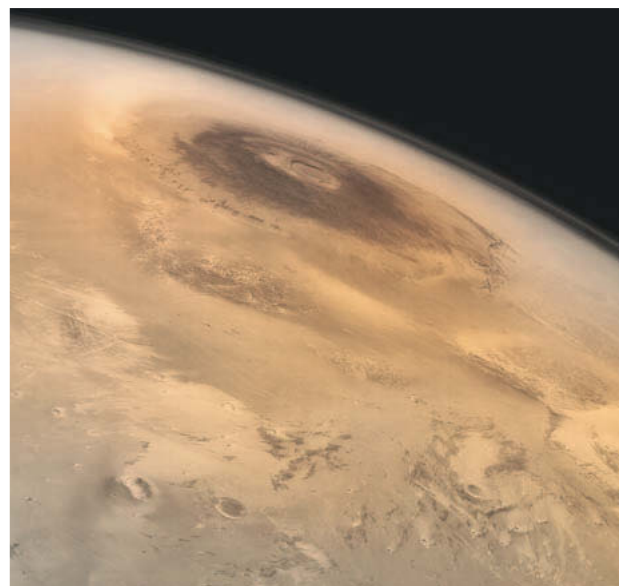
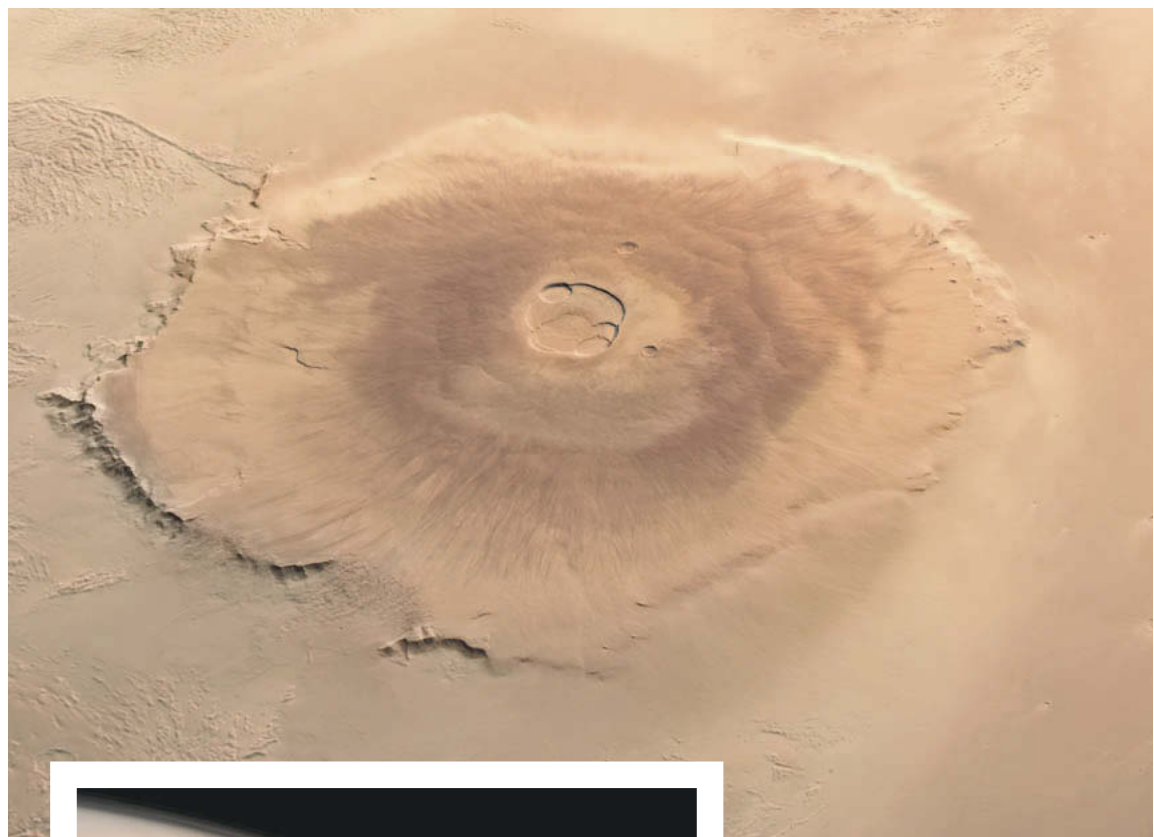
CIÊNCIA *VINTAGE* Um astrónomo italiano descobriu no século XIX os contornos de uma montanha em Marte. Da Terra, Giovanni Schiaparelli descortinou o monte Olimpo, com 21 km da base ao cume. Hoje, a montanha cimeira do sistema solar foi desclassificada para a segunda posição. Mas mantém a majestade.

TEXTO **JORGE ANDRADE**

FOTOS D.R.

Como uma mensagem lançada ao oceano cósmico, o objeto viajou no seio do sistema solar ao longo de mil milhões de anos. Em 2012, o objeto atravessou a atmosfera terrestre sob a forma de um meteorito para se alojar nos campos de areias do deserto argelino. O corpo Northwest Africa 7635, como foi apelidado, não fez uma viagem solitária. Um grupo de 11 rochas marcianas esbarrou com a órbita terrestre, para se tornarem mensageiras do "Planeta Vermelho". O meteorito 7635 carregava, no entanto, uma singularidade: era o mais velho do grupo, um ancião com 2,4 mil milhões de anos. Não obstante caber na palma de uma mão, para o consórcio de cientistas que se deslocou ao deserto argelino a rocha, de tonalidade a raiar o negro, comunicava com eloquência. Tratava-se de material vulcânico e resultava de um antiquíssimo cataclismo no planalto de Tharsis, na região equatorial de Marte. Face à violência de um impacto pretérito, a menor atração gravitacional e a atmosfera mais fina do "Planeta Vermelho" tornaram fácil a expulsão de material da planície de lava. O corpo celeste que chocou com a Terra em 2012 caberia no denominado grupo de meteoritos marcianos shergotitos. Isto em alusão à cidade indiana de Shergotty (atualmente Sherghati), onde, em 1865, foi recuperada uma rocha marciana de 5 kg.

A rocha que os cientistas miravam em 2012 testemunhava uma erupção vulcânica a partir do cone atualmente adormecido daquela que, até 2011, ostentou o título de maior elevação do sistema solar. O monte Olimpo faz o terrestre monte Evereste assemelhar-se a um David frente a Golias. Face aos 8848 metros de altura do pico situado na cadeia montanhosa dos Himalaias, o monte Olimpo ergue o topo da sua cratera a mais de 21 km acima da superfície marciana. Transposto para a Terra, o ápice da montanha marciana ultrapassaria a troposfera, imiscuindo-se na estratosfera. A tecnologia e a exploração espaciais dos séculos XX e XXI trariam aos olhares terráqueos o monte Olimpo em toda a sua glória. Muito antes da descoberta oficial da montanha pela sonda Mariner 9, da NASA, em 1971, a astronomia do século XIX aproximara a observação terrestre daquele que é o mais alto vulcão do sistema solar. No final do século XIX, um laborioso astrónomo italiano nascido em 1835, de seu nome Giovanni Schiaparelli, suspeitou da existência do pico marciano, que se erguia acima das tempestades de poeira. Algo na superfície do quarto planeta a contar do Sol se mantinha incólume quando o solo se erguia em tumulto durante meses.

Do século XIX ao presente, a história do monte Olimpo faz-se de espanto e também de uma desclassificação. De lugar cimeiro na lista dos picos mais elevados do sistema solar, o Olimpo caiu para a segunda posição no início da década de 2010. Um corpo no cinturão de asteroides entre as órbitas de Marte e Júpiter reservava uma surpresa. A superfície rochosa do asteroide Vesta, um protoplaneta (planeta embrião), apresenta uma enorme cratera de impacto. Rheasilvia, assim apelidada a cratera em homenagem a Reia Silvia, lendária mãe de Rómulo e Remo, fundadores de Roma, tem uma montanha central com perto de 23 km de altura, medidos da base ao pico. O portento

No alto dos seus mais de 21 km de altura, o Olimpo guarda uma caldeira de 85 km por 60 km de extensão.

rochoso, com 200 km de diâmetro, descansa no seio da cratera-mãe com mais de 460 km de diâmetro. Um acidente geológico de escala maior face à dimensão de Vesta. O protoplaneta tem um diâmetro médio de 520 km. A massa de rocha basáltica, avistada pela primeira vez em 1807 pelo astrónomo alemão Heinrich Olbers, seria observada com detalhe em 1997 pelo olho do telescópio Hubble e visitada em 2011 pela sonda espacial Dawn, ao serviço da NASA.

Não obstante a desclassificação, a imponência do monte Olimpo, nas planícies de um planeta que a inventiva humana elegeu como a hipotética casa de uma civilização alienígena, prepondera sobre a de uma montanha perdida no âmago de um asteroide. Na centúria de oitocentos, Schiaparelli tratou de trilhar com minúcia a superfície de Marte. Não só lhe descortinou os canais que dariam azo a teorias de civilizações ancestrais e a sua tentativa de transvase de água de regiões polares para terras equatoriais, como desenhou o primeiro mapa de Marte. Schiaparelli, como já aqui descrito, descortinou o pico gelado do monte Olimpo. O astrónomo britânico Patrick Moore escreveu no livro de 1977 *Guide to Mars* (*Guia para Marte*): "Descobriu [Schiaparelli] que a neve olímpica [*nix olympica*] era quase a única característica a ser vista." A brancura a que o astrónomo inglês se refere é a denominada formação de albedo, ou seja, uma grande área da superfície de um planeta que exibe um contraste na claridade ou na escuridão em relação às áreas adjacentes. Por muito tempo as formações de albedo afiguravam-se como o único método para avistamentos em Marte e Mercúrio.

Todos os números que envolvem referências ao monte Olimpo afiguram-se hiperbólicos. A montanha ocupa uma área de aproximadamente 300.000 km^2, próximo à área ocupada por Itália. No alto dos seus mais de 21 km, o Olimpo guarda uma caldeira de 85 km por 60 km de extensão. No extremo oposto, a base do vulcão prolonga-se por 625 km e só é batida, em extensão, pela de um vulcão terrestre, escondido sob as águas do Pacífico. Mil e seiscentos quilómetros a nordeste do Japão, o maciço de Tamu apresenta um diâmetro de 650 km: um gigante adormecido, com o pico a 1980 metros da superfície do mar.

Se aos humanos fosse concedida a concretização do sonho de caminharem em Marte, entenderiam que no terreno o gigantismo do monte Olimpo não seria percebível. A estrutura rochosa tem a forma de uma tenda de circo, de encostas suaves, o que impossibilita a partir do solo antecipar a real dimensão da montanha. Da mesma forma, um observador próximo ao cume não perceberia estar numa montanha, a grande altitude, pois as encostas do vulcão estendem-se muito além da linha de horizonte percebida. Uma impossibilidade que não impediu o escritor de ficção científica dos Estados Unidos Kim Stanley Robinson de, em 1985, enveredar os protagonistas do seu conto "Green Mars" ("Marte Verde"), numa buliçosa subida do Olimpo. Publicado inicialmente na revista *Asimov's Science Fiction*, o conto ganharia contornos de livro, um entre os demais da trilogia marciana escrita pelo autor. Robinson detalha os desafios da subida, embora em momento algum refira o encontro com deuses. Esses habitam um outro Olimpo, numa mansão de cristais a quase 3000 metros nos confins das montanhas gregas.

Opinião
Paulo Guinote

Economias

Ao fim de cinco décadas de regime democrático, se excluirmos o dramático afundamento da qualidade do nosso ecossistema político, com exemplos bem recentes que tornam muito difícil negar evidências, o maior fracasso tem sido o do desenvolvimento de um país onde o combate à desigualdade se reduz à retórica e onde se constata um progressivo deslizar descendente nas comparações internacionais relativas ao nível de vida da maioria da população. Dos três dês prometidos pela revolução de Abril, o de "desenvolver" continua a esperar pela sua vez, pois, mesmo com os defeitos que possamos apontar-lhes, os de "democratizar" e "descolonizar" foram concretizados.

Em sentido inverso, a saúde e a educação apresentaram uma evolução muito favorável dos seus indicadores, até entrarem em relativo colapso nos últimos tempos. O Serviço Nacional de Saúde foi uma criação exemplar, que permitiu elevar a qualidade da prestação de serviços aos cidadãos, assim como a escola pública permitiu uma massificação do acesso à educação, que possibilitou que, nos inícios do século XXI, Portugal estivesse, por fim, a um nível que antes era quase miragem. E nem sempre se dá o devido valor a esses progressos e que o "estar na média" da OCDE significa muito mais do que a expressão pode transmitir aos desconhecedores do ponto de partida.

Esses avanços foram conseguidos com um modelo de gestão próprio de serviços públicos, afastado da "lógica empresarial" defendida por um certo liberalismo mais extremado. Enquanto muitas empresas se afundavam, mesmo algumas que beneficiavam de regimes favoráveis, ou a economia nacional estagnava ao ritmo das ondas dos subsídios europeus, a educação e a saúde, entregues aos seus profissionais, floresceram.

Estranhamente, a dado momento, no início do século XXI, numa evolução estranha, surgiu a moda de submeter esses sectores à "lógica empresarial", em nome de uma alegada "racionalidade" e de doutrinas que, pelos resultados da sua aplicação, faziam antever um fracasso. E o resultado tem sido desastroso, pelo que só uma estranha teimosia ou crença mística pode explicar a insistência em tal fórmula. Nem sempre é confortável afirmar que a economia pretende explicar melhor o passado do que a História e prever o futuro com maior acuidade do que a tarologia e quiromancia em conjunto, mas, em regra, com o rigor destas.

Ao longo do tempo assistimos a panegíricos generosos e inflamados a gestores de "sucesso", que pouco depois soubemos terem conseguido isso à custa de trapalhadas, encobertas por hábeis políticas de comunicação. Exaltam-se "unicórnios" que em poucos anos estão na falência. Não é de hoje, ontem ou dos anos mais recentes o lamento em relação à má qualidade das nossas elites "empreendedoras". Já em meados do século XVII se afirmava:

> *"E a desgraça de tantas desgraças é que os autores destas empresas, depois de roubarem com elas a el-rei, aos soldados e a todo o reino […] ficam-se saboreando da destreza com que fizeram seu ofício. E, se a consciência os pica que venderam gato por lebre, limpam o bico à mesma consciência que a ninguém puseram o punhal nos peitos."*
> *(Arte de Furtar)*

Em maio de 2021 noticiava-se que "elites portuguesas deixam nódoa em *ranking* internacional e ficam atrás da China e do Leste". No *Jornal de Negócios*, Óscar Afonso, da Universidade do Porto, explicava que a posição se baseava "na fraca competitividade externa, nos elevados níveis de endividamento, na estrutura produtiva especializada em atividades orientadas para o mercado interno e a péssima qualidade institucional". Dois anos depois as coisas tinham piorado. O mesmo investigador explicava que "as elites continuam a revelar uma tendência crescentemente extrativa, que importa corrigir, mantendo-se um país pouco competitivo, muito aberto ao exterior, muito dependente da situação económica dos seus principais parceiros […]".

Infelizmente, as nossas elites demonstram que o seu mau desempenho está associado a evidentes problemas de aprendizagem.

Professor do ensino básico.

Futuro da Nowo em risco após chumbo da venda à Vodafone

COMUNICAÇÕES Espanhola MásMóvil, dona da Nowo, riscou Portugal do plano de negócios. Sem venda e uma imparidade de 38 milhões com origem no operador luso, o futuro é incerto.

TEXTO **JOSÉ VARELA RODRIGUES**

O chumbo da Autoridade da Concorrência (AdC) à compra da Nowo pela Vodafone Portugal vem pressionar o futuro da operação do quarto operador de telecomunicações português. O plano de investimentos da espanhola MásMóvil, dona da Nowo, não visa Portugal e, sem outro comprador para a empresa que representa já uma imparidade de 38,2 milhões de euros nas contas do grupo de telecomunicações espanhol, o encerramento da Nowo poderá mesmo acontecer.

O DN/Dinheiro Vivo questionou a Nowo e a MásMóvil sobre o futuro da operação, mas até ao fecho desta edição não obteve resposta de fontes oficiais. Não obstante, a informação que consta nos relatórios de contas de 2021, 2022 e 2023 da dona da Nowo permite depreender que, sem uma alternativa ao negócio com a Vodafone, os cenários possíveis não serão animadores. Além disso, a 25 de fevereiro, ao jornal *ECO* Miguel Venâncio, presidente do conselho de administração da Nowo, admitia a hipótese mais drástica: "Esse é um dos cenários que poderá vir a acontecer, que é, sim, o encerramento da Nowo em Portugal."

O futuro da Nowo está, pois, em causa se não surgir outro comprador, porque a empresa tem uma operação limitada, com uma quota de mercado abaixo dos 3% e prejuízos acima dos 20 milhões de euros no ano de 2022, representando hoje uma perda de valor para a MásMóvil, que só poderia ser compensada ou recuperada através de uma venda.

"O grupo reconheceu uma imparidade em instrumentos financeiros [da Cabonitel, veículo através do qual detém a Nowo] no montante de 38,237 milhões de euros a 31 de dezembro de 2023", lê-se no relatório de contas do último ano da MásMóvil.

Miguel Venâncio, presidente da Nowo, e Meinrad Spenger, CEO da MásMóvil, quando a empresa foi comprada pelos espanhóis, em 2019.

Comprar para revender

A MásMóvil adquiriu a Cabonitel ao fundo norte-americano KKR em 2019, passando a controlar a Nowo e a Oni (vendida em 2020 à Gigas, também uma empresa espanhola, por 40 milhões de euros).

Entrou no mercado português embalada pelo crescimento do grupo em Espanha e porque a Autoridade Nacional de Comunicações (Anacom) queria usar o leilão do 5G para atrair novos operadores, com o argumento de estimular a concorrência – entre os termos do leilão estava o *roaming* nacional (partilha de rede). A Nowo investiu 70,2 milhões de euros no leilão. No final de 2021, o negócio em Portugal não representava "quaisquer perdas", segundo o relatório de contas daquele ano.

Em 2022, contudo, a MásMóvil perdeu o interesse em Portugal. Por um lado, a entrada do operador de origem romena Digi no mercado nacional – também por via do leilão do 5G – tornava mais difícil assegurar a rentabilidade do negócio, devido à dimensão do mercado português. Por outro, a MásMóvil já se encontrava a preparar a fusão com a Orange em Espanha (aprovada em março deste ano).

As contas de 2022 revelam que só em abril daquele ano a MásMóvil passou a controlar a 100% a Cabonitel e, por sua vez, a Nowo, após acordos entre acionistas e parceiros de negócios. No relatório, o veículo de controlo da Nowo é mencionado como "subsidiária exclusivamente para revenda".

Em setembro de 2022 foi anunciado o acordo que previa a venda da Nowo à Vodafone Portugal, com o relatório de contas a revelar que o negócio ascendia a 72 milhões.

O chumbo da AdC

A AdC levou um ano e meio a analisar o negócio. Fonte oficial daquela autoridade confirmou, a 25 de março deste ano, que o projeto de decisão da AdC chumba a compra da Nowo pela Vodafone porque esta última "falhou em demonstrar que esta aquisição não teria impacto negativo na concorrência".

A Vodafone tinha apresentado dois pacotes de medidas corretivas para evitar o chumbo, incluindo a cedência de espectro à Digi. Mas, para a AdC, o sucesso da operação "poderia levar, inclusivamente, a aumentos dos preços", ao acabar com a "pressão concorrencial que a Nowo atualmente exerce".

> Nowo emprega 150 pessoas e tem cerca de 140 mil clientes no serviço fixo e 250 mil no móvel, utilizando a rede da Meo, devido a um acordo com a Altice. Tem licenças 5G, apesar de não ter rede móvel própria.

A decisão formal deverá ser conhecida no final de abril ou meados de maio, após as audiências sobre o projeto de decisão. O acordo para concluir o negócio entre a Vodafone e a MásMóvil termina a 15 de maio, segundo o relatório de contas de 2023, mas é pouco provável que o sentido da decisão mude.

A Vodafone já fez saber que "lamenta e discorda" da decisão da Concorrência, alertando que o chumbo "inviabiliza o reforço do investimento da Vodafone no mercado nacional" e que quaisquer acordos dependentes do sucesso deste negócio caem por terra.

Sem uma alternativa para a Nowo, que não oferece serviços em todo o território, ficam em causa perto de 150 empregos diretos e uma operação que serve cerca de 250 mil clientes do serviço móvel e cerca de 140 mil do serviço fixo. A rede fixa cobre menos de um milhão de casas e os serviços móveis ainda são assegurados pela rede móvel da Meo (Altice), devido a um acordo de operador móvel virtual. Apesar de ter licenças 5G, a Nowo ainda não tem uma rede móvel própria.

jose.rodrigues@dinheirovivo.pt

Especialista contesta decisão de banir Huawei

O professor catedrático do Instituto Superior Técnico Arlindo Oliveira critica a posição de Portugal em banir a Huawei no país, dizendo que "não é justificada", e adverte que a redução da concorrência tem impacto no custo para o consumidor. Em entrevista à Lusa, o também presidente do INESC confessa discordar "das políticas adotadas na Europa e nos Estados Unidos" em matéria tecnológica em relação à China.

A China "tem o regime que tem e não é, seguramente, uma democracia ocidental, mas a maneira correta de melhorar as condições de vida e o relacionamento com a China não é afastar e bloquear a China e a tecnologia chinesa", considera o investigador, que foi escolhido para presidir ao 33.º Congresso da Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações (APDC), que se realiza nos dias 14 e 15 de maio.

Aliás, "Portugal – não estava sozinho – mas foi dos poucos que proibiu a Huawei", sublinha Arlindo Oliveira. Ora, "na prática, vamos assistir a uma redução da concorrência e da qualidade de serviços que são prestados ao consumidor e a um isolamento ou uma tentativa de isolamento da China que só vai contribuir para piorar as relações com o Ocidente", reforça.

O professor e investigador reitera que o facto de Portugal ter ligação a Macau "devia ter uma responsabilidade especial na manutenção de canais abertos com Macau e, através de Macau, com a China, e não devia estar entre os países mais agressivos nesta componente de limitar a tecnologia chinesa".

E o "argumento de que os produtos da Huawei podem ser usados para espionagem também se aplica aos produtos de outros fabricantes e, portanto, parece-me que não é uma boa desculpa, entendo que não há razão para isso e acho que a posição que Portugal tomou não é justificada", sublinha.

Sobre quem domina a inteligência artificial (IA) no mundo, o investigador é perentório: "Neste momento, o domínio é perfeitamente claro das empresas norte-americanas e do conglomerado de empresas e Estado chinês." **DV/LUSA**

Há um novo Kennedy a bater à porta da Casa Branca, mas a família de JFK apoia Biden

EUA Robert F. Kennedy Jr., de 70 anos, é candidato independente à presidência sem o apoio dos familiares. Será este o fim da dinastia política que marcou a América?

TEXTO **ANA RITA GUERRA,** LOS ANGELES

NATIONAL ARCHIVES / AFP

Robert, Ted e John Kennedy, os rostos uma dinastia política.

No momento em que apareceu por detrás de um palco adornado com azul, vermelho e branco na antiga bilheteira da histórica Union Station, em Los Angeles, Robert F. Kennedy Jr. foi recebido com cânticos emocionados dos seus apoiantes. "Bobby! Bobby! Bobby!", ecoavam as vozes em uníssono no espaço histórico transformado em evento de campanha. No lado direito, um cenário portentoso mostrava fotos a preto e branco da sua vida como parte de uma das mais importantes famílias políticas nos Estados Unidos. E nos olhos azuis, contrastando com o tom bronzeado da pele, uma semelhança indiscutível com o pai e com o tio: o senador Robert F. Kennedy e o presidente John F. Kennedy, figuras que marcaram a política americana para sempre e foram assassinados nos anos sessenta.

"O meu pai foi baleado aqui em Los Angeles", disse RFK Jr., que no ano passado abandonou o partido democrata para se candidatar às presidenciais como independente. Nos vários eventos de campanha que tem feito, esse é um tema recorrente. Conta histórias do pai, lembra políticas do tio e nunca deixa a audiência esquecer que ele é, também, um Kennedy. Sessenta anos depois do assassinato que mudou a América, quando o presidente JFK foi morto a tiro em Dallas, RFK Jr. aposta que o fascínio dos americanos com esta dinastia política tão influente quanto trágica lhe abrirá as portas da Casa Branca.

O fascínio perdura até hoje "porque o mito dos Kennedy ficou incompleto", explicou ao DN o académico Thomas Whalen, autor do livro *JFK e os seus inimigos: um retrato de poder* e professor de Ciências Sociais na Universidade de Boston. "O mito terminou de forma dramática com a morte de dois ícones políticos", continuou, referindo que eles representaram o ponto final na coligação New Deal que dominou a política americana no século XX.

"Não são só as suas vidas mas também o que eles representaram que continua a ser caro a tanta gente até hoje."

Muitas das pessoas que apareceram na Union Station para apoiar a candidatura de RFK Jr. eram claramente da mesma geração que ele, nascido em 1954 como filho mais velho de "Bobby" Kennedy. Whalen sublinhou que é nos grupos de eleitores acima dos 50 anos que o nome ainda ressoa.

"Ele está a vender a política da nostalgia", disse o professor, apontando que isso não é muito diferente da estratégia de Donald Trump. "A retórica de Trump é levar-nos de volta para os anos cinquenta, em que tudo era fantástico, estávamos no topo do mundo e ninguém se atrevia a desafiar a nossa posição", frisou. "Nesse sentido, Kennedy Jr. e Trump estão a ir buscar água ao mesmo poço político."

Os contornos de um mito

A força que a figura de JFK e da sua família política ainda exercem nas hostes democráticas é, segundo Thomas Whalen, baseada numa idealização que não corresponde exatamente à verdade.

"O que os liberais celebram hoje em John F. Kennedy são posições a que ele só chegou nos últimos meses de presidência", salientou o professor. "Só abraçou os direitos civis no final. Demorou muito tempo a acabar com a segregação racial na habitação federal", lembrou.

JFK, eleito em 1960 por uma margem minúscula (0,17%), era um político cauteloso e pragmático, que se apresentou contra o republicano Richard Nixon como um campeão da Guerra Fria.

"No que toca a direitos das mulheres é risível. Hoje eles seriam escorraçados às gargalhadas", notou Whalen. "A visão de John Kennedy sobre as mulheres era Cro-Magnon."

Quando foi assassinado, o seu irmão Robert F. Kennedy "deixou de estar perto do trono" e a sua estratégia, para voltar ao poder, foi assumir posições fora do consenso do partido – entretanto liderado pelo presidente Lyndon Johnson.

É assim que Whalen explica que RFK se tenha tornado anti-guerra no Vietname, apesar de ter estado envolvido no seu planeamento. "Muitos liberais na altura eram críticos de Robert Kennedy", frisou. "Ou seja, é mais uma questão de imagem agora. Eles não eram os liberais envergando a capa das coisas a que hoje atribuímos liberalismo."

Por outro lado, o professor salientou que mesmo a ligação a esse mito não ressoa entre as gerações mais jovens. "Vemos muito descontentamento na geração Z e nos Millennials, porque nenhum dos partidos fala por eles nem pelos problemas do século XXI", analisou. "Para eles, os Kennedy representam algo que veem a preto e branco num documentário", disse. "E quando se lembram deles, é o julgamento do William Kennedy Smith [absolvido de violação em 1991] ou o Ted Kennedy a ser gozado pelo abuso de drogas no *Saturday Night Live*." O mito pode persistir, mas não equivale necessariamente a uma vitória política.

"Esta é, provavelmente, uma das gerações mais cínicas da história americana", disse Whalen. "Não vai cair nessa venda de nostalgia."

O lote estragado

Robert F. Kennedy Jr. não tem caminho viável para vencer as eleições, mas pode estragar as contas da noite eleitoral. Com o candidato a aparecer nas sondagens com 9% a 10%, às vezes com 12% ou 14%, o partido democrata está preocupado.

"Não penso que a maioria dos apoiantes democratas tenham muito interesse em Robert Kennedy", ressalvou o cientista político Thomas Holyoke, professor na Universidade Estadual da Califórnia em Fresno. "Não com o seu histórico de ser anti-vacinas."

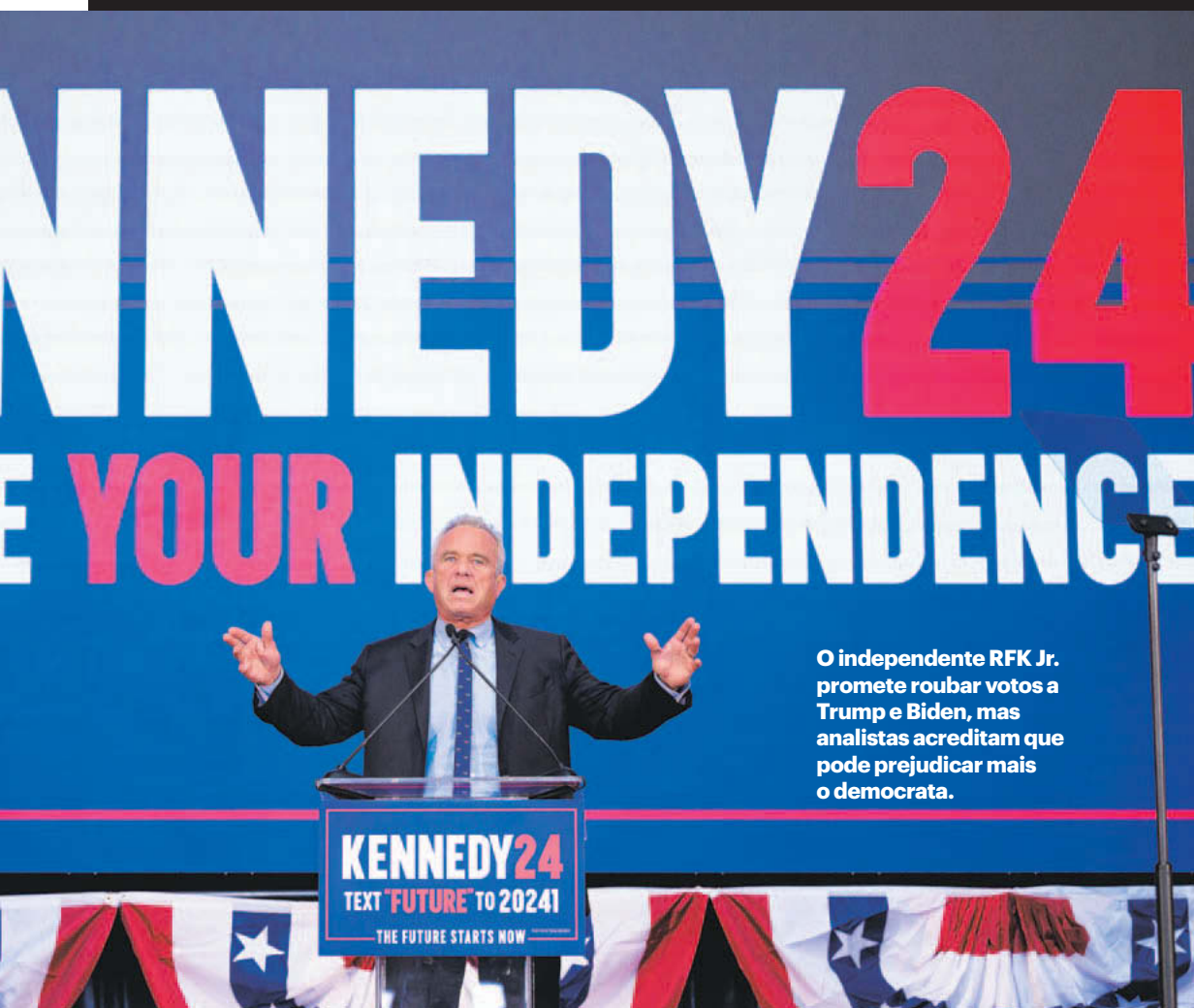
> Sessenta anos depois do assassinato que mudou a América, quando o presidente JFK foi morto a tiro em Dallas, RFK Jr. aposta que o fascínio dos americanos com esta dinastia política tão influente quanto trágica lhe abrirá as portas da Casa Branca.

Dado a conspirações, desde a origem da covid-19 à ligação entre vacinas e autismo, RFK Jr. tem tido outras posições polémicas. Quer repensar a NATO, é dúbio quando ao direito ao aborto e traçou ligações entre antidepressivos e tiroteios em massa.

Holyoke considera que, por isso, RFK Jr. tem potencial para ir buscar votos aos dois candidatos, não necessariamente só a Joe Biden. "Talvez haja eleitores à direita que desconfiam de Trump ou que estão genuinamente preocupados com o seu estado mental. Podem ver Kennedy como alguém que se alinha com os seus valores muito libertários."

O próprio RFK Jr. abraçou este posicionamento como *spoiler* que vai estragar o lote e disse que o fará para os dois candidatos, entre quem não considera haver muita diferença ao nível de eficácia política. "Estamos a ir buscar votos tanto a democratas como republicanos, segundo as sondagens", disse o candidato no evento em Los Angeles.

As pesquisas mostram, ainda assim, que RFK Jr. poderá prejudicar mais Biden que Trump, estando por determinar em que estados conseguirá assinaturas válidas suficientes para aparecer nos boletins de voto. Até agora, garantiu presença no Idaho, Havai, Carolina do Norte, New Hampshire, Nevada e Utah.

O politólogo Everett A. Vieira III, que se mostra preocupado com o efeito que uma candidatura destas pode ter na eleição geral, sublinha que é difícil prever alguma coisa a esta altura. "Qualquer pes-

O independente RFK Jr. promete roubar votos a Trump e Biden, mas analistas acreditam que pode prejudicar mais o democrata.

JOSH EDELSON / AFP

soa que diga que sabe qual o efeito que isto vai ter em novembro está fora de pé."

A revolta da família

Não querendo esperar para ver, a família Kennedy está revoltada com a candidatura e a posicionar-se ativamente contra ela. Em outubro passado, logo após o lançamento oficial da campanha como independente, três irmãs e um irmão de Kennedy Jr. mostraram a sua oposição numa declaração conjunta.

"A decisão do nosso irmão Bobby de correr como candidato alternativo contra Joe Biden é perigosa para o nosso país", afirmaram. "O Bobby pode partilhar o mesmo nome do nosso pai, mas não partilha dos mesmos valores, visão ou discernimento", continuaram. "O anúncio de hoje é profundamente entristecedor para nós. Denunciamos a sua candidatura e acreditamos que é perigosa para o nosso país."

Assinado por Rory Kennedy, Kerry Kennedy, Joseph P. Kennedy II e Kathleen Kennedy Townsend, o comunicado pontuou meses de distanciamento entre a família e o candidato, que inicialmente tentou candidatar-se nas primárias democratas.

A hostilidade atingiu máxima temperatura em fevereiro, quando o comité de ação política (PAC) que apoia Kennedy, American Values 2024, transmitiu um anúncio de 30 segundos no intervalo do Super Bowl.

O anúncio usou as imagens e o *jingle* do famoso vídeo de campanha "*Kennedy for Me*" que ajudou a eleger John F. Kennedy em 1960, sobrepondo a cara de RFK Jr. em cima da cara do ex-presidente assassinado.

No Dia de São Patrício, os Kennedy foram à Casa Branca dar o seu apoio a Biden.

TWITTER DE KERRY KENNEDY

"Foi plágio", resumiu Thomas Whalen. "Foi, batida por batida, o anúncio de 1960 de John F. Kennedy", disse o professor, indicando que a utilização dessas imagens e sons fez eco da mensagem saudosista que o candidato – tal como Trump – está a fazer passar.

"É algo como, temos de puxar o relógio atrás para esses anos maravilhosos, antes do Civil Rights Act, quando as mulheres estavam na cozinha descalças e grávidas. É o lembrete subtil que temos aqui."

A família recebeu o anúncio como um ultraje. O primo Bobby Shriver, filho de Eunice Kennedy Shriver, reagiu na sua conta de Twitter/X: "O anúncio do meu primo no Super Bowl usou as caras do nosso tio e da minha mãe. Ela ficaria horrorizada com as suas opiniões fatais sobre saúde", escreveu Bobby Shriver. "Respeito pela ciência, vacinas e igualdade nos cuidados de saúde estavam no seu ADN", continuou. "Ela apoiava fortemente o meu trabalho na área da saúde para a One-Campaign e RED, a que ele se opõe."

O seu irmão Mark, também primo de RFK Jr., ecoou o sentimento e partilhou a mensagem, comentando "Concordo com o meu irmão. Tão simples quanto isto."

Em simultâneo, vários elementos da família Kennedy expressaram publicamente o seu apoio à candidatura do incumbente democrata Joe Biden, incluindo Caroline Kennedy, Joe Kennedy III, Victoria Anne Kennedy, Patrick J. Kennedy, Rory Kennedy e Jack Schlossberg. Em março, por ocasião do dia de São Patrício (patrono da Irlanda), dezenas de membros da família Kennedy visitaram Joe Biden na Casa Branca, celebrando a herança étnica e religiosa em comum: ambas as famílias são católicas de origem irlandesa.

"Não é suficiente desejar que o mundo seja melhor, temos de fazer o mundo melhor. Presidente Biden, você torna o mundo melhor", escreveu Kerry Kennedy, irmã mais nova de RFK, numa publicação em que partilhou uma foto da família com Biden na Casa Branca.

Kerry Kennedy – a sétima de onze filhos de Robert e Ethel Kennedy – tem sido a principal organizadora do trabalho político contra a corrida presidencial de RFK Jr.

De acordo com fontes próximas da família, citadas pela NBC News, alguns membros vão juntar-se a Biden em eventos de campanha depois do verão, em especial nos estados onde RFK Jr. conseguir acesso aos boletins de voto. Outros darão entrevistas e vão apoiar iniciativas para combater a campanha do candidato com quem partilham o sobrenome.

"Eles percebem os danos que ele pode causar", analisou Thomas Whalen. "Mesmo que consiga só 1%, essa pode ser a diferença crítica num estado como o Michigan e dar a eleição a Trump."

O receio é fundado e tem precedente: em 1968, o desafio de RFK ajudou a partir o eleitorado democrata e levou Richard Nixon à vitória.

> Dado a conspirações, desde a origem da covid-19 à ligação entre vacinas e autismo, RFK Jr. tem tido outras posições polémicas. Quer repensar a NATO, é dúbio quando ao direito ao aborto e traçou ligações entre antidepressivos e tiroteios em massa.

Em 1980, Ted Kennedy dividiu o partido e abriu caminho para que Ronald Reagan ganhasse.

"Nesse sentido, Robert Kennedy Jr. está a seguir um padrão tradicional da família. Ambos os casos atingiram seriamente o liberalismo pós-guerra."

A maldição dos Kennedy

Assassinatos, mortes na guerra, acidentes de barco, quedas de aviões. O clã Kennedy tem sido marcado por acontecimentos trágicos e mortes prematuras, o que levou à evocação de uma "maldição" que persegue a família. Thomas Whalen refere que isso faz parte do mito.

"Na realidade, a família Kennedy sempre assumiu grandes riscos, dir-se-á riscos tolos", salientou. Joseph Kennedy voluntariou-se para uma missão suicida na II Guerra Mundial e morreu. Kathleen Kennedy decidiu meter-se num avião durante uma tempestade e o avião caiu. "Quando se tomam grandes riscos, as coisas podem não correr bem."

Whalen salientou que parte do *ethos* de ser um Kennedy é que eles não esperam na fila. Não fazem o percurso político normal, de começar por cargos estaduais e subir até posições mais importantes. Não esperam que tempestades passem. Isso pode explicar o falhanço de vários Kennedy que têm tentado carreiras políticas. Kathleen Kennedy Townsend tentou ser governadora do Maryland e falhou; Caroline Kennedy não conseguiu o Senado por Nova Iorque; Joseph Kennedy III atirou-se a um lugar no Senado pelo Massachusetts e foi chumbado nas primárias de 2020, embora Whalen considere que ele continua a ter potencial na política.

"Os Kennedy sempre foram para a frente da fila. São os clássicos fura-filas. E John F. Kennedy exemplificou isso", sublinhou Whalen. Agora é a vez de RFK Jr. tentar navegar para o topo em cima da força do nome. Mas mesmo que não seja bem sucedido, Whalen tem a certeza de uma coisa: "Vamos lembrar-nos dos Kennedy durante muito tempo."

Rafah e Hezbollah são os novos objetivos das forças israelitas

GUERRA Retirada do sul da Faixa de Gaza justificada pelo êxito militar e para preparar novas ofensivas – com o Hamas junto da fronteira com o Egito e com a milícia xiita libanesa.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O exército israelita retirou de Khan Yunis, na Faixa de Gaza, atacou o leste e o sul do Líbano e afirma estar preparado para uma nova fase no conflito com o Hezbollah, no mesmo dia em que o contestado primeiro-ministro diz estar a "um passo da vitória" e Teerão ameaçou as embaixadas de Israel.

"Cheira a morte. Já não temos uma cidade, só escombros. Não sobrou absolutamente nada. Não consegui parar de chorar enquanto caminhava pelas ruas", disse Maha Thaer à AFP, depois de ter regressado a Khan Yunis, a cidade natal do líder do Hamas Yahya Sinwar, em resultado da retirada das forças israelitas. O ministro da Defesa israelita Yoav Gallant justificou a saída pelo êxito da operação no enclave e para a preparação de futuras ações, em especial em Rafah, onde Telavive diz que permanecem quatro batalhões do braço armado do Hamas. Entretanto, os militares israelitas anunciaram ter concluído uma fase de preparação a norte do país, da defensiva para a ofensiva, no mesmo dia em que atacaram alvos do grupo xiita Hezbollah no leste e no sul do Líbano.

O Irão tinha prometido vingar-se do ataque aéreo ao anexo da embaixada iraniana em Damasco, que na segunda-feira matou sete elementos dos Guardas da Revolução, dois generais incluídos. Agora deu uma pista através de um conselheiro do guia supremo: "As embaixadas do regime sionista já não estão em segurança", afirmou Yahya Rahim Safavi, que também disse ser "um direito legal e legítimo confrontar" o "regime brutal", ou seja, Israel. Em resposta, o ministro da Defesa do estado hebraico disse que as suas forças estão preparadas para responder a qualquer ataque.

Em Israel, no sábado à noite deram-se as maiores manifestações desde 7 de outubro, com os cidadãos a exigirem eleições antecipadas e e um acordo para a libertação dos reféns. Em Telavive, onde se juntaram cerca de cem mil pessoas, cinco manifestantes ficaram feridos num atropelamento. No domingo o juiz prorrogou a ordem de detenção por mais 24 horas do autor do atropelamento por suspeita de pôr em risco vidas humanas. O detido é um treinador de futebol – cuja mulher foi filmada momentos antes do atropelamento a injuriar os manifestantes – e alegou que o carro sofreu uma avaria. No entanto, segundo a polícia, o automóvel não tinha qualquer problema. O incidente levou a que quase todos os atores políticos, à exceção de Benjamin Netanyahu, reagissem. Benny Gantz, membro do gabinete de guerra de Israel, mas opositor do chefe do governo e que na semana passada apelou para a realização de eleições , comentou o sucedido como "horrível" e defendeu quem saiu à rua. "Comparar os manifestantes aos nossos inimigos e acusá-los de quererem assassinar o primeiro-ministro é uma irresponsabilidade", disse.

O homem favorito nas sondagens referia-se às declarações da ministra dos Transportes, Miri Regev, segundo a qual há manifestantes antigovernamentais que querem assassinar o primeiro-ministro. A manifestação de sábado realizou-se na rua Kaplan, local dos protestos semanais contra a reforma judicial e que abalaram o governo de Netanyahu em 2023. A novidade é que se juntaram algumas famílias dos sequestrados pelo Hamas, uma mudança que não caiu bem junto de outras famílias dos reféns, apoiantes do primeiro-ministro.

Em Inglaterra, o governo conservador seguiu a inflexão da presidência norte-americana em relação ao apoio ao governo israelita. No sábado à noite, o primeiro-ministro Rishi Sunak reafirmou o direito de Telavive se defender do Hamas, mas disse que é hora de o "terrível conflito terminar". Já no domingo, o chefe da diplomacia David Cameron assinou uma opinião no *The Sunday Times*, e na qual afirmou que o apoio britânico a Israel "não é incondicional", estando dependente do respeito pelo direito internacional. A esse propósito, o vice-primeiro-ministro Oliver Dowden explicitou, em entrevista à BBC, que a exportação de armas para Israel estará em risco se receber um parecer jurídico segundo o qual Telavive viole o direito humanitário internacional.

> O relato de Maha Thaer, mãe de quatro filhos, ao regressar a Khan Yunis: "Cheira a morte. Já não temos cidade, só escombros (...) Não consegui parar de chorar."

Na mensagem de sábado à noite, Sunak disse que a sociedade britânica está "chocada com o banho de sangue e consternada com o massacre dos bravos heróis britânicos que transportavam alimentos aos necessitados". Dos sete voluntários da ONG World Central Kitchen que morreram na segunda-feira em Gaza, vítimas de bombardeamento israelita, três eram britânicos. Da Austrália, país de origem de outra vítima, o governo decidiu nomear um conselheiro especial para trabalhar com Israel de modo a garantir a "transparência" da investigação sobre o ataque aéreo. O fundador da World Central Kitchen, o espanhol José Andrés, agradeceu a rapidez com que as forças israelitas admitiram o "erro trágico" em resultado de uma investigação levada a cabo, mas disse que o "perpetrador não pode investigar-se a si próprio". Em declarações à ABC News, o *chef* disse que o conflito, "nesta altura, parece ser uma guerra contra a própria humanidade".

cesar.avo@dn.pt

MOHAMMED ABED / AFP

Habitantes de Khan Yunis saem de Rafah a caminho da sua cidade após saberem da retirada israelita.

ONU e UE criticam invasão de embaixada mexicana no Equador

O México retirou ontem o seu pessoal diplomático e fechou a embaixada em Quito após o corte de relações com o Equador desencadeado pela invasão policial inédita da sede diplomática para capturar o ex-vice-presidente equatoriano Jorge Glas. Um operação condenada pela ONU e pela União Europeia.

O grupo de 18 pessoas, funcionários e famílias, foi levado ao aeroporto acompanhado pelos embaixadores da Alemanha, Panamá, Cuba e Honduras, que garantiram que a sua integridade fosse respeitada.

"O nosso pessoal diplomático deixa tudo no Equador e volta para casa com a cabeça erguida e o nome do México em alto após a invasão da nossa embaixada", informou a chefe da diplomacia do México, Alicia Bárcena, na rede social X.

A saída dos diplomatas ocorre depois que o presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, ter declarado o corte de relações devido à entrada da polícia na embaixada, um facto nunca antes visto no mundo e condenado por países latino-americanos, pelos Estados Unidos e ontem também pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, e pelo chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell.

Jorge Glas, vice-presidente no governo de Rafael Correa (2013-2018) e acusado de corrupção, refugiava-se na sede diplomática mexicana desde dezembro alegando ser perseguido politicamente. Glas, de 54 anos, foi transferido no sábado para uma prisão de segurança máxima em Guayaquil conhecida como "La Roca" (A Rocha).

Guterres disse-se "alarmado" com esta ação que atenta contra "a inviolabilidade" das instalações diplomáticas consagrada na Convenção de Viena de 1961. Um opinião partilhada por Borrell, que se junta assim ao coro de condenações da comunidade internacional. **DN/AFP**

Kiev à míngua de mísseis de defesa, Zelensky lança alarme

GUERRA Líder ucraniano diz que sem ajuda dos EUA o seu país vai perder. Paz de Trump prevê cedência de territórios.

O presidente ucraniano disse que o seu país está a ficar sem mísseis defensivos e voltou a dirigir-se aos representantes norte-americanos para que estes aprovem o pacote de ajuda militar, caso contrário a "Ucrânia vai perder a guerra". Dos Estados Unidos não é notícia o agendamento da discussão dos 60 mil milhões de dólares de assistência, mas o plano que Donald Trump terá para o país invadido caso seja eleito.

"É necessário dizer especificamente ao Congresso que, se não ajudar a Ucrânia, a Ucrânia perderá a guerra", afirmou Volodymyr Zelensky, que de pronto advertiu que no cenário pessimista "outros países serão atacados", afirmou durante uma videoconferência da plataforma de angariação de fundos United24. Na sexta-feira, o presidente ucraniano recebeu uma delegação de senadores e representantes de democratas e republicanos norte-americanos na região de Chernihiv, no Norte do país. Em declarações à emissão conjunta de canais de TV ucranianos, Zelensky mostrou-se ainda assim com alguma esperança de um desfecho positivo. "Ainda acredito que seremos capazes de obter um voto positivo no Congresso dos EUA." A prioridade? "Temos de aumentar o número de sistemas de defesa antiaérea de longo alcance", disse, em particular de mais 25 sistemas de mísseis Patriot. O número de sistemas desta tecnologia norte-americana não foi divulgado por Zelensky, mas no ano passado havia apenas dois (um entregue pelos EUA e outro pela Alemanha-Países Baixos). Além disso, os ucranianos debatem-se com falta de mísseis para municiar as baterias dos Patriot. "Se [os russos] continuarem a atacar todos os dias como têm feito no último mês, podemos ficar sem mísseis, e os parceiros sabem disso", admitiu.

Enquanto o presidente da Câmara dos Representantes, o republicano Mike Johnson, não agendar a legislação aprovada pelo Senado há quase dois meses, a agenda pró-Kremlin vai fazendo o seu caminho. O *The Washington Post* diz que o provável candidato republicano Donald Trump tem um plano para o fim da guerra, o qual passa pela perda da península da Crimeia e do Donbass (o Leste) para a Rússia. **C.A.**

VLADIMIR SIMICEK / AFP

Aliado de Fico eleito PR da Eslováquia

Ex-primeiro-ministro e até agora presidente do Parlamento, Peter Pellegrini, de 48 anos, foi eleito presidente da Eslováquia. O sucessor de Zuzana Caputová, apoiado pelo PM populista e pró-russo Robert Fico (à direita), chegou em segundo na primeira volta, mas acabou com seis pontos de vantagem sobre o ex-MNE Ivan Korcok, depois de pensionistas e forças da defesa e da segurança terem recebido um bónus do governo.

Opinião
Juan Fernández Trigo

50 anos de democracia

Assinalam-se os 50 anos de uma revolução que levou à recuperação da democracia em Portugal, mas também à recuperação da esperança de um futuro de liberdades em Espanha. Aquele 25 de Abril significou muito para os espanhóis, que ainda não viam uma saída para a ditadura do general Franco. Agora, ao ser comemorada uma data tão importante, não posso deixar de reconhecer quão próximos os espanhóis e os portugueses nos tornámos.

Sempre se disse sobre nós que estávamos separados por muito mais do que uma fronteira; que o nosso passado estava repleto de receios e desconfianças. E seguramente foi assim durante séculos. Mas também não quero esquecer o quanto nos uniu a passagem do tempo. Parece-me que, hoje, devo insistir em tudo o que partilhámos ao longo do tempo: fomos dois povos que se lançaram numa arriscadíssima conquista do mar, quando o mar era uma incógnita (costumo dizer que a volta ao mundo tem algo de sublime e que a navegação do século XV está muito à frente da conquista do espaço no século XX); partilhámos a experiência colonial na América, que nos tornou muito diferentes do que teríamos sido sem esse contacto frutífero (e vivemos um trauma nacional semelhante com a chegada das independências); tivemos de enfrentar uma Inquisição retardadora da mudança social; lutámos arduamente pela melhoria económica dos nossos respetivos povos, afetados por fracos processos de industrialização, secularmente atrasados em relação a uma Europa muito mais próspera; conhecemos o amargo sofrimento da emigração; padecemos no século XX duas ditaduras pessoais muito semelhantes, muito retrógradas, muito isoladas, muito longevas... e mesmo quando a democracia chegou às nossas respetivas sociedades, fê-lo em condições especialmente difíceis: a guerra colonial e o terrorismo, dois fenómenos que outrora ameaçaram seriamente os nossos Estados e que o tempo que passou faz parecer remotos.

No entanto, os últimos 50 anos parecem ter-nos redimido dos nossos infortúnios: aderimos ao mesmo tempo à União Europeia pela mão de líderes solventes, levando a cabo nos nossos respetivos países um exercício de renovação interna e de recuperação económica; abrimos as nossas sociedades a mudanças sociais que foram certamente estimuladas pelo turismo estrangeiro, que manifestava a sua curiosidade por sociedades profundamente marcadas por um património cultural que refletia a sua própria idiossincrasia, sob o denominador comum da beleza e, talvez no caso português, realçado por uma subtil sensibilidade, em contraste com a expressividade contundente dos espanhóis. De forma ritmada, tornámo-nos países na moda, onde a cozinha sofisticada e o bom clima, juntamente com a animação das nossas ruas, encorajaram muita gente a querer conhecer-nos, e também a mudar-nos. Já fomos países com senhoras vestidas de luto, e hoje temos museus de vanguarda da primeira linha, onde, por exemplo, se expõe a obra de Banksy.

Mas se alguma coisa pode descrever estes 50 anos de democracia portuguesa e espanhola é a aproximação das nossas sociedades. Redescobrimo-nos um ao outro. No plano económico, sem dúvida: quase 50 mil milhões de euros em volume de comércio bilateral, cerca de 40 mil milhões de euros no total dos investimentos que fazemos de cada lado da fronteira. E quero sublinhar que, em termos de proporcionalidade em relação ao PIB, os números são talvez mais favoráveis a Portugal do que a Espanha, apesar do que possam apresentar em termos absolutos. Quero ir mais longe: no domínio das infraestruturas, estamos a trabalhar muito seriamente para conseguir uma maior interconexão energética e uma mobilidade mais ágil de pessoas e mercadorias. Também os nossos respetivos Planos de Recuperação e Resiliência contemplam este bilateralismo ibérico para os tornar mais eficazes e solventes. E, para trabalharmos no sentido desta aproximação, realizamos Cimeiras Luso-Espanholas regulares e estáveis, que dão a medida desta nova realidade que nos aproxima com uma persistente vocação de cooperação.

A relação entre Portugal e Espanha fortaleceu-se de uma forma especial pela nossa participação na Conferência Ibero-Americana desde 1991, também no início das nossas respetivas democracias. Creio que ambos, Portugal e Espanha, temos sabido gerir corretamente a nossa relação com os países ibero-americanos. Estou convencido de que conseguimos, com sucesso, estabelecer um clima de entendimento e compreensão que tem ido para além dos programas de cooperação cada vez mais robustos. A importância crescente das nossas respetivas línguas tem servido de estímulo à consolidação desta realidade ibero-americana. E a verdade é que ambos os países sentimos que acertámos em cheio ao conceber um fórum em que não se pode destacar um único momento de crise ao longo destes mais de 30 anos de Cimeiras de Chefes de Estado e de Governo; aliás, com uma grande disparidade de formas políticas, que poderiam ter fomentado dissensões e divergências. Certamente não foi este o caso.

Por tudo isto, por tantas mudanças positivas, em muitos casos partilhadas com Espanha, quero felicitar Portugal nos 50 anos de democracia. Uma democracia serena, capaz de assumir a diferença sem sobressaltos, como tem demonstrado através de constantes exercícios de coabitação entre a esquerda e a direita; uma democracia que mudou o destino dos portugueses de uma forma tão positiva quanto irreversível.

Embaixador de Espanha em Portugal.

RODRIGO ANTUNES/LUSA

O tenista polaco é o atual número 10 do *ranking* ATP e alcançou em Portugal o primeiro título da temporada.

Hurkacz, o admirador de Federer que venceu no Estoril o primeiro torneio de terra batida

TÉNIS O tenista polaco de 27 anos conquistou o oitavo título da carreira ao vencer o espanhol Pedro Martínez em dois *sets* e sucedeu ao norueguês Casper Ruud. Este poderá ter sido o último vencedor do torneio português no circuito ATP.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

O polaco Hubert Hurkacz venceu ontem pela primeira vez o Estoril Open ao vencer o espanhol Pedro Martínez (77.º da hierarquia mundial) em apenas dois *sets*, com os parciais de 6-3 e 6-4, em uma hora e 27 minutos. Hurkacz, que aos 27 anos é o número 10 do *ranking* ATP, somou o oitavo título da carreira, primeiro em terra batida, e sucedeu no palmarés do torneio português ao norueguês Casper Ruud.

O melhor tenista polaco da atualidade nasceu na cidade de Wroclaw a 11 de fevereiro de 1997 e começou a jogar aos quatro anos impulsionado pelo facto de a sua mãe, Zofia Maliszewska-Hurkacz, ter sido campeã de juniores, mas também porque outros dois tios fizeram carreira no ténis. Os genes de desportista vieram também do seu avô, que foi voleibolista profissional.

No entanto, a maior inspiração de Hubert foi o suíço Roger Federer, que rapidamente se tornou um ídolo e de quem não perdia um jogo através da televisão. Aos 17 anos, já era considerado um dos jovens mais talentosos da Polónia, a par de Kamil Majchrzak e Jan Zielinski . Em 2015 foi finalista vencido do Open da Austrália de juniores, confirmando assim todo o seu talento.

A sua primeira vitória num encontro do torneio do Grand Slam foi no Roland Garros de 2018, onde levou a melhor perante e o norte-americano Tennys Sandgren logo na primeira ronda, mas nos principais torneios do circuito nunca chegou à glória e o melhor que conseguiu foi em 2021, quando chegou às meias-finais do Torneio de Wimbledon, depois de deixar pelo caminho o russo Daniil Medvedev, número 2 do mundo, e o ídolo Roger Federer, nos oitavos e nos quartos de final, respetivamente. O sonho de alcançar a final acabou ao perder nas meias-finais com o italiano Matteo Berrettini, que viria a perder o jogo decisivo com o inevitável Novak Djokovic. Nesse ano de 2021, Hurkacz atingiu o lugar mais alto do *ranking* ATP ao chegar ao nono lugar, mercê também das vitórias nos torneios de Metz, ATP Masters 1000 de Miami e Delray Beach, sempre em piso rápido, que é a sua especialidade.

O Estoril Open é, para já, o primeiro título de 2024 e o seu primeiro em terra batida. Este ano começa assim da melhor maneira para Hubert Hurkacz , depois de na época passada ter triunfado no ATP Masters 1000 de Xangai e no torneio de Marselha.

Refira-se ainda que Hurkacz é o primeiro polaco a vencer o Estoril Open, que poderá ter tido ontem a última final do único torneio ATP em Portugal.

Ontem, a grande arma do polaco foi o forte serviço que lhe permitiu manter a superioridade sobre Pedro Martínez ao longo de toda a partida. E a prova disso foi que no final do primeiro *set*, Hurkacz apenas tinha perdido quatro pontos nos seus jogos de serviço. O ponto final parágrafo na final foi colocado com um ás a 210 quilómetros/hora, que foi o 15.º em todo o encontro, no qual apenas perdeu 11 pontos no seu serviço.

> Além de ter levantado o troféu, Hubert Hurkacz deixou ainda uma marca importante no torneio português: o desportivismo. Com isso conquistou a admiração do público, que encheu o Clube de Ténis do Estoril.

Além de ter levantado o troféu, Hubert Hurkacz deixou ainda uma marca importante no torneio português: o desportivismo. Isto porque por duas vezes disse aos juízes de linha se tinham enganado a seu favor, além de ter pedido desculpa por várias vezes a Pedro Martínez, a quem chegou a elogiar num que conseguiu. Esta atitude valeu-lhe a conquista da admiração do público que encheu o Clube de Ténis do Estoril. Por várias vezes, as suas atitudes foram sublinhadas com fortes aplausos.

Escobar e Nedovyesov vencem em pares

O equatoriano Gonzalo Escobar e o cazaque Aleksandr Nedovyesov, quartos cabeças de série, venceram o torneio de pares do Estoril Open, ao levarem a melhor sobre os franceses Sadio Doumbia e Fabien Reboul em dois *sets* (7-5 e 6-2), em uma hora e 41 minutos. Os novos campeões sucedem aos belgas Sander Gille e Joran Vliegen, que curiosamente tinham afastado nas meias-finais.

Este é o terceiro título de pares dos dois tenistas, depois de em 2023 terem vencido em Sófia (Bulgária) e Bastad (Suécia).

carlos.nogueira@dn.pt

O imparável Verstappen volta às vitórias no Japão

FÓRMULA 1 Após ter desistido no Grande Prémio da Austrália, o tricampeão neerlandês regressou à normalidade e foi o mais rápido numa corrida em que a Red Bull dominou em toda a linha.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

E vão três vitórias em quatro corridas. Max Verstappen segue imparável no Campeonato do Mundo de Fórmula 1, depois de ontem ter vencido o Grande Prémio do Japão, no circuito de Suzuka, par ao qual já tinha partido na *pole position*. E não fosse a desistência na Austrália – a primeira em dois anos – e neste momento o tricampeão mundial teria provavelmente o pleno de vitórias, tal a superioridade que tem evidenciado

O piloto neerlandês da Red Bull cortou a meta após 1:54.23,566 horas de corrida, deixando o seu companheiro de equipa Sérgio Pérez no segundo lugar, a 12,535 segundos, e o espanhol Carlos Sainz (Ferrari) na terceira posição, a 20,866. Na classificação geral do campeonato, Verstappen é, obviamente, o líder com 77 pontos, mais 13 que Sérgio Pérez, que ultrapassou o monegasco Charles Leclerc (59) no top 3.

"Foi bom. No arranque consegui ficar à frente e, a partir daí, o carro foi ficando cada vez melhor", explicou o neerlandês, que tinha dito durante a semana que Suzuka era um dos seus circuitos favoritos e a prova disse é que já venceu este Grande Prémio do Japão pela terceira vez consecutiva. "Eu sei que há pistas que podem não ser tão favoráveis, mas quando chegarmos àquelas onde podemos ser rápidos, temos de aproveitar essa vantagem e marcar o máximo de pontos como equipa", disse numa referência ao facto da Red Bull ter conseguido a dobradinha, com o segundo lugar de Sergio Pérez.

De qualquer forma, o tricampeão mundial de 26 anos não esqueceu o que se passou na Austrália, onde um problema com o sistema de travagem do carro o impediu de lutar pela vitória: "É claro que Melbourne pareceu um soluço, mas o que fizemos aqui foi o que queríamos. É isto que pretendemos fazer todos os fins de semana."

Verstappen venceu com 12 segundos de vantagem sobre Sergio Pérez.

KIM KYUNG-HOON / POOL / AFP

O calvário de Hamilton

A corrida começou, no entanto, com um acidente. Logo após uma largada frenética, a asa dianteira do carro de Alex Albon (Williams) embateu na traseira do RB de Daniel Ricciardo quando disputavam uma posição e acabaram por embater nas barreiras de proteção. Os dois pilotos saíram ilesos, mas a bandeira vermelha foi inevitável, pois era preciso retirar os carros do local e restabelecer a segurança da pista.

A corrida recomeçou com nova largada e, mais uma vez, Verstappen não deu hipóteses à concorrência e assumiu a liderança da corrida, perdendo apenas de forma momentânea após as duas paragens nas boxes para troca de pneus, na primeira vez para Charles Leclerc e, depois, para Carlos Sainz, ambos ao volante de Ferraris.

Verstappen e Perez consolidaram as suas posições ao longo da prova, deixando Lando Norris a lutar pelo terceiro lugar com os dois Ferraris, até que um deslize nas últimas voltas custou ao piloto da McLaren a hipótese de subir ao pódio.

Quem continua o seu calvário de início de temporada é o britânico Lewis Hamilton, que não foi além do nono lugar. "Foi um dia difícil", admitiu o heptacampeão mundial, explicando que o seu Mercedes precisa de "melhorar o desempenho" para que possa começar a fazer melhores corridas e a subir na tabela. Tom Wolf, chefe da marca alemã, mostrou-se mais otimista ao dizer que o fim de semana até foi "melhor do que os resultados finais sugerem", pois "pelo que vimos em Suzuka, o carro está a ficar mais rápido".

A próxima etapa do Mundial de Fórmula 1 será, a 21 de abril, o Grande Prémio da China, em Xangai, que vai receber pela primeira vez a corrida depois da pandemia de covid-19.

carlos.nogueira@dn.pt

EPA/ADAM VAUGHAN

Bruno Fernandes trava Liverpool

O Manchester United empatou ontem 2-2, em Old Trafford, com o Liverpool em jogo da 32.ª jornada da Premier League. A equipa de Jürgen Klopp até esteve a vencer com um golo de Luis Díaz, mas os *red devils* deram a volta por Bruno Fernandes e Mainoo. Foi de penálti que Salah fez o empate que mantém o Liverpool na liderança, agora com os mesmos pontos do Arsenal. e mais um que o Man. City.

EPA/PIETER STAM DE JONGE

Ajax sofre maior goleada do clássico

O Feyenoord goleou ontem, em Roterdão, o Ajax por 6-0, em jogo da 29.ª jornada da Eredevise. Esta foi a maior goleada de sempre sofrida pelo histórico clube de Amesterdão no clássico entre os maiores rivais. A época do Ajax tem sido péssima, pois está em 6.º lugar que, a confirmar-se no fim do campeonato, será a pior classificação dos últimos 25 anos.

ANNE-CHRISTINE POUJOULAT / AFP

Van der Poel conquista sexta clássica

O ciclista neerlandês Mathieu van der Poel (Alpecin--Deceuninck) venceu ontem pela segunda vez a clássica Paris-Roubaix, somando o sexto Monumento (designação das cinco grandes clássicas) da carreira, juntando esta às três vitórias na Volta a Flandres e a uma na Milão-Sanremo.

Karim Leklou, a maior revelação do cinema francês dos últimos tempos.

Karim Leklou

"Estava insuportavelmente cansado nesta rodagem e isso foi muito bom"

ENTREVISTA Um dos melhores filmes desta primavera chama-se *Vincent Tem de Morrer*, de Stéphan Castang, com o imperial Karim Leklou, o nome da berra do cinema mais autoral francês, e estreia-se na quinta-feira. Trata-se de uma espécie de filme de *zombies* sem *zombies*. O ator falou com o DN e recusa os louvores da aclamação francesa.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM PARIS

É porventura o mais excitante ator da sua geração do cinema francês. Um ator dos atores. Karim Leklou, rosto de mártir, olhos de infinita tristeza, mais uma vez esplêndido nesta fantasia distópica chamada *Vincent Tem de Morrer*, uma azarada vítima de um vírus estranho que faz com que seja constantemente atacado na rua por estranhos, sejam crianças ou amigos. Depois de *Os Filhos de Ramsés*, de Clément Cogitore, mais outra joia de platina na sua coleção de grandes personagens. Em Paris, antes de falar do filme, não se cansou de perguntar acerca da Liga Portuguesa de Futebol.

Diria que *Vincent Doit Mourir* é uma metáfora sobre a nova solidão desta sociedade?
É isso mesmo! Vivemos num mundo ultracomunicante e que nos faz estar demasiado conectados uns com os outros nas redes sociais, só que isso faz-nos ficar mais isolados. É formidável comunicarmos tanto para dizer tão pouco. Passamos a vida a dizer o mesmo.

Ficamos isolados nessa ilusão.
Sobretudo nas grandes cidades... E há cada vez mais pessoas a terem depressões sérias. O filme faz um paralelismo com a noção de estar isolado em sociedade. É o mundo moderno...

O filme sugere que, depois da covid, a herança possa ser um vírus do mal...
Sim, passa por termos ficado todos mais frágeis e por uma noção do absurdo. A minha personagem pensa que esse mal vem do olhar, enfim... Na covid senti que nunca houve uma explicação científica racional para tudo aquilo – ainda hoje há coisas que nos escapam. Nesse aspeto, há algo que é transportado para a nossa modéstia. O filme também nos parece dizer que não evoluímos nada após a pandemia. Acho interessante pensarmos que depois da Grande Peste também não evoluímos – mesmo apesar de todo o avanço tecnológico ficamos isolados e a tentar sobreviver através de esquemas básicos.

E, no caso desta história, ser invisível pode salvar a nossa pele.
Tenho a impressão de que hoje muitos querem ter uma vida pouco visível para evitar problemas. Vivemos com medo da antecipação dos problemas. Trata-se da tal coisa de evitar olhar olhos nos olhos. E o que gosto mais no filme é que não há estetização deste absurdo. Tudo é duro, violento e cómico. Não há aqui cenas "magníficas", à Tarantino. Gosto deste lado de mostrar o absurdo da violência com a comédia. E aquela luta nas fezes do gado é bastante cómica!

Constrói as personagens mais pela via intelectual ou física?
Aqui construí de forma sobretudo física. A ideia foi encontrar a violência de uma forma surpreendente, com a linguagem do corpo, e não tanto de forma psicológica. Queríamos encontrar as emoções através dos corpos, por isso repetíamos muito as cenas de pancadaria. Joguei muito com a fadiga e a exasperação. Foi realmente interessante jogar com o meu estado de cansaço e o da personagem. Estava insuportavelmente cansado nesta rodagem e isso foi muito bom. O corpo falava antes de eu pensar...

É duro ser o ator da moda em França?
Não, não sou mesmo. Nem creio que seja um ator de culto. Sou realista, há por aí tanto outro talento... Não estou nesta profissão para essas coisas do reconhecimento.

Mas é tão falado...
Pode ser, mas não posso ser sensível às vagas. Não faço cinema para ter aclamação. Não quero saber de modas, interesso-me é por futebol. Nem tenho estratégias de carreira – faço os filmes de que tenho vontade. Isso é muito diferente, faço os filmes de que gosto.

E tem feito os filmes certos, a sua interpretação em *Os Filhos de Ramsés* é qualquer coisa que pressupõe um marco.
Eu adoro esse filme! É um filme muito, muito bom. Não sou muito objetivo, mas adoro o realizador e tive muito gosto em estar nessa rodagem. Por exemplo, adoro também *Vincent Tem de Morrer* e, curiosamente são filmes completamente diferentes. Em comum, são feitos por realizadores com um ponto de vista forte. Atrai-me o cinema feito com coerência artística. Sou um ator muito curioso por encontrar visões diferentes. Não me quero repetir nem estar sempre a fazer o mesmo tipo de cinema. Amo ser surpreendido.

Cada vez surgem mais filmes franceses nas salas portuguesas. Com toda essa força da indústria, sente que no seu interior há uma ideia de comunidade entre os artistas?
Falando por mim, há pessoas que reencontro com prazer. Mas a minha comunidade não é o cinema, está fora dele: os meus amigos, a minha família... Digo isto mesmo tendo boas relações com alguns atores. Mas não chamo ao pessoal do cinema a minha família.

Uma demência a rasgar o cinema francês

Todos querem matar Vincent, um quarentão solitário que faz terapia, foi abandonado pela namorada e não parece ter nada de especial. Aos poucos, este ser desgraçado percebe que ele é um dos muitos azarados vítimas de um inexplicável vírus que o torna alvo de pessoas normais que se tornam momentaneamente assassinos. E, claro, torna-se num fugitivo que se refugia na casa de campo e isola-se para tentar sobreviver.
Vincent tem de Morrer é uma comédia de suspense capaz de subverter o estafado modelo do filme de *zombies*. Tem um humor negro que é quase genial a comentar uma sociedade que torna certas pessoas invisíveis e sabe ser sempre lesto como *thriller* de fuga. E, acima de tudo, vive da energia de um ator a todos os títulos notável, um Karim Leklou que inventa um grau zero de carisma tão hilariante como tocante. Só o seu génio para dar a este pobre diabo um humanismo inusitado.
Em Cannes 2023 tornou-se "no" filme de culto, vindo da Semana da Crítica. É um filme inspiradíssimo a meter medo, dotado a inquietar e implacável como tese social, sempre no subterrâneo. À sua maneira, iconoclasta e divertido na sua selvajaria, nunca deixando de prometer uma tensão animal. Nós, os espectadores, sentimos tanto a demência como um atrofio que é novo. Stéphan Castang, o realizador, fez uma parábola sobre como estamos todos possuídos nesta "vida moderna" informatizada. Uma tragédia de um homem só que é um dos filmes franceses mais importantes dos últimos anos.

A viúva, o filho e a namorada dele brigam pela herança de Gal Costa

MÚSICA Cantora morreu em novembro de 2022 mas não sai dos noticiários no Brasil por causa da luta palmo a palmo entre Wilma, empresária e suposta companheira da artista, e Gabriel, o filho que ela adotou.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

GLOBAL IMAGENS

Gal Costa vivia desde 1998 com Wilma Petrillo. Adotou Gabriel em 2007 quando este tinha dois anos.

"Quem é Wilma Petrillo?", pergunta a reportagem do programa *Fantástico*, da TV Globo, à própria Wilma Petrillo, viúva e empresária de Gal Costa. "Sou uma pessoa maravilhosa, do bem, alvo de inveja por ser sempre a mais bonita da turma", define-se ela. Confrontado pela repórter com a mesma pergunta, Gabriel Costa, filho de Gal, responde logo a seguir: "Wilma? É uma mercenária, uma mentirosa, uma víbora, uma maluca". Um ano e meio após a morte da artista, aos 77 anos, a relação entre as duas pessoas que viviam com ela num apartamento em São Paulo não podia, portanto, ser pior.

Wilma Petrillo e Gabriel Costa divergem sobre a causa da morte de Gal, dividem-se em relação à exumação ou não do cadáver, discordam sobre o lugar onde ela desejava ser enterrada e, acima de tudo, disputam a herança da cantora, num folhetim sem fim à vista que vem prendendo a atenção do Brasil.

Gal Maria da Graça Penna Burgos Costa, nascida a 26 de setembro de 1945 em Salvador, na Bahia, eleita pelas revistas *Rolling Stone* e *Time* uma das melhores cantoras do mundo e ícone do movimento artístico Tropicália, ao lado dos amigos Caetano Veloso e Gilberto Gil, vivia desde 1998 com Wilma Petrillo. Segundo amigos, não se conseguia distinguir exatamente onde acabava a relação profissional e começava a sentimental entre elas.

Já Gabriel foi adotado por Gal em 2007, quando tinha dois anos, e desde então viveu com a mãe e com Wilma.

Após a morte de Gal, na madrugada de 9 de novembro de 2022, Wilma pediu a abertura do inventário dos bens da cantora, avaliados em cerca de 20 milhões de reais (perto de 3,7 milhões de euros). E requereu ainda o reconhecimento de união estável com a companheira e a guarda provisória de Gabriel, ainda menor de idade à época. O filho assinou mesmo um documento reconhecendo a união entre Gal e Wilma e disse, em audiência, considerar esta última "uma segunda mãe".

> Após a morte de Gal, na madrugada de 9 de novembro de 2022, Wilma pediu a abertura do inventário dos bens da cantora, avaliados em cerca de 20 milhões de reais (perto de 3,7 milhões de euros).

Mas no último ano, Gabriel mudou de opinião e recorreu, em fevereiro, aos tribunais a pedir a anulação da união estável e, por isso, a fração da herança reivindicada pela viúva.

"Essa gente que está falando que eu teria manipulado Gal, na verdade, está falando mal da própria Gal", disse Wilma ao jornal *Folha de S. Paulo*. "Ela sabia muito bem o que queria e com quem queria andar". De acordo com a empresária, as duas tinham "uma cumplicidade muito grande e um amor maior ainda". Gabriel discorda: "Elas tiveram uma relação bem breve e ela virou empresária, amizade só".

"Aliás", prossegue o filho, "elas brigavam feio todos os dias, tinham relação tóxica". "A nossa relação? Era harmoniosa", rebate Wilma.

A viúva diz que ela, como Gal, também era mãe do menino, adotado após uma visita da dupla a um orfanato. "Eu fui mãe de Gabriel, sim, porque cuidei muito dele. Se eu viajava, trazia malas de brinquedos para ele e até o levava na casa dos amiguinhos". Mais uma vez, o filho de Gal desmente: "Só depois que ela morreu, a Wilma me começou a chamar de mãe, para ter o poder sobre a herança, para ser herdeira junto comigo, eu nunca me senti filho de duas mães, minha única mãe é a Gal Costa".

Quanto a valores, Wilma revela que Gal era chapa ganha, chapa gasta. "Você acha que eu fiquei com o dinheiro dela? Gal ganhava muito, mas gastava demais. Ela torrava o dinheiro, não tinha noção de diferenciar 100 dólares de 100 reais". "Ela falou para mim que não há nada, que não sobrou nada", queixa-se Gabriel Costa, que pede a quebra de sigilo bancário de Wilma. "Sei que há móveis e que há imóveis", diz ele, enquanto na imprensa se especula com contas no estrangeiro, obras de arte ou joias. "As joias nas fotos dos concertos eu pegava emprestadas, como se faz nos EUA", reage Wilma, "a dívida é que é grande, a herança é pequena", completa.

Segundo Wilma, a mudança repentina no comportamento de Gabriel deve-se à nova namorada dele, 30 anos mais velha. "Ele namorava, antes da morte de Gal, uma amiga da escola bonitinha, numa crise do casal, a mãe dela aproximou-se do menino", conta a empresária. Segundo ela, a nova namorada, de nome Daniela, disse a Gabriel ter ido a um centro espírita onde lhe foi revelado que os dois eram amantes na encarnação passada.

"Essa tal da Daniela é uma mulher horrorosa, pavorosa, medonha, de dar medo", diz Wilma. "Ela quer me tirar da parada, ela quer administrar os bens dele, eu não tenho raiva dele não, porque eu sei que não é ele", completa. Gabriel diz não querer entrar "em questões íntimas" mas garante que não foi influenciado por ninguém. "A não ser pelos meus advogados, claro, que me ajudaram".

Luci Nunes, advogada dele, disse ao portal UOL que a namorada do filho de Gal "é uma pessoa bem-sucedida profissionalmente" e "não precisa da herança" deixada pela cantora.

Autópsia e velório

Diagnosticada com cancro meses antes da morte, Gal faleceu após se sentir mal, em casa, num dia em que se submetera a uma sessão de radioterapia. A certidão, entretanto, relata que o óbito decorreu de um enfarte. Embora estivessem ambos presentes no momento do falecimento, Wilma e Gabriel discordam da conclusão.

O corpo de Gal foi direto de casa para o velório, sem passagem pelo Instituto de Medicina Legal, como seria normal, porque Wilma não quis autópsia: "Lembrei-me que um dia assistíamos a um programa sobre autópsias e ela disse 'Deus me livre de deixarem fazer isso comigo'". "Foi tudo muito repentino", diz Gabriel, "quero ter a certeza de que ela morreu de paragem cardíaca", justificando o pedido de exumação do corpo.

"Ele desconfia que eu matei a mãe dele, é isso?" pergunta Wilma, na reportagem do programa *Fantástico*. "Acho que ela não chegaria a esse ponto", diz o filho.

Gabriel exige, por outro lado, que o corpo, enterrado em São Paulo, seja trasladado para o Rio de Janeiro, onde amigos e familiares de Gal garantem que ela queria ficar, ao lado da falecida mãe, Mariah. Wilma, porém, sublinha que Gal foi enterrada na cidade onde vivia porque foi eleita "cidadã paulistana" e "amava a cidade".

Fãs da cantora, entretanto, questionaram o velório, muito aquém do merecido por uma artista da sua dimensão. Em entrevista à *Folha*, Wilma ironizou: "O caixão custou 12 mil reais [2200 euros]. O que eles queriam? Bandas de música?".

Língua somos todos
Margarita Correia

Guiné Equatorial, o nono membro da CPLP – 2

Apesar de ser um país pequeno em território e população, a Guiné Equatorial (GE) tem três línguas oficiais, o espanhol (desde a independência, com uma interrupção na década de 70, durante a ditadura de Francisco Macías Nguema), o francês (oficializado em 1998) e o português (oficializado em 2010). A GE situa-se no golfo da Guiné e é constituída por um território continental, Mbini, e por várias ilhas, a saber, Bioco (antiga Fernão Pó, onde fica a capital, Malabo), Ano Bom (a sul de São Tomé e Príncipe) e ainda Corisco, Elobey Grande e Elobey Pequeno. No total, o território da GE perfaz 28.051 km^2, com uma população, à data do Censo de 2016, de pouco mais de 1.220.000 habitantes.

A ligação da GE a Portugal vem dos finais do século XV, época da descoberta e tomada pelos portugueses. Em 1641, a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais estabeleceu-se em Fernão Pó, mas a ilha foi recuperada em 1648. Com a assinatura do Tratado de el Pardo (1778), Portugal cedeu a Espanha as ilhas da GE juntamente com os direitos de tráfico de escravos e de livre comércio num setor do golfo da Guiné, entre os rios Níger e Ogoué, além da Colónia de Sacramento, no atual Uruguai; em troca, Portugal retomou a ilha de Santa Catarina, na costa brasileira, que havia sido tomada pelos espanhóis em 1877. A Guiné Espanhola manteve-se até 1968, ano da independência do país. A ligação a Portugal encontra-se também espelhada linguisticamente no crioulo de base lexical portuguesa, o fá d'Ambô (falar de Ano Bom), falado por menos de 10 mil habitantes da ilha de Ano Bom. Esta ligação foi, de resto, amplamente usada como argumento pelas autoridades da GE aquando do pedido de adesão à CPLP.

De acordo com o retrato sociolinguístico recolhido por Scott Smith e publicado em 2020, o espanhol é a língua oficial de facto, usado na educação e em todos os documentos do governo. O francês é mais usado no continente e ao nível dos assuntos regionais, dado a GE ser um dos Estados-membros da Comunidade Económica Monetária da África Central (CEMAC). O português não é falado no país. Em Malabo e por toda a ilha de Bioco a língua dominante é um crioulo de base lexical inglesa, chamado "pidgin da Guiné Equatorial", também conhecido como pichi ou pichinglis, que tem vindo a expandir-se na costa ocidental de África, entre a Serra Leoa e os Camarões; a sua variedade de prestígio é a língua materna dos fernandinos, descendentes de escravos libertados da Serra Leoa e da Libéria, que foram voluntários no estabelecimento da primeira colónia britânica, em 1827. São ainda faladas várias línguas bantas da família Níger-Congo na GE, para cujas denominações nem sempre se encontram equivalentes em português, casos em que usarei as designações encontradas em *The Ethnologue*, em itálico. A língua maioritária da GE é o fangue, falada por cerca de 80% da população, originária da região continental, mas levada por migrantes para Bioco e imposta à maioria da população da GE durante a ditadura de Macías (1968-1979); esta língua estende-se também aos Camarões, Gabão e Congo. A língua bubi é falada em Bioco e a língua benga, na ilha de Corisco. Os *playeros* da zona costeira continental, além do benga, falam o iyasa, o kombe e o bapuku ou batanga; nas zonas semicosteiras são falados o baseke ou seki, o bisió ou kwasio, o bagiéli ou gyeli. Muitas destas línguas são transfronteiriças, faladas sobretudo no Gabão e nos Camarões; algumas, como o bagiéli ou o baseke, estão em risco de extinção.

Professora e investigadora, coordenadora do Portal da Língua Portuguesa.

avisos, tribunais e conservatórias

NOVA NOVA SCHOOL OF BUSINESS & ECONOMICS

Publicita-se a abertura de procedimentos de recrutamento de pessoal para a NOVA School of Business and Economics, aos quais podem candidatar-se indivíduos que reúnam as condições fixadas nos avisos disponíveis no seguinte endereço:
https://www2.novasbe.unl.pt/pt/sobre-nos/junte-se-a-nova-sbe

» **Referência NOVASBE.CT.27.2024 –** Um Técnico Superior para exercer funções no Serviço de Pessoas e Cultura na Nova SBE, em regime de contrato individual de trabalho Sem Termo.

» **Referência NOVASBE.CT.28.2024 –** Um Assistente Técnico para exercer funções no Serviço de Pré-Experiência na Nova SBE, em regime de contrato individual de trabalho a Termo Certo.

» **Referência NOVASBE.CT.29.2024 –** Um Técnico Superior para exercer funções no Serviço de Pré-Experiência na Nova SBE, em regime de contrato individual de trabalho Sem Termo.

» **Referência NOVASBE.CT.30.2024 –** Um Assistente Técnico para exercer funções no Serviço de Pré-Experiência na Nova SBE, em regime de contrato individual de trabalho a Termo Certo.

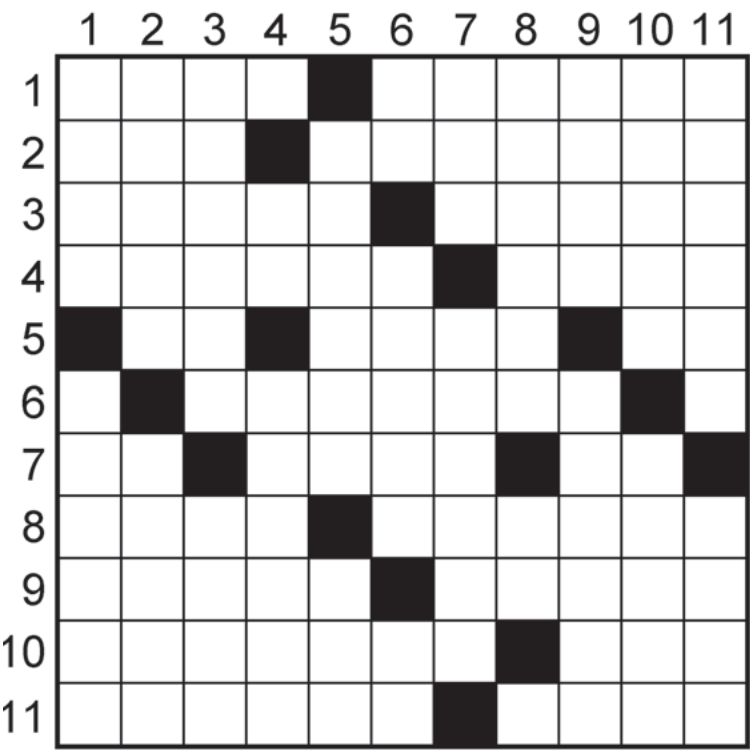
O prazo-limite para submissão das candidaturas é de 6 dias úteis a contar da data da publicação do presente anúncio.

EDITAL 207/2024 | PROJETO MUNICIPAL DENOMINADO "NOVAS ACESSIBILIDADES A MURCHES" – RELATÓRIOS VAPRM

MARIA DE FÁTIMA GONÇALVES VIDAL, Diretora do Departamento Financeiro, da Câmara Municipal de Cascais, no uso da competência subdelegada prevista no ponto 6.1 do Despacho n.º 3/2024 de 24 de janeiro, torna publico a notificação dos expropriados e demais interessados das parcelas de terreno P1 e P2, que se encontram disponíveis para consulta na Divisão de Expropriações, sita no Edifico Cascais Center, piso 2, da Rua Manuel Joaquim Avelar n.º 118, em Cascais, no período das 9h às 13h e das 14h às 17h, os relatórios das vistorias ad perpetuam rei memoriam, realizadas no dia 8 de março de 2024, pelo perito nomeado em 15 de fevereiro de 2024, por despacho da Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa, em cumprimento do disposto no n.º 7 do artigo 21.º do Código das Expropriações, aprovado em anexo à Lei n.º 169/99 de 18 de setembro na sua atual redação.
Mais ficam notificados os proprietários e demais interessados das parcelas supramencionadas, para, querendo, no prazo de 5 (cinco) dias a contar da última publicação do presente Edital nos jornais, apresentar reclamação contra o seu conteúdo.

Cascais e Paços do Concelho, 03 de abril de 2024

A Diretora do Departamento Financeiro
(no uso das competências subdelegadas conforme despacho n.º 3/2024 de 24 de janeiro)
(Fátima Vidal)

PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais:
1. Capaz. Instrumento de sopro, com ou sem pistões, de som estridente. **2.** Casa de habitação. Imbecil. **3.** Enredo. Manobrar os remos. **4.** Intervalo entre duas notas do mesmo nome (Música). Crivo. **5.** Rádio (símbolo químico). Guarnecer com abas. Elas. **6.** Que rala. **7.** Prefixo (afastamento). Tecido. Preposição que indica lugar. **8.** Caruma (popular). Vento brando. **9.** Arremessa. Tempo em que o Sol está abaixo do horizonte. **10.** Palavra que o computador interpreta como uma ordem. Oceano. **11.** Sem a noção dos princípios da moral. Diligência e pontualidade em qualquer serviço.
Verticais:
1. Elevado. Peça de vestuário de cerimónia para homem. **2.** Dar à luz filhos. Cosmético usado para pintar ou proteger os lábios. **3.** Cuidar. Blandícia. **4.** Símbolo de miliampere. Cortar as beiras de. **5.** Peixe comum em Portugal, também conhecido por sarda. Nome feminino. **6.** Crómio (símbolo químico). Sacode. Decilitro (abreviatura). **7.** Decifrar. Atavio. **8.** Maciço artificial de terras. «A» + «o». **9.** Montão. Sistema político de governar uma nação. **10.** Cheira. Dinheiro (figurado). **11.** Que leva tempo a fazer. Simples.

SUDOKU

					4			
2			6				7	
5			8				6	9
6			9	4		7	3	
		3						
	7	8	3		2			1
	9			3	6			4
8	2						1	
				8	1	2	9	

SOLUÇÕES

1	3	6	7	9	4	5	2	8
2	8	9	6	1	5	4	7	3
5	4	7	8	2	3	1	6	9
6	1	2	9	4	8	7	3	5
4	5	3	1	6	7	9	8	2
9	7	8	3	5	2	6	4	1
7	9	1	2	3	6	8	5	4
8	2	4	5	7	9	3	1	6
3	6	5	4	8	1	2	9	7

Palavras Cruzadas
Horizontais:
1. Apto. Clarim. 2. Lar. Cretino. 3. Trama. Remar. 4. Oitava. Ralo. 5. Ra. Abar. As. 6. Ralador. 7. Ab. Pano. Em. 8. Sama. Aragem. 9. Atira. Noite. 10. Comando. Mar. 11. Amoral. Zelo.
Verticais:
1. Alto. Casaca. 2. Parir. Batom. 3. Tratar. Mimo. 4. Ma. Aparar. 5. Cavala. Ana. 6. Cr. Abana. Dl. 7. Ler. Adorno. 8. Aterro. Ao. 9. Rima. Regime. 10. Inala. Metal. 11. Moroso. Mero.

Formas com gente dentro, o segredo do *design* italiano

ITÁLIA Selo de qualidade e arrojo estético, o *made in Italy* há muito que conquistou os amantes de moda e do *design*. Nas vésperas do Salão de Mobiliário de Milão (14 a 20 de abril), o DN falou com a curadora, Maria Cristina Didero.

TEXTO **MARIA JOÃO MARTINS**

"Costumo dizer que o meu mantra é considerar que o *design* é sobre as pessoas e não sobre cadeiras", garante Maria Cristina Didero.

STEFANO FERRONI

Em 2017, a revista *AD – Architectural Digest* considerou-a a curadora de *design* mais *cool* de Milão. Sete anos depois, Maria Cristina Didero reforçou ainda mais um percurso que combina solidez conceptual com inovação, a tal ponto que foi a convidada deste ano da Embaixada de Itália em Portugal para celebrar o Dia do Design Italiano no mundo, sob o lema "Fabricar valor – inclusividade, inovação e sustentabilidade".

Embora, por motivos pessoais, Didero tenha participado por *streaming* na sessão, realizada no ateliê QuartoSala, em Lisboa (onde habitualmente são expostas várias marcas italianas), moderou um debate com Giusi Tacchini, responsável da marca italiana Tacchini, Arianna Lelli Mami, do ateliê de Milão Studio-Pepe, e a portuguesa Guta Moura Guedes, fundadora da ExperimentaDesign.

Apesar do *curriculum* impressionante, não se pense, no entanto, que Maria Cristina Didero tem uma conceção demasiado formal do *design*, como nos disse: "Acredito que a 'estrela' é sempre o *designer* e que depois dele é que estão os objetos. O curador é um amigo, ou um guia, que ajuda a contar uma história, a desenvolver um determinado projeto. Comecei a fazer este trabalho numa época em que ele ainda não era tão popular como hoje. Não havia formação específica ou escolas que nos preparassem para o desempenhar e desenvolver. Posso dizer que aprendi tudo no terreno, desde o modo como se prepara uma apresentação à logística necessária ao transporte das peças, passando pela antecipação da possível reação do público. Hoje isso já não é assim e fico muito contente que muitos jovens já possam receber formação nestas áreas."

Da Vitra para a Wallpaper

Maria Cristina Didero trabalhou no Vitra Design Museu durante 14 anos, depois disso tornou-se diretora executiva da Fondazione Bizassa e foi consultora nesta área para instituições e empresas como Design Singapore Council, Fritz Hansen, Lexus, Fendi, Louis Vuitton e Valextra. Tem colaborado como mentora e júri de prémios atribuídos por plataformas internacionais como a Design Anthology, Dezeen, a Lexus Design Award e a portuguesa ExperimentaDesign.

Neste momento é editora em Milão da revista *Wallpaper*, curadora da Miami Design, para além de ser autora de dezenas de estudos sobre o tema e ainda de um filme, em parceria com Francesca Moltani, intitulado *SuperDesign. Italian Radical Design 1965–1975*. Nele, Maria Cristina desenvolve a sua conceção socialmente comprometida da disciplina a que se dedicou: "Costumo dizer que o meu mantra é considerar que o *design* é sobre as pessoas e não sobre cadeiras", diz-nos. "Com isso quero dizer que procuro sempre investigar e perceber por que razão os objetos aparecem (e como) e que necessidade vêm preencher. O meu foco é pensar no gesto e depois no seu resultado. Sei que há outros críticos e curadores que fazem o processo inverso, o que é perfeitamente legítimo."

> *"Acredito que a 'estrela' é sempre o* designer *e que depois dele estão os objetos. O curador é um amigo, ou um guia, que ajuda a contar uma história, a desenvolver um determinado projeto."*
>
> ***Maria Cristina Didero***
> *Curadora*

Como o documentário de que é coautora sugere, Maria Cristina tem uma predileção pelo movimento de *design* radical italiano dos anos 60. Fascina-a "o modo como as pessoas reagiam aos objetos, como desenvolveram ideias criativas". Acredita no poder das artes, do *design* e da tecnologia e da combinação entre todas estas formas. "A minha paixão por este movimento tem a ver com o modo como os valores sociais e políticos estão presentes nestas peças. O bom *design* reflete sempre a cultura e o tempo em que surgiu e o modo como as pessoas viveram." E acrescenta, a propósito das asperezas da vida de hoje: "Acredito que o *design* é um instrumento fundamental para melhorar o mundo, pois estimula a nossa mente, leva a que façamos muito mais perguntas do que damos respostas. É essa a sua magia."

Nesta ocasião, o antigo embaixador de Itália em Portugal Carlo Formosa sublinhou a importância de encontros como este para o desenvolvimento do *design* e garantiu o empenho do seu governo em apostar neste setor, hoje fundamental para a economia italiana.

dnot@dn.pt

Diario de Noticias

A ANTE-VESPERA DO "9 DE ABRIL"

A cerimonia de ontem no Mosteiro da Batalha

A MAIS BELA DAS IMPONENCIAS NA MAIS SANTA DAS SIMPLICIDADES

DOIS MILHÕES de libras

O AVIÃO "PATRIA"

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 8 DE ABRIL DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

DOIS MILHÕES de libras

estão assegurados ao govêrno português com uma taxa inferior á do Banco de Londres

Os jurcs dos papeis externos não serão reduzidos

Ontem, na Camara dos Deputados, o sr. ministro das Finanças, pouco depois de se iniciarem os trabalhos, estando no uso da palavra, aproveitou o ensejo para transmitir á Camara a noticia de que estavam assegurados ao Tesouro aberturas de creditos em libras. Essa comunicação foi feita nos seguintes termos:

Posso comunicar á Camara, para conhecimento do Parlamento e do País, que estão assegurados ao Tesouro, em Londres, aberturas de creditos em libras.

Estes creditos serão de duas categorias. Pela primeira categoria a abertura dos creditos efectuar-se-á por series sucessivas de 200.000 £. até ao total de 1.300.000 £.

Se as circunstancias aconselharem, o Tesouro poderá contar, por esta categoria, com disponibilidades de mais cêrca de meio milhão de libras.

Pela segunda categoria de creditos o Tesouro, além de somas provenientes das operações da primeira categoria, poderá obter uma serie sucessiva de creditos a curto prazo, sempre renovaveis, o que consentirá elevar as disponibilidades totais a 2.000.000 £.

Os creditos da primeira e segunda categoria nenhuma relação nem ligação têm com a aquisição ou fornecimento de mercadorias, constituindo disponibilidades absolutamente livres que o Tesouro poderá aplicar como julgar util e necessario.

Estes creditos serão obtidos por operações de Tesouraria inteiramente dentro da competençia e faculdades do Ministerio das Finanças.

Fizera anteceder estas explicações, declarando que de Abril a Julho, os encargos em ouro, atingiriam 1.030.000 libras, estando o Estado garantido com as receitas suficientes e afirmando que o governo, ao contrario do que se vem ha tempo propalando, não pensou, nem pensa fazer qualquer redução nos juros dos papeis externos.

Estas explicações não satisfizeram uma parte da Camara e como a presidencia não tivesse querido abrir logo uma inscrição especial para elas serem discutidas, esboçaram-se protestos nas bancadas monarquicas e nacionalistas.

Só mais tarde, a sequencia dos trabalhos da Camara permitiu que, a requerimento do deputado nacionalista, sr. **Lelo Portela**, se abrisse uma inscrição especial para considerar o assunto, cuja gravidade a Camara ponderou.

Quais são as garantias dadas pelo govêrno e quais os seus encargos?

O sr. **Jorge Nunes** (sub-«leader» nacionalista) depois de manifestar a pouca precisão e insuficiencia das declarações do chefe do governo e ministro das Finanças, formulou as seguintes preguntas, cuja resposta solicitou:

Como pode o Estado dispôr de 150 ou 130.000 contos para adquirir 1.030.000 libras até Julho?

O credito de 1.300.000 é caucionado pela prata?

As 700.000 libras não são caucionadas?

Depois do sr. **Morais de Carvalho** (monarquico) haver estranhado que á Camara não tivessem sido dadas francas explicações acerca das garantias dos creditos e de ter feito uma demorada apreciação das declarações feitas, o sr. **Jaime de Sousa** (democratico) ponderou que se as operações estão realizadas, não vê razões que possam impedir o conhecimento claro das condições em que elas se efectuaram.

E acrescentou:

Ha duas categorias de operações, uma de £ 1.300.000, de que o Governo pode já dispôr, quando entender, e outra complementar de £ 700.000 de que o Governo se reserva a oportunidade de realizar.

Se se trata de operações de tesouraria, por que não indica os seus termos? Quais os seus encargos? Quais as garantias dadas pelo Governo?

Está certo, concluiu, que o sr. ministro das Finanças dará á Camara as necessarias informações, por fórma a tranquilizar os que sobre o caso têm apreensões e a evitar a especulação cambial.

O sr. **Barros Queirós** (nacionalista) falando em seguida, fez a proposito variadas considerações, tendo formulado preguntas identicas ás já feitas pelo sub-«leader» do seu partido, manifestando mais o desejo de saber:

—quais os prazos e as taxas dos creditos abertos?

Que destino terão essas libras, visto què os encargos do Estado estão assegurados?

A garantia dos creditos póde ser a prata ou outra qualquer que o Estado entender

O sr. **ministro das Finanças** (Alvaro de Castro) disse que não via vantagem alguma em dar explicações minuciosas sobre operações de tesouraria, que se podiam realizar sem ter que vir á Camara dar delas contas. Mas, está pronto a dar informações no que fôr util, e assim vai responder ás preguntas que lhe foram feitas.

Quanto aos encargos da divida externa, eles são colhidos, diariamente, pela Junta do Credito Publico, da receita das Alfandegas. Os outros encargos, que são de 400.000 libras são inteiramente cobertos por receitas proprias, ouro, como emolumentos consulares, farolagem, etc.

Eles são suficientes para fazer face aos encargos de 4 meses. A garantia pode ser a da prata ou outra qualquer que o Estado entender.

Os prazos não os pode precisar, pois podem ser mais ou menos longos.

A taxa será inferior á do Banco de Londres.

Ao que se destinam os creditos? Não tem, neste momento, o Estado nenhum encargo para que destine esse credito e por isso não estão já abertos. Mas entendeu que era util poder abri-los em qualquer altura.

Calcula que não necessitará faze-lo até Julho.

O governo não carece de vender libras para realizar escudos, como o tem feito desde Março.

O sr. **Carvalho da Silva** (monarquico) que pedira a palavra sobre a ordem, começou a justificar uma moção, considerando imprecisas as explicações. Por causa do Congresso o debate ficou suspenso, devendo concluir na sessão de hoje.

O AVIÃO "PATRIA"

levantou ontem vôo de Vila Nova de Milfontes em direcção a Oran

O temporal obrigou os heroicos aviadores a aterrar em Malaga, devendo atravessar hoje o Mediterraneo, se o tempo o permitir, para cobrir a primeira etapa

O avião «Patria», que ha dias se encontrava no campo de Vila Nova de Milfontes, esperando tempo seguro e certo, iniciou ontem a sua viagem aérea para Macau, levando como tripulantes os ilustres e arrojados aviadores capitães Brito Pais e Sarmento Beires. Embora o tempo estivesse bastante duvidoso, os valentes aviadores tiveram necessidade de começar a viagem, pois não havia maneira de, em Vila Nova de Milfontes, recolher convenientemente o aparelho. O aérodromo é muito desabrigado, e como o aparelho estivesse exposto á acção do tempo, foi na tarde de sabado surpreendido por um tufão, que certamente o teria arrebatado se não fôsse o terem-se a ele agarrado os aviadores, varios oficiais e muito povo.

Semelhante acontecimento obrigou os aviadores a pensarem, sem grandes demoras, na saída do aparelho.

Como no domingo, durante o dia, se receberam informações metereologicas acusando bom tempo tanto na peninsula como no Mediterraneo e litoral norte de Africa, resolveram os aviadores levantar vôo logo que amanhecesse, tanto mais que haviam tido conhecimento de que todos os preparativos e prevenções estavam sendo realizadas não só com regularidade, mas tambem com eficacia.

Dêste modo, domingo á tarde, realizou-se em casa dos pais do capitão Brito Pais o jantar de despedida. Festa intima e impressionante. Os aviadores cantaram as suas esperanças no exito duma gloriosa tentativa que os enobrecia, enobrecendo o seu país, e no momento dos brindes, a alma heroica da raça expandiu-se em ternura e amor, numa ansiada aspiração de gloria e de conquista.

O povo, em multidão, acode ao campo, para saudar os heroicos aviadores

Haviam sido feitas na vespera as ultimas experiencias. O motor Renault de 300 H. P. funcionava admiravelmente. Bom sintoma; meia certeza no exito da arrojada tentativa.

Tudo o mais estava no seu lugar e funcionava a seu tempo—tal foi o resultado que da sua inspecção obteve o dedicado e habil mecanico Manuel de Sousa.

Segunda-feira. Cinco horas da manhã. As primeiras claridades indecisas começam a dealbar os longes. Nas ruas de Vila Nova de Milfontes agitava-se uma multidão de curiosos que mal dormira para não perder o inolvidavel espectaculo. A noticia da partida espalhára-se na vespera e foi levada aos arredores, onde se albergavam inumeras pessoas que na vila não puderam encontrar aposentos. De forma que, noite alta, aproveitando todos os meios de condução, lá tomaram o rumo do campo que o pai de Brito Pais, como em tempo se tornou publico, ofereceu á aviação portuguesa.

Havia ali um bulicio de feira, cheio de rumor, entusiasmo e curiosidade. O grupo das senhoras era numeroso. Entre a multidão notavam-se os oficiais aviadores major Cifka Duarte, director interino da Aeronautica Militar; capitão Castro Silva, actual director do Grupo de Esquadrilhas Republica; capitães Cabrita, Pinheiro Correia, Cunha e Almeida; tenentes Avila, Amado Cunha, Sergio e Metelo; capitão Jardim da Costa e tenentes Costa e Caldas, e os srs. Manuel Vitor Guerreiro, dr. Mario de Castro, Rogerio Santos Silva, etc.

A's 5 horas e meia os capitães Sarmento Beires e Brito Pais, acompanhados pelo pai e irmãos do ultimo e por muitas outras pessoas, entraram no campo de aviação.

Um movimento, mixto de curiosidade e carinho, fez agitar a multidão. Nos labios havia preces e nos olhos de muitos as lagrimas traduziam amor e esperança.

Aproximaram-se do aparelho, que, no meio do campo, envolto pela claridade frouxa da manhã, jazia altivo na atitude de quem estava prestes a desafiar os elementos. Brito Pais, saltando para a «carlinga», dispõe os poucos objectos de viagem: uma pequena mala contendo roupas, uma garrafa termica com café e leite, «tablettes» de chocolate e bolachas, «carnet» para registo de notas do «diario de bordo», cartas, atlas, mapas, etc.

Estava tudo a postos. Os depositos receberam 1.200 litros de gasolina. Num outro despejou-se oleo.

A multidão ia seguindo com ansiedade todos estes preparativos.

Em grupo, com os seus camaradas, os dois ilustres aviadores conversavam tão despreocupadamente que ninguem os supuria prestes a realizar uma viagem de maravilhoso arrojo e heroismo.

Os aviadores fazem as suas despedidas que impressionam e comovem a multidão

O motor começou a despedir as primeiras descargas. Sarmento Beires e Brito Pais começaram as suas despedidas.

Este ultimo dirigiu-se em primeiro lugar para seu pai. Caem nos braços um do outro. As lagrimas orriam e um «frisson» de comoção passou por todo aquele povo embevecido... A scena era extremamente comovente.

Separaram-se. Os seus olhares fitaram-se enternecidamente, e então, num nervoso gesto, o pai de Brito Pais, tirando do dedo um anel de ouro, reliquia brazonada da familia, meteu-o, comovidamente, no dedo de seu filho. Um beijo selou este acto quasi sobreumano! Abraçou depois os seus irmãos e beijou sua irmã, a sr.ª D. Maria do Céu Pais Falcão, que foi a madrinha do «Patria».

Sarmento Beires, franzino, delicado, tipo de cavaleiro medieval, com o seu eterno sorriso de criança nos labios, fez tambem as suas despedidas. A multidão resava.

A partida!

Os dois arrojados navegadores do ar subiram para a «carlinga». A multidão acercou-se do aparelho. Sarmento Beires tomou o lugar na frente, á direita; Brito Pais, um pouco á retaguarda, sentou-se á esquerda.

O aparelho roncava agora com maior estridor. Parecia que, como os cavalos de raça, ardentes e fogosos, o aparelho sentia a direcção dos seus pilotos.

Os soldados, a um sinal do mecanico, retiraram os calços, e o «Pátria» deslisou, enorme, soberbo, depois dos seus tripulantes terem feito o derradeiro adeus.

A multidão, empolgada pelo espectaculo, agitava lenços, bradava saudações! Boa viagem! Boa viagem! Labios femininos diziam preces. Olhos marcjados incutiam esperança...

E o «Patria», graciosamente, rolando pelo campo, foi apressando a sua marcha; e, andados uns mil metros, levantou vôo, serenamente, para a imortalidade...

Eram seis horas, 1 minuto e 30 segundos cronometricos.

Foi-se elevando no espaço, seguido por milhares de olhos, e talvez a uma distancia de 700 a 800 metros deu duas voltas sobre a pista.

Os lenços e os chapeus agitavam-se mais agora. A multidão comprimia-se, no gesto de quem queria comunicar aos outros o seu entusiasmo e a sua esperança. Alguns binoculos seguiam com interesse a marcha gloriosa do «Patria». Favorecido pelo vento que era leste, tomou logo rumo directo para Alger. Passados 10 minutos, o avião havia-se perdido na cerração.

As primeiras noticias são recebidas com ansiedade

A multidão dispersou, tendo ainda nos longes os olhos ansiosos. Faziam-se previsões; mas a esperança duma viagem feliz cantava em todas as bôcas.

Como tinham sido tomadas todas as providencias para que a passagem do «Patria» fôsse assinalada, pouco depois começavam a chegar á estação de Vila Nova de Milfontes os primeiros telegramas acusando a passagem em alguns pontos. Os radios desde manhã que se trocavam sobre o «raid». A's 5 horas e 50 minutos foi recebido pela estação da Amadora uma comunicação de Tanger, preguntando se o avião ia a Oran.

A's 10 horas e 30 minutos, segundo os radios recebidos ontem á tarde em Lisboa, o «Patria», devido ao fortissimo temporal, principalmente á chuva teve de aterrar no campo de Malaga. Essa aterragem fez-se magnificamente, sem qualquer contratempo.

Mais tarde chegaram novas informações, confirmando que efectivamente o temporal ali era enorme.

Os colegas dos srs. Brito Pais e Sarmento de Beires calculam que o «Patria» possa hoje já retomar a sua marcha, fazendo parte do percurso de noite. Ao sair de Malaga, o aparelho atravessará o Mediterraneo, num percurso de 180 quilometros, que se espera seja coberto com pouco mais de uma hora.

O «Breguet», pilotado pelo tenente sr. Avila e os seus companheiros, regressou ontem a Lisboa, levantando vôo de Milfontes para a Amadora ás 9 horas da manhã. Voando entre 400 a 500 metros e lutando com ventos contrarios, o aparelho, depois de ter voado uns 40 minutos, ao chegar proximo de Sines, foi surpreendido por muita chuva e trovoada, tendo de voltar á procedencia. Como o tempo melhorasse um pouco, voltou a levantar vôo ás 11 horas, chegando á Amadora depois do meio dia. Nesta segunda jornada tambem lutou com muito mau tempo, principalmente entre Setubal e Lisboa.

O tenente aviador sr. Avila, se o tempo melhorar, volta hoje a Milfontes a buscar o major sr. Cifka Duarte.

O aparelho pilotado pelo tenente sr. Sergio, e que tinha tambem seguido ante-ontem para Milfontes, foi na mesma tarde para Serpa, como referimos noutro lugar.

A passagem por Vila Real

VILA REAL, 7.—Hoje passou por esta vila, ás 7 horas e tão baixo, que se lhe lia perfeitamente o nome «Patria», com destino a Ovar, o aparelho onde os arrojados pilotos capitães Brito Pais e Sarmento Beires seguem com destino a Macau, fazendo todos sinceros votos para que cheguem bem ao seu destino, para gloria e grandeza da Patria e do seu bom nome.

Aqueles que o acaso fez assistir á passagem saudavam os aviadores, desejando-lhes boa viagem.

Os capitães Brito Pais e Sarmento de Beires

FOTOS: MIGUEL A. LOPES/LUSA

A marcha partiu da Praça do Município em direção ao Intendente e contou com a presença da líder do BE, Mariana Mortágua (foto de baixo).

Mil pessoas marcharam pelo mote: "Abril pela Palestina"

MANIF Plataforma criada após início da guerra na Faixa de Gaza realizou iniciativa com vista a fazer paralelo com a conquista da liberdade em Portugal.

Mais de mil pessoas juntaram-se ontem em Lisboa, à marcha "Abril pela Palestina", na qual se ouviram críticas ao governo de Israel e apelos para parar "um novo genocídio".

"Não deixa de ser irónico que no dia em que passam 30 anos sobre o massacre do Ruanda estamos na rua para chamar a atenção, para dizer que chega de um novo genocídio, desta vez na Palestina [...] e o mundo continua a dormir. Israel ignora o Tribunal Internacional, Israel ignora o Conselho de Segurança da ONU, Israel ignora tudo", criticou um elemento da Plataforma Unitária de Solidariedade com a Palestina (PUSP).

A ativista defendeu a existência de "sanções e sanções económicas, porque já se percebeu que, de acordo com o direito, Israel não vai agir".

A PUSP nasceu em outubro, quando se iniciou a atual guerra na Faixa de Gaza. "Nunca pensámos que seis meses depois ainda aqui estaríamos e que teríamos que continuar, e vamos continuar, porque o cansaço já é muito grande mas não é nada comparado com o que estão a sentir e a passar as pessoas lá", garantiu à Lusa Ana Nicolau, que apelou às "pessoas que têm coração" para que digam na rua "não, basta, é preciso um cessar-fogo permanente, incondicional e imediato".

Com o calendário já a marcar abril, mês em que se assinala a Revolução portuguesa de 1974, a organização quis também recordar a data, porque "com Abril veio a liberdade, obviamente, e veio a descolonização", assinalou, fazendo um paralelo com a situação de Israel e da Palestina.

A marcha partiu da Praça do Município, Lisboa, pouco depois das 15h40 em direção ao Largo do Intendente, com passagem pelo Largo do Carmo.

Ainda à frente ao edifício da Câmara de Lisboa, a coordenadora do Bloco de Esquerda, Mariana Mortágua, defendeu ser um dever de Portugal reconhecer o Estado da Palestina e desafiou o ministro dos Negócios Estrangeiros [Paulo Rangel] a abandonar "posições irresponsáveis em que negava o genocídio" em Gaza. [*ver mais na página 11*]

DN/LUSA

BREVES

Secretário-geral da JSD é candidato à presidência

O atual secretário-geral da JSD, João Pedro Louro, anunciou ontem que é candidato à presidência desta estrutura da juventude do PSD no Congresso marcado para junho. De acordo com um comunicado enviado à Lusa, o anúncio da candidatura foi feito no Conselho Nacional da JSD, realizado nesse dia na Covilhã. Na mesma nota, são destacadas algumas das propostas do candidato, como a aposta em programas de literacia financeira desde o ensino básico, o reforço da representação estudantil nos estabelecimentos de ensino ou a abertura de uma delegação da AICEP exclusivamente dedicada a captar investimento para territórios de baixa densidade populacional. João Pedro Louro compromete-se também com bandeiras da atual liderança da JSD – e que fizeram parte do programa eleitoral da coligação Aliança Democrática (que juntou PSD, CDS-PP e PPM) – como uma taxa máxima de 15% de IRS para os jovens ou a garantia de financiamento bancário a 100% para a compra da primeira habitação.

Jogadores do Varzim imóveis no relvado em protesto

Os jogadores do Varzim, clube da Liga 3 de Futebol, ficaram ontem parados no relvado, durante um minuto, imediatamente depois do apito inicial de arranque da partida com o Lusitânia de Lourosa, da oitava jornada da fase de apuramento de campeão da competição.
A medida, segundo disse à Lusa fonte do plantel poveiro, prende-se com um protesto pelos três meses de salários em atraso ao grupo de trabalho do histórico emblema da Póvoa de Varzim.
Assim que o árbitro da partida apitou para o início do desafio, os jogadores do Varzim ficaram imóveis no relvado. A ação mereceu o respeito do adversário, com o Lusitânia de Lourosa a apenas trocar a bola, sem, no entanto, visar a baliza dos poveiros.
O Varzim passa por uma grave crise financeira, que tem precipitado dificuldades no pagamento dos compromissos, nomeadamente com o plantel.
O clube está a ser gerido, desde janeiro, por uma comissão administrativa, depois da demissão da anterior direção, liderada por Edgar Pinho.
Nesta fase de apuramento de campeão da Liga 3, o Varzim ocupa o último lugar, com quatro pontos em sete jogos realizados nesta fase.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Secretário-geral** Afonso Camões **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt

56599
5 605290 023002